

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Lucas Barreto Klein

**PROFISSIONALIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS  
ATLETAS DE FUTSAL EM SANTA CATARINA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jaison José Bassani

Florianópolis  
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Klein, Lucas Barreto  
PROFISSIONALIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS ATLETAS DE  
FUTSAL EM SANTA CATARINA / Lucas Barreto Klein ;  
orientador, Jaison José Bassani - Florianópolis, SC, 2014.  
145 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-  
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Futsal. 3. Juventude. 4. Escolarização.  
5. Formação profissional. I. Bassani, Jaison José. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-  
Graduação em Educação. III. Título.

LUCAS BARRETO KLEIN

**PROFISSIONALIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DE JOVENS  
ATLETAS DE FUTSAL EM SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Florianópolis, 25 de Agosto de 2014.

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ione Ribeiro Valle  
Coordenadora do PPGE/UFSC**

**Banca examinadora:**

---

**Orientador: Prof. Dr. Jaison José Bassani  
Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade Federal  
de Santa Catarina**

---

**Membro: Prof. Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares  
Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade Federal  
do Rio de Janeiro**



## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a todos meus familiares, meu pai Marcos, minha mãe Eloisa e meu irmão Vinícius, pelo exemplo de carinho e educação que me deram, necessários para poder estar cursando e agora concluindo este curso. *Amo muito vocês.*

Agradecer também a uma pessoa muito especial que fez parte de toda esta trajetória, minha noiva Nadja, que esteve ao meu lado em todos os momentos bons e principalmente nos difíceis. Nós vencemos esta batalha juntos. *Te amo muito.*

Ao professor, amigo e orientador Jaison Bassani e também aos colegas do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea, grupo no qual faço parte, e que proporcionou momentos de grandes discussões e aprendizagens. Foi a partir dos nossos encontros que surgiu a proposta deste trabalho. *Muito obrigado!*

Aos colegas de trabalho do Avaí Futebol Clube, em especial ao amigo Marcelo Pereira, que nestes últimos anos me fizeram ver o esporte de outra maneira e principalmente por compreender a importância deste projeto de vida. *Muito obrigado!*

E também ao professor e amigo Paulo Capela, companheiro de conversas e lições para a vida. Você sempre acreditou que este projeto era possível. *Um forte abraço!*

### **Parar de Sonhar**

*“Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar, de invejar sua coragem de anunciar e denunciar. Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora, se atrelarem a um passado de exploração e de rotina.”*

(Paulo Freire)



## RESUMO

Estudos que investigam o processo de formação de atletas e a formação escolar são ainda pouco numerosos no Brasil. Diante desse quadro, a presente pesquisa teve como objetivo compreender expectativas que cercam as possibilidades de profissionalização e escolarização de jovens atletas que estão inseridos em categorias de base de futsal em clubes catarinenses, focalizando seus sonhos, rotinas de treinamento, apoio familiar, condições sociais, plano de carreira e, principalmente, quanto à compatibilização entre os treinamentos/viagens e a escolarização básica. A investigação foi realizada por meio de aplicação de questionários com jovens atletas entre 14 e 20 anos de idade que integram as categorias de base das principais equipes profissionais de futsal do Estado de Santa Catarina participantes da *Divisão Especial de Futsal* no ano de 2013. Selecionamos também um desses clubes para observações sistemáticas e acompanhamento da rotina de treinamentos e de escolarização, com foco em quatro atletas considerados como apostas de profissionalização do clube, entrevistados após o período de observações. Os principais resultados desta pesquisa mostram que o futsal faz parte da história de vida desses jovens desde a infância, e o projeto de carreira no futsal ganha importância à medida que o jovem se aproxima da profissionalização, sobretudo em relação à continuidade dos estudos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futsal; Juventude; Escolarização; Formação Profissional.

## **ABSTRACT**

Brazilian studies that investigate the relationship between schooling and athletic career, in students athletes are few in numbers. Considering it, this research aimed to understand the expectations that surrounds the possibilities of profisionalization and schooling of young athletes that are part of base level of the most important professional teams of Futsal in Santa Catarina state, focusing on their dreams, training routine, family support, social conditions, career goals and, mainly, the compatibility between training, competitions trips and schooling demands. The research was conducted through questionnaires with young athletes aged between 14 and 20 years old that integrate the base level of major professional Futsal teams in the state of Santa Catarina Special Division Futsal in 2013. One of these clubs was also selected for systematic observation and monitoring of routine training and schooling, focusing on four athletes considered talented by the clubs. They were interviewed after the observation period. The main results of this research show that Futsal is life part of the these young athletes since childhood, and the goals of the sport career gains importance as the young approaches the professionalization, especially regarding the continuation of studies.

**KEY-WORDS:** Futsal; Youth; Schooling; Professional Career.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Distribuição percentual do nível de ensino em que os atletas estão matriculados.....	50
------------------------------------------------------------------------------------------------	----

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Distribuição da amostra da pesquisa .....	27
Tabela 2: Dados demográficos.....	32
Tabela 3: Indicadores socioeconômicos.....	34
Tabela 4: Quantidade de treinos, tempo de treino e tempo de deslocamento para o treino .....	46
Tabela 5: Tempo de escola e tempo de deslocamento para a escola.....	47
Tabela 6: Padrão semanal do tempo gasto nas atividades relacionadas ao futsal e a escola .....	48
Tabela 7: Média de frequência por tipo de escola da população brasileira, de Santa Catarina e dos atletas investigados .....	53
Tabela 8: Escolaridade dos pais .....	56
Tabela 9: Notas parciais e faltas .....	61
Tabela 10: Repetência na escola .....	64
Tabela 11: Deseja estudar até que nível de ensino?.....	66
Tabela 12: Atividades fora da escola e clube.....	70

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	26
1 PROCESSO DE INICIAÇÃO E FORMAÇÃO NO FUTSAL DE BASE NO ESTADO DE SANTA CATARINA .....	30
2 PERFIL EDUCACIONAL DE JOVENS ATLETAS DE FUTSAL EM SANTA CATARINA: CONCORRÊNCIA ENTRE PROJETOS DE FORMAÇÃO .....	49
3 O COTIDIANO DE TREINAMENTO DE JOVENS ATLETAS DE FUTSAL EM UM CLUBE CATARINENSE.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	113
REFERÊNCIAS .....	120
ANEXOS.....	126

## INTRODUÇÃO

Sabe-se do enorme prestígio que as práticas esportivas gozam em nossa sociedade. O século vinte foi fortemente influenciado pelo esporte e, ao que tudo indica, o presente século também se pautará em seus valores e normas, mantendo-o como uma de suas referências centrais, já que ele representa como poucos a ideologia do sucesso, da superação, da rejeição dos limites, do progresso corporificado e individualizado nas imagens de atletas e suas performances (BASSANI; TORRI; VAZ, 2003).

No Brasil isto se reforça, sobretudo, pela realização de dois megaeventos esportivos num curto espaço de tempo, a Copa do Mundo de Futebol da FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado), em 2014, e os Jogos Olímpicos, em 2016, na cidade do Rio de Janeiro, o que acaba estimulando, mais do que nunca, o mercado esportivo a projetar seu crescimento. Este cenário tende ainda a criar um ambiente simbólico favorável para o fortalecimento do discurso e do sentimento nacionalistas, sobretudo para a juventude brasileira (JUVENTUDE, 2009). O esporte, que se encontra longe de constituir-se como um fenômeno neutro, de dimensão puramente física e fisiológica, apresenta-se, assim como outras manifestações da cultura humana, como um potente terreno de disputas, tanto no âmbito simbólico quanto econômico.

O fenômeno esportivo possui também uma destacada presença no ambiente escolar, seja como conteúdo central das aulas de Educação Física (BASSANI; TORRI; VAZ, 2003; KUNZ, 1989, 2001) ou como prática extracurricular (TORRI; ALBINO; VAZ, 2007). Desta forma, os esportes são motivo de canalização de importantes recursos financeiros, materiais e simbólicos, tanto nas escolas brasileiras quanto em projeto sociais.<sup>1</sup> Em nosso imaginário social acreditamos que o esporte

---

<sup>1</sup> Tais características são encontradas, por exemplo, no Programa Segundo Tempo, projeto do Ministério do Esporte que prevê núcleos de práticas esportivas para crianças, jovens e adolescentes entre 6 e 17 anos de idade em diferentes Estados da Federação. Inserido na concepção de Esporte Educacional, o Programa, em parceria com prefeituras, ONGs, órgãos públicos e iniciativa privada, atende, atualmente, cerca de 25 mil crianças e adolescentes em 250 núcleos presentes em 130 municípios catarinenses. Disponível em: <<http://www.institutocontato.org.br/acoes/programa-segundo-tempo/>>. Acesso em: 27 fev. 2012. Sobre a relação entre esporte, projetos sociais e camadas populares, consultar, entre outros, Vianna e Lovisolo (2011) e Melo, Ferreira Neto e Votre (2009).

representa um fator fundamental para a educação de crianças e jovens, sobretudo de camadas populares, atribuindo-se a ele, inclusive, o papel de livrar as pessoas do consumo das drogas<sup>2</sup> (BASSANI; TORRI; VAZ, 2003).

Pode-se dizer que, no Brasil, as pesquisas sociológicas que buscam compreender o fenômeno esportivo e suas relações com a escola tiveram início a partir das elaborações de Alba Zaluar em artigo intitulado “O esporte na educação e na política pública”, publicado no ano de 1991 na revista *Educação & Sociedade*. Pouco tempo depois, em 1994, a autora lançou o livro *Cidadãos não vão ao paraíso: juventude e política social*, no qual o esporte é também objeto de investigação. Nesses trabalhos, a autora procurou, entre outros aspectos, traçar um perfil socioeconômico da população jovem atingida por um programa de iniciação esportiva na cidade do Rio de Janeiro. Na ocasião, realizaram-se entrevistas e aplicaram-se questionários com pais, professores, estagiários, ex-alunos, alunos, líderes comunitários e representantes do governo participantes do referido projeto, objetivando o levantamento de informações relacionadas às condições de vida das famílias, grau de escolaridade dos participantes e projetos para o futuro (ZALUAR, 1994).

Apesar do pontapé inicial dado pela referida autora, segundo Bartholo et al. (2011, p. 12),

no Brasil, os estudos sobre a relação entre o processo de formação de atletas e a formação na escola básica são pouco numerosos. De fato, não há qualquer regulação do Estado sobre os limites de carga horária dos treinamentos e sobre estratégias de reforço na escolarização dos estudantes-atletas. Um problema inicial é exatamente a falta de dados sistemáticos que descrevam a rotina dos jovens e as cargas médias que os jovens atletas são submetidos nas diferentes modalidades esportivas.

Motivado em compreender as relações entre juventude, formação escolar e formação esportiva, recentemente o Laboratório de

---

<sup>2</sup> Para melhor compreender as relações entre o consumo de drogas e a busca por rendimento no esporte, consultar o artigo de Vaz (2005).

Pesquisas em Educação do Corpo – LABEC<sup>3</sup> – vem se empenhando em analisar como jovens atletas de diferentes modalidades esportivas conciliam as atividades relativas à formação profissional no esporte e os estudos, sobretudo em um período da vida escolar que exige maior dedicação destes estudantes-atletas. Nesse contexto, Melo (2010) realizou estudo com jovens atletas das categorias de base<sup>4</sup> de clubes de futebol do Estado do Rio de Janeiro a partir do discurso presente no senso comum de que os atletas de futebol tinham baixa escolaridade por terem dificuldade de investir concomitantemente nas duas carreiras – futebol e escola. Porém, os dados da pesquisa desconstruíram parcialmente tal afirmativa, pois os atletas em questão se dedicavam tanto ou mais à escola do que os alunos não atletas do mesmo Estado.

A partir dessas reflexões, o LABEC, segundo Rocha (2013), ampliou seu campo de análises sobre o tema da escolarização e formação profissional de jovens atletas para outras modalidades esportivas,<sup>5</sup> a saber: voleibol (masculino e feminino), futsal (feminino) e turfe (masculino e feminino).

Os dados coletados com atletas de voleibol e de futsal feminino, por exemplo, evidenciam uma rotina de treinamento adequada e compatibilizada com os horários escolares (COSTA, 2012). Com isso, a

---

<sup>3</sup> O LABEC é vinculado a Universidade Federal do Rio de Janeiro e sua demanda está atrelada à compreensão do estudo das políticas, programas e ações de educação do corpo e da expressividade em diferentes instituições sociais. Coordenado pelo Prof. Dr. Antônio Jorge Gonçalves Soares, do Programa de Pós-graduação em Educação daquela instituição, o LABEC tem como foco de investigação a educação das técnicas de expressão corporal, artística e esportiva que impacta a formação de redes sociais, a profissionalização para o mercado do entretenimento (esporte e artes), a construção de identidades na formação educacional formal e não formal, entre outros.

<sup>4</sup> As categorias de base surgiram no Brasil no final da década de 1960, com isso, os clubes passaram a formar seus próprios atletas para os times profissionais. O controle dos clubes sobre o processo de formação permite a possibilidade de correção técnica e tática, e de inserir no jovem a predisposição para o trabalho físico e seguir as normas do clube, requisitos básicos para o preenchimento de vagas nesse mercado de trabalho.

<sup>5</sup> O projeto de pesquisa mais amplo intitula-se “Escolarização e formação de jovens atletas” e é vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE-UFRJ) sendo também desenvolvido em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea (CED/UFSC/CNPq) no qual fizemos parte.

hipótese que vem sendo trabalhada é a de que as características intrínsecas de cada modalidade esportiva condicionam a formação do projeto de carreira do jovem atleta e determinam suas escolhas por uma maior dedicação à escola ou ao esporte (ROCHA, 2013).

Inserido neste contexto, a presente pesquisa, que se vincula ao projeto *Escolarização e formação de jovens atletas* desenvolvido pelo LABEC/PPGE-UFRJ em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea (CED/UFSC/CNPq), tem como objetivo **compreender expectativas que cercam as possibilidades de profissionalização de jovens atletas masculinos que estão inseridos em categorias de base de futsal em clubes catarinenses, focalizando suas rotinas de treinamentos e de escolarização, apoio familiar, condições sociais, plano de carreira e, principalmente, as estratégias de compatibilização entre os treinamentos/viagens e a escolarização básica**. Nesse sentido, ao destacar, principalmente, o processo de iniciação esportiva, perfil educacional e rotina de treinamentos de jovens atletas de futsal no cenário catarinense, este trabalho produz dados complementares e hipóteses que se somam aos resultados e ao modelo heurístico que vem sendo produzido pelos pesquisadores vinculados à ambos os grupos de pesquisa e ao projeto geral anteriormente referidos. Destaque especial, nesse contexto, para a tentativa de compreensão sobre as relações, por vezes concorrentes, entre projetos de formação esportiva e escolar para os jovens atletas em diferentes contextos, eixo central dessas investigações.

O futsal aparece como um importante contexto a ser compreendido, visto que a FIFA estima que haja 1,7 milhões de jogadores dessa modalidade registrados no mundo, e o Brasil contribui com mais de 310 mil atletas espalhados em cerca de 4 mil clubes.<sup>6</sup>

O Estado de Santa Catarina, por exemplo, possuía 4 clubes<sup>7</sup> que representavam a elite do futsal nacional, uma vez que participaram da

---

<sup>6</sup> CBFS. **História de dedicação em prol do futsal brasileiro**. Disponível em: <<http://www.futsaldobrasil.com.br/2009/cbfs/historico.php>>. Acesso em: 25 set. 2013. Estes dados são representativos para todas as entidades esportivas filiadas a Confederação Brasileira de Futsal, não sendo exclusivamente para equipes profissionais.

<sup>7</sup> Em 2013, entre as 19 equipes participantes da oitava edição da *Liga Nacional de Futsal*, Santa Catarina é o terceiro Estado com maior número de representantes: São Paulo 6 equipes, Paraná 5 equipes, Santa Catarina 4 equipes, Rio Grande do Sul 3 equipes e Minas Gerais 1 time participante. As quatro equipes de Santa Catarina são: CSM/Pré Fabricar de Jaraguá do Sul, Floripa Futsal de Florianópolis, Krona Futsal de Joinville e Passarela/Águia

principal competição da modalidade no ano de 2013, a *Liga Nacional de Futsal*.<sup>8</sup> Dentro do cenário catarinense há ainda a *Divisão Especial de Futsal*, principal competição para homens adultos, gerida pela Federação Catarinense de Futebol de Salão, e que, no ano de 2013, além das 4 equipes integrantes da *Liga Nacional de Futsal*, anteriormente mencionadas, contou ainda com a participação de outras 5 equipes.<sup>9</sup> Além disso, em Santa Catarina há também dezenas de clubes profissionais e semiprofissionais espalhados em todas as regiões do Estado, sem contar as escolinhas especializadas na modalidade. Esses clubes, especialmente os de projeção nacional, possuem centros de treinamentos e recebem jovens de diversos locais que buscam uma oportunidade em suas categorias de base, um importante passo em direção à profissionalização no esporte.

Sabe-se que os caminhos percorridos rumo à profissionalização no esporte são conflituosos e, por vezes, envolvem obstáculos, como a separação do meio social (amigos) e familiar. É também a família que, segundo Marques e Samulski (2009), surge como principal referência no que diz respeito às expectativas com relação à profissionalização e ao planejamento de suas carreiras esportivas. “Ajudar a família” é o principal anseio e objetivo dos jovens que buscam a profissionalização pelas vias do esporte. Para os jovens, que ingressam desde cedo neste meio, a carreira esportiva passa a ser constituída também por um projeto familiar intencional.<sup>10</sup>

Segundo Damo (2005), em geral, os atletas de futebol de campo<sup>11</sup> iniciam-se no processo de formação a partir dos 12 anos de

Seguros de Concórdia. Atualmente, na 9ª edição (2014), Santa Catarina possui cinco equipes na elite do futsal nacional, pois além das quatro anteriores, que seguem disputando a edição deste ano, soma-se agora a A.D Hering, de Blumenau.

<sup>8</sup> A competição é realizada anualmente desde 1996 e a equipe catarinense da cidade de Jaraguá do Sul possui 4 títulos na competição (2005, 2007, 2008 e 2010). A equipe da cidade catarinense de Concórdia foi vice-campeã na edição de 2013. Fonte: <<http://www.cbfs.com.br/portal/liga2013/historico.php>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

<sup>9</sup> A.D Hering de Blumenau, A.D Universitária de Tubarão, Chapecoense Futsal de Chapecó, Clube Caça e Tiro de Lages e F.M.D de Rio do Sul.

<sup>10</sup> Para aprofundamento sobre o tema da participação familiar na carreira de jogadores de futebol consultar o artigo de Rial (2008).

<sup>11</sup> Considerou-se o futebol de campo como objeto privilegiado de análise comparativa com o futsal, sobretudo por aquele constituir fortes relações com a prática do futsal, e também por haver, do ponto de vista quantitativo, maior

idade, inclusive em regimes de concentrações (alojamentos, albergamentos etc.),<sup>12</sup> e o caminho que se percorre rumo à profissionalização possui um gasto de aproximadamente 5.000 horas de trabalho com treinamentos, jogos e outros quesitos voltados para o domínio de técnicas corporais e psicológicas da prática esportiva. Já Soares et al. (2009), ao apresentarem dados sobre atletas entre 12 e 20 anos de idade inscritos oficialmente na Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro, estimam que o tempo de dedicação aos anos de formação chega a aproximadamente 6.321 horas neste Estado. Sendo assim, é possível observar que o tempo gasto no processo de formação de um jogador no Brasil é algo que impulsiona ao distanciamento de uma escolarização adequada.

Para reforçar o significado dos dados acima, é válido ressaltar ainda que o aluno da escola pública brasileira permanece em média 4 horas por dia em sala de aula, se considerarmos somente o tempo regular despendido com a escola. Portanto, se cada ano possui 200 dias letivos, a formação no ensino fundamental terá uma carga média de 7.200 horas ao longo dos nove anos de escolarização obrigatória, e o Ensino Médio uma carga de 2.400 horas ao longo de três anos (SOARES et al., 2009).

Estes jovens passam boa parte do tempo longe de casa, seja pelo tempo gasto na escola, na atividade esportiva e em suas locomoções, ou pelo fato de viverem temporária e provisoriamente em outras cidades<sup>13</sup> (SOUSA; ALBERTO, 2008). Além disso, estes projetos podem ser – como, aliás, frequentemente ocorre – marcados por desilusões: a dificuldade de continuação dos estudos, o alto grau de cobrança nos treinamentos e competições e a incerteza quanto à continuidade na carreira esportiva são alguns dos desafios encontrados (SOUZA et al., 2008).

Diante desse quadro apresentado, pode-se afirmar que os jovens que estão inscritos em categorias de base de clubes de diferentes modalidades esportivas são considerados como aprendizes de uma

---

acúmulo de referenciais que versam sobre o tema, dada sua importância simbólica e material no contexto brasileiro.

<sup>12</sup> Sobre este tema ver: MPT notifica times para coibir exploração infantil. Disponível em: <<http://portal.mpt.gov.br/>>. Acesso em: 07 jul. 2014.

<sup>13</sup> É comum encontrar jovens de diferentes partes do país morando em alojamentos ou casa de parentes em cidades que possuem grandes clubes esportivos. Para esses jovens, viver longe de casa é ao mesmo tempo um desafio e uma recompensa por ter seu talento reconhecido.

profissão, mesmo que essa atividade e o clube não estejam contemplados no decreto presidencial nº 5.598, que regula a formação profissional<sup>14</sup> do jovem aprendiz<sup>15</sup> (SOARES et al., 2009).

Em entrevista concedida ao jornal do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro (2010), o professor Antônio Jorge Soares, uma das principais referências no país sobre o tema da profissionalização de jovens atletas, argumenta que, naquele Estado, atletas de futebol que equilibram a formação esportiva com tarefas escolares possuem uma renda acima de R\$ 2.000/família, ou seja, não são ricos, mas também não são miseráveis. Essa percepção se dá, sobretudo, pelo fato de que, para que consigam investir na carreira do jovem, as famílias necessitam ter condições razoáveis de moradia, alimentação, transporte, entre outros.

Neste caso, o trabalho<sup>16</sup> aparece também ligado a uma atividade necessária ao próprio sustento ou à ajuda à família. Talvez por isso, do ponto de vista do jovem – mas também de uma parcela significativa da sociedade em geral –, haja uma representação positiva do trabalho, pois se associa aos valores morais hegemônicos presentes na sociedade, que reconhece simbolicamente os custos e os ganhos propiciados pela

---

<sup>14</sup> O trabalho na infância e na adolescência, no plano social, tende a implicar em danos à escolaridade e à cidadania, pois representa uma violação aos direitos sociais humanos determinados na legislação, conforme a Convenção Internacional dos Direitos da Criança (1989); a Constituição Federal (BRASIL, 1988) e o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990) (SOUSA; ALBERTO, 2008).

<sup>15</sup> Segundo o Decreto Federal nº 5.598/2005 no âmbito da Lei da Aprendizagem, aprendiz é o jovem que estuda e trabalha (com idade entre 14 e 24 anos) e que esteja cursando o Ensino Fundamental ou o Ensino Médio, recebendo, ao mesmo tempo, formação na profissão para a qual está se capacitando. Deve cursar a escola regular (se ainda não concluiu o Ensino Médio) e estar matriculado e frequentando instituição de ensino técnico profissional conveniado com a empresa. A jornada de trabalho não deve ser superior a 6 horas diárias, admitindo-se também até 8 horas para os aprendizes que já tiverem completado o Ensino Médio, se nessa jornada forem computadas as horas destinadas à aprendizagem teórica. Disponível em: <<http://www.aprendizlegal.org.br>>. Acesso em: 07 abr. 2014. Para saber mais sobre o Decreto Presidencial de 1º de Dezembro de 2005, verificar em: <<http://www.planalto.gov.br/>>.

<sup>16</sup> Emprega-se o termo “trabalho” como toda atividade sistemática em que há obrigatoriedade de desenvolver tarefas em horários e períodos predeterminados, com ou sem remuneração, tendo ou não vínculo empregatício formalizado, características bastante comuns no meio esportivo.

atividade laboral em seu cotidiano (OLIVEIRA et al., 2010). No caso da carreira esportiva, o sucesso implica também numa satisfação de orgulho e reconhecimento pessoal.

É perceptível que há um corte de classe inerente ao ingresso precoce no mundo do trabalho. Isso se dá pelo fato da atividade ser motivada, principalmente, por problemas socioeconômicos, e sua manutenção também interessa ao mercado laboral, uma vez que sua estrutura oferece condições apropriadas para a absorção desse tipo de mão de obra, envolvendo gastos reduzidos e podendo gerar expressivos lucros<sup>17</sup> (CRUZ NETO; MOREIRA, 1998).

Por outro lado, as estatísticas mostram o quanto estamos distantes do sonho de riqueza e mobilidade social por meio do esporte, pois parte dos atletas no Brasil vive de contratos temporários e possui outras atividades para complementar sua renda e, em geral, seus salários são baixos. Não temos dados específicos ainda sobre o futsal,<sup>18</sup> mas no futebol profissional, por exemplo, esporte de maior evidência em nosso país, os dados da Confederação Brasileira de Futebol mostram que, em 2009, 84% dos jogadores recebiam salários mensais de até R\$1.000,00, 13% recebiam entre R\$1.000,00 e R\$9.000,00, e apenas 3% recebiam mais de R\$9.000,00 por mês (ROCHA et al., 2011). Ao que tudo indica, para os jovens que integram as categorias de base, mesmo as de grandes clubes, a distância parece ser ainda maior, pois apesar das entidades formadoras de atletas terem o direito de assinar contratos com atletas a partir dos 16 anos de idade (cujo prazo não pode ser superior a 5 anos), os valores investidos costumam ser baixos, pois o jovem é visto ainda

---

<sup>17</sup> Formado nas categorias de base do São Paulo Futebol Clube, o jovem Lucas Rodrigues Moura da Silva (20 anos) se transferiu para o clube *Paris Saint-Germain*, da França, pelo valor de R\$ 108.300.000,00 (cento e oito milhões e trezentos mil reais), a mais alta transferência do futebol brasileiro em todos os tempos. Disponível em: <<http://www.saopaulofc.net/sao-paulo-fc-vende-lucas-para-o-psg-por-valor-recorde/>>. Acesso em: 03mar. 2013.

<sup>18</sup> A estimativa salarial do atleta Falcão, maior ídolo do esporte nacional eleito duas vezes o melhor jogador de futsal do planeta, gira em torno de R\$ 98 mil mensais. As equipes catarinenses Krona/Futsal de Joinville e Passarela/Águia Seguros de Concórdia, participantes da *Liga Nacional de Futsal* em 2013, possuíam uma folha salarial mensal de R\$ 450 mil e R\$ 56 mil respectivamente. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/depois-de-vender-ate-rifa-concordia-tenta-parar-o-rico-orlandia-de-falcao.html>>. Acesso em: 29 Jul. 2014. Estes valores indicam que há diferenças salariais significativas entre atletas profissionais de futsal, assim como os dados apresentados neste trabalho sobre o futebol de campo.

como uma aposta para o futuro.<sup>19</sup> No entanto, esses dados não parecem desestimular a busca pela profissionalização no esporte. Talvez as representações de sucesso que são exploradas pela mídia, ou seja, a construção de ídolos nacionais esportivos, proporcione ao imaginário dos jovens uma possibilidade de realização e sucesso, fato que fortalece essa grande procura pelas atividades esportivas profissionais.

Outro dado preocupante está relacionado ao mercado profissional para estes jovens. Damo (2007) aponta que o futebol no Brasil, tradicionalmente o esporte mais importante e mais procurado – tanto por investidores, clubes formadores, empresários, espectadores, patrocinadores, profissionais etc. –, é formado por apenas 800 clubes filiados à FIFA, sendo que apenas 2,5% desses clubes possuem a preferência de 90% dos consumidores do espetáculo futebolístico. Esta preferência indica que o potencial de exploração de mercado é desigual, o que reduz significativamente a valorização dos postos de trabalho, que, em geral, são formados por empregos sazonais em condições precárias (SOARES et al., 2009).

O final do processo de formação do jovem atleta, ou seja, a transição da fase amadora para a fase profissional, ocorre não apenas em função do nível de desempenho alcançado pelo atleta, pois há uma série de fatores que pode permitir ou não o acesso aos postos de trabalho. Caso o jovem não seja selecionado, ele pode ter que parar involuntariamente. É neste momento que a escolaridade, a formação esportiva inicial, o tipo de suporte familiar e social e os mecanismos de planejamento da carreira assumem importante papel para uma possível reconversão profissional (MARQUES; SAMULSKI, 2009). Quando malsucedidos em suas carreiras esportivas os jovens podem ter dificuldades de se estabelecer em ocupações que exijam especificidades diferentes daquelas incorporadas em anos de dedicação aos treinamentos.

Neste sentido, há uma preocupação referente aos níveis de escolarização dessa população, já que a legislação brasileira permite que os clubes adotem diferentes políticas em relação ao tempo de dedicação ao esporte, qualificação dos profissionais que trabalham diretamente

---

<sup>19</sup> O objetivo, amparado pela Lei 12.395/11 (Lei Pelé), é o de garantir a completa formação do atleta e também o de impedir que as entidades percam seus atletas após anos de investimentos nas categorias de base, justamente no momento em que esse jovem poderia ser aproveitado nas competições profissionais.

com os jovens e às formas de frequência à escola pelos atletas. Em outras palavras, a política pedagógica dos clubes pode variar desde o oferecimento de escola no interior de suas instalações, de vagas na rede escolar privada ou pública, até o total descompromisso com a educação básica dos atletas, já que segundo a Constituição Federal de 1988, a responsabilidade da escolarização dos jovens é da família (BARTHOLO et al., 2011).

Rocha et al. (2011) dizem que o cansaço físico e o interesse obsessivo pelo esporte, aliados aos já conhecidos problemas de qualidade da escola brasileira, são algumas das características que podem ocasionar um afastamento do jovem atleta dos bancos escolares. Para amenizar esses problemas, ocorrem, geralmente, flexibilizações acordadas entre os clubes e as escolas, principalmente em relação aos horários para chegada e saída das aulas por parte dos estudantes-atletas, e de prazos para trabalhos e provas. Por vezes, a solução encontrada é a procura por supletivos, ensinos à distância e o ensino noturno. Diante de tais dificuldades, objetivas e subjetivas, a escolarização torna-se um objetivo secundário na vida desses jovens.

Contrariando em parte os resultados acima referidos por Costa (2012) em diferentes modalidades esportivas, Marques e Samulski (2009) constataram que 53,2% dos atletas de futebol da categoria juniores (sub 20) pertencentes a clubes cujas equipes profissionais disputaram a série A do Campeonato Brasileiro em 2007 estavam defasados com relação à série correspondente à sua idade, visto que, pelo fato da idade mínima da amostra ser de 18 anos, os atletas deveriam estar cursando o 3º ano do Ensino Médio ao considerar a cronologia das idades e séries escolares. Outro aspecto relevante apontado pelos referidos autores diz respeito ao fato de que 51% dos atletas, em algum momento da sua carreira esportiva, interromperam os estudos para jogar futebol.

Ainda de acordo com Marques e Samulski (2009, p. 115),

a dificuldade dos atletas em conciliar escola e vida esportiva aumenta a responsabilidade social dos clubes em oferecerem alternativas que facilitem e estimulem a continuação dos estudos para que eles tenham uma opção vocacional futura.

Na opinião de Soares et al. (2009), deve-se questionar se o destino dos jovens malsucedidos na carreira esportiva seria diferente

caso tivessem investido pesadamente na escolaridade básica, sobretudo, quando estão inseridos em escolas públicas. A afirmação de que a escola brasileira torna-se desinteressante e que ela possui baixa qualidade corrobora-se quando se traz a tona os índices de motivação para a evasão escolar apresentados no ano de 2006: em primeiro lugar, com 43,3% de respostas, aparece “a falta de interesse intrínseco na escola por parte dos alunos” (NERI 2009 *apud* SOARES et al., 2009, p.38).

Em outros países o cenário apresenta diferenças importantes. Na Inglaterra, por exemplo, existem programas vinculados as Federações Esportivas que regulam, para os jovens atletas, um tempo máximo de deslocamento para os treinamentos; na França existem estratégias específicas para o reforço na escolarização dos estudantes-atletas, além de um controle sobre a carga de treinamentos semanais, carga horária semanal dos estudos formais e sobre o calendário de competições esportivas (DAMO, 2005).

Bartholo et al. (2011) apresentam um comparativo entre o tempo gasto com treinamentos no futebol e a escola em dois importantes centros de formação de atletas, um deles localizado no Rio de Janeiro e o outro na região de Castilla y León, na Espanha. O tempo de treinamento semanal, o tempo na escola e os deslocamentos para as respectivas atividades fazem uma descrição das horas destinadas para todas as atividades em ambas as regiões. Os dados mostram que os estudantes-atletas da cidade do Rio de Janeiro possuem uma carga de atividades (escola, treinamentos e deslocamentos) 18% maior que a dos jovens da região de Castilla y León. Além da carga horária mais intensa, observa-se uma diferença significativa na distribuição dessa carga horária pelas duas atividades centrais analisadas no estudo, o tempo destinado à escola e o tempo do treinamento no futebol. Nos clubes espanhóis, a carga horária semanal destinada ao futebol corresponde a 27% do tempo de atividades dos jovens, enquanto que no Brasil tem-se 52% do tempo destinado aos treinamentos e jogos (BARTHOLO et al., 2011).

A carga de trabalho total (treinamentos, jogos, deslocamentos e escola) dos atletas da cidade do Rio de Janeiro se mostrou superior à observada nos atletas de Castilla y León. Os dados sugerem uma inversão de prioridades, pelo menos do ponto de vista do investimento de tempo, quando analisados os dois contextos. Os jovens brasileiros treinam semanalmente mais que o dobro de tempo quando comparados aos jovens da mesma faixa etária na Espanha (BARTHOLO et al., 2011).

Pode-se dizer que o esporte, de forma geral, apresenta uma situação inversa a do mercado formal de trabalho, visto que os treinamentos intensos e a especialização se iniciam na infância e/ou adolescência. O prazo para a profissionalização é mais rígido, ocorrendo, salvo exceções, entre os 18 e 20 anos de idade. Esta realidade faz com que os jovens invistam desde cedo no projeto de profissionalização esportiva, e à medida que o tempo passa fica mais difícil entrar no mercado de trabalho. Para os jovens que possuem outras opções, em função das possibilidades econômicas e socioculturais de familiares e responsáveis, o esporte deve aparecer como um projeto, equilibrado com outras estratégias de formação (SOUZA et al., 2008).

A partir deste contexto mais amplo, as questões-problema que orientaram a investigação sobre a relação entre a formação profissional no esporte/futsal e a escolarização básica, na presente pesquisa, foram as seguintes: por que um contingente significativo de jovens catarinenses e de outras regiões do país do sexo masculino investe tempo, recursos e esforços para profissionalizar-se em um esporte que possui um mercado restrito, com poucas vagas e poucas oportunidades de sucesso? Quais são as oportunidades oferecidas pelos clubes a serem pesquisados para a escolarização dos atletas inscritos em suas categorias de base? Como é a rotina de treinamento de jovens atletas de alto rendimento de futsal? Como é a rotina de estudos na Educação Básica dos jovens envolvidos com a formação no futsal? Como os jovens que estão oficialmente inscritos nos clubes a serem investigados conciliam a formação no futsal com a escolarização básica?

Para melhor compreender este fenômeno, ainda pouco explorado, a proposta de investigação foi a de mergulhar no contexto das categorias de base das nove principais equipes profissionais de futsal do Estado de Santa Catarina, participantes da *Liga Nacional de Futsal* e também da *Divisão Especial de Futsal* no ano de 2013, e que mantinham pelo menos uma equipe de categoria de base entre 14 e 20 anos de idade, no naipe masculino, disputando o campeonato estadual da modalidade.

A opção por investigar esses clubes se justifica na medida em que, em função de possuírem instituídos processos de formação, detecção e seleção de talentos para o futsal profissional, por participarem das principais competições nacionais e estaduais – inclusive, em alguns casos, também de competições internacionais – da modalidade e por estarem em evidência nos meios de comunicação de

massa, tanto no âmbito local quanto nacional,<sup>20</sup> são essas equipes que provavelmente atraem para seus centros de treinamentos o maior contingente de jovens que almejam ingressar e seguir na carreira esportiva.

As equipes que fizeram parte da investigação foram intencionalmente selecionadas, primeiro, como destacado anteriormente, por terem participado das principais competições nacionais e estaduais de futsal no ano de 2013; segundo, por serem vias de fácil acesso, devido às relações pessoais e profissionais existentes com funcionários desses clubes<sup>21</sup> e, terceiro, por possuírem uma estrutura que adota no mínimo uma das principais categorias de formação, com jovens entre 14 e 20 anos,<sup>22</sup> que são as idades-alvo da pesquisa. Ao iniciarmos o processo de organização e preparação para a produção dos dados, verificou-se que um dos clubes profissionais que disputou as mencionadas competições mais importantes do futsal em Santa Catarina em 2013 não atendia a esse critério de inclusão, por não possuir instituído processos de formação de atletas em pelo menos uma das

---

<sup>20</sup> Os jogos da *Liga Nacional de futsal* são transmitidos tanto pelos canais fechados de televisão SPORTV e ESPN, quanto pelo rádio, importante veículo de comunicação em diversos locais do Estado de Santa Catarina. Há ainda um forte apelo na mídia eletrônica, por meio de *sites* e *blogs* de notícias sobre os clubes.

<sup>21</sup> Como atleta de base, participei das principais competições de futsal entre os anos de 1998 e 2006. Nos anos de 2008, 2009 e 2010 tive a oportunidade de atuar como auxiliar técnico das categorias de base de uma das mais tradicionais equipes de futsal do Estado de Santa Catarina. Em 2011 passei a integrar a equipe de futsal de base do Avaí Futebol Clube, no qual sigo até o momento com a função de treinador das categorias sub 11 e sub 13. Por conta da atuação profissional nestes âmbitos, possuo bom relacionamento com dirigentes e técnicos de diferentes clubes do Estado.

<sup>22</sup> Essas idades correspondem às seguintes categorias do futsal: sub 15 (14 a 15 anos de idade); sub 17 (16 a 17 anos de idade); e sub 20 (18 a 20 anos de idade). No futsal, de acordo com as regras da Federação Catarinense de Futebol de Salão, os atletas de categorias de base podem competir na categoria correspondente a sua faixa etária e também na imediatamente superior a sua idade, ou seja, jovens com 15 anos de idade, por exemplo, podem participar de competições oficiais tanto na categoria sub 15 quanto na sub 17, salvo nas categorias sub 20 e Adulto quando deverá ter completa a idade mínima de 16 (dezesesseis) anos e um dia, com autorização do pai ou responsável. Entretanto, em função, sobretudo, das exigências físicas da modalidade, e da diferença morfofisiológica entre os jovens nestas faixas etárias, a utilização de atletas de menor idade nas categorias superiores é relativamente rara.

categorias que intencionávamos pesquisar, e, portanto, foi excluído da investigação.<sup>23</sup> Com isso, os oito clubes investigados foram: A.D Hering, de Blumenau; A.D Universitária, de Tubarão; Chapecoense Futsal, de Chapecó; Clube Caça e Tiro, da cidade de Lages; CSM/Pré-fabricar, de Jaraguá do Sul; F.M.D de Rio do Sul, da cidade de nome homônimo; Krona/Futsal, de Joinville; e Passarela/Águia Seguros, de Concórdia.

A escolha por focalizar jovens entre 14 e 20 anos de idade se deu, sobretudo, pelo fato de que as competições oficiais de categorias de base da Confederação Brasileira de Futsal (CBFS) acontecem a partir da categoria sub 15 (jovens de 14 a 15 anos de idade). Em geral, é a partir também dessa faixa etária que os jovens passam a se dedicar com mais ênfase ao projeto de profissionalização, podendo deixar em segundo plano outros projetos de formação, como a escola. Para estes jovens, esporte e escola aparecem como uma espécie de dupla carreira de formação, justamente em um período de escolarização obrigatória e do aumento de investimentos na rotina esportiva – fator que tenciona ainda mais a concorrência entre ambos os projetos.<sup>24</sup>

Na sequência do texto serão descritos os caminhos metodológicos percorridos, para em seguida discutirmos os resultados desta investigação, que, para fins de organização e apresentação, estão estruturados em três eixos articuladores, constituídos por meio da triangulação dos dados extraídos das diferentes fontes produzidas na pesquisa (entrevistas estruturadas e semiestruturadas, diários de observações sistemáticas da rotina de treinamento e de parte da rotina escolar), cruzando-os tanto com nossas questões orientadoras, como

---

<sup>23</sup> Este foi o caso do Floripa Futsal, de Florianópolis, que possuía somente as categorias sub 11 (10 e 11 anos) e sub 13 (12 e 13 anos). Entretanto, é importante mencionar que, como veremos mais adiante, além desses 8 clubes profissionais que privilegiamos nesta investigação, outros 55 clubes profissionais e não profissionais participaram no ano de 2013 do campeonato estadual de futsal de Santa Catarina em alguma das categorias entre o sub 9 e o sub 20.

<sup>24</sup> Ao entendermos que o período da juventude representa uma condição social de transitoriedade como elemento importante para a definição do jovem, sobretudo a partir dos 15 anos de idade, é possível afirmar, segundo Gropo (2009), que ao seguir um tempo especial do curso da vida voltado para experiências, ensaios e erros, os jovens acabam provando distintos papéis até consolidarem sua própria personalidade. Neste sentido, a juventude pode ser caracterizada pelo conceito de *moratória social*, ou seja, enquanto um período da vida destinado à proteção, orientação e livre experimentação.

com dados de organismos oficiais de estatística, quanto com dados e interpretações de outras pesquisas realizadas com jovens em busca de profissionalização em distintas modalidades esportivas. Esses três eixos constituem os capítulos desta dissertação, a saber: *Processo de iniciação e formação no futsal de base no Estado de Santa Catarina*, capítulo no qual compomos um panorama geral sobre os jovens inseridos em categorias de base de futsal dos principais clubes profissionais de nosso Estado, e analisamos os processos de inserção e progressão nessa carreira esportiva. Aqui também mostraremos como os projetos de profissionalização no esporte e de escolarização ocupam o cotidiano desses jovens atletas estudantes. No segundo capítulo, denominado *Perfil educacional de jovens atletas de futsal em Santa Catarina: concorrência entre projetos de formação*, exploramos os dados gerais sobre a escolarização desses jovens de 14 a 20 anos, analisamos informações relativas a rotina e desempenho escolar, bem como as estratégias de compatibilização das atividades escolares com os treinamentos de quatro jovens de 15 anos, destacados de uma equipe da categoria sub 15 de um clube de futsal do Norte do Estado que acompanhamos por meio de observações. Em *O cotidiano de treinamento de jovens atletas de futsal em um clube catarinense*, nosso terceiro capítulo, exploramos os dados relativos ao cotidiano de treinamentos de futsal da categoria sub 15 de um dos oito clubes que tiveram atletas de categorias de base investigados, bem como o modo como os quatro jovens que acompanhamos mais de perto se relacionam com as exigências da especialização esportiva e as expectativas de profissionalização e ascensão na carreira. Por fim, a título de considerações finais, retomamos os principais resultados da investigação.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Realizamos um estudo exploratório de inspiração etnográfica no sentido de investigar a rotina de treinamentos e de escolarização de jovens atletas vinculados às categorias de base das principais equipes profissionais de futsal do Estado de Santa Catarina. Focalizamos o grupo de jovens atletas masculinos entre 14 e 20 anos de idade por entendermos que esta faixa etária corresponde ao período de decisões entre priorizar os estudos ou a profissionalização esportiva, e conseqüentemente, construir estratégias para atingir tais objetivos.

Como dito acima, foram selecionadas para esta pesquisa 8 equipes profissionais participantes da *Divisão Especial de Futsal* do

Estado de Santa Catarina do ano de 2013, sendo que 4 dessas equipes disputaram também a oitava edição (2013) da *Liga Nacional de Futsal*, principal competição nacional para esta modalidade. As equipes investigadas possuem instituídos processos de formação, detecção e seleção de talentos para o futsal profissional.

A população dos clubes investigados neste estudo foi estimada em 210 atletas, segundo dados da Federação Catarinense de Futebol de Salão<sup>25</sup> (FCFS). Considerando a proporção média<sup>26</sup> de atletas inscritos por categoria, estabelecemos as amostras necessárias para investigação, conforme tabela 1.

Tabela 1. Distribuição da amostra da pesquisa

Categoria	Número de clubes investigados inscritos por categoria	Média de atletas federados	Total	Amostra da pesquisa
Sub 15	6	15	90	70
Sub 17	4	15	60	50
Sub 20	4	15	60	40
Total	—	—	210	160

A amostra foi formada por 160 atletas estratificados nas categorias de base sub 15, sub 17 e sub 20, que disputaram os respectivos campeonatos estaduais de futsal no ano de 2013. Para calcular o tamanho da amostra foi considerado um nível de significância de 0,05 e um poder de teste de 95%.

Ao longo do ano de 2013 frequentamos centros de treinamentos e ginásios onde aconteciam etapas do campeonato estadual de futsal nas categorias sub 15, sub 17 e sub 20 para que jovens atletas respondessem ao roteiro construído pelos pesquisadores. O formulário de entrevistas estruturadas (Anexo I) tratou dos seguintes pontos: a) escolaridade de

<sup>25</sup> No ano de 2013, entre as 33 equipes participantes do campeonato estadual na categoria sub 15 somente 6 possuem a categoria profissional, no sub 17 entre os 20 participantes 4 possuem a categoria profissional, no sub 20 entre os 8 participantes 4 possuem a categoria profissional. Disponível em: <<http://www.futsalsc.com.br>> Acesso em: 15 Jul. 2014.

<sup>26</sup> A média é estimada sobre os dados das equipes inscritas na FCFS, pois, segundo o regulamento das competições oficiais da entidade em 2013, somente doze atletas podiam integrar a equipe nas partidas. Em geral as equipes possuíam dois ou três atletas suplentes, utilizados em caso de lesões, suspensões, entre outros.

pais e atletas; b) formação profissional no futsal; b) tempo gasto com treinamento; c) meio de transporte e tempo nos deslocamentos para o clube; d) tipo de formação escolar; e) o tempo gasto na rotina escolar; f) meio de transporte e tempo nos deslocamentos para escola; g) hábitos culturais: estudo, cinema, internet, televisão e leitura. As entrevistas estruturadas foram registradas por escrito, em formulário próprio, pela equipe de pesquisadores em contato direto com os atletas, antes ou após treinamentos e/ou jogos dos clubes pesquisados e com o consentimento prévio dos responsáveis pelos clubes. O instrumento (formulário) para a produção dos dados foi adaptado da pesquisa realizada por Bartholo et al. (2011).<sup>27</sup> Para a análise dos dados foi utilizada uma abordagem descritiva com cálculo de média e desvio padrão. Os indivíduos foram agrupados por categoria (sub 15, sub 17 e sub 20) e as análises foram realizadas no software SPSS v. 21. Os dados possuem a função de apresentar as características gerais (universais) do grupo pesquisado.<sup>28</sup>

Em paralelo a etapa anterior, realizamos um período de observação sistemática em um dos clubes investigados, selecionado intencionalmente,<sup>29</sup> por meio da qual focalizamos a rotina esportiva e escolar de 4 jovens<sup>30</sup> integrantes da categoria sub 15, além de

---

<sup>27</sup> Obtivemos acesso a este instrumento de pesquisa por meio de participação, como voluntário, em projeto de pesquisa vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq). O questionário está sendo empregado em uma pesquisa, ainda em andamento, com os atletas das categorias de base do Avaí Futebol Clube e de outros clubes profissionais de futebol.

<sup>28</sup> A participação dos sujeitos foi consentida por seus responsáveis através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (protocolo #121.2013).

<sup>29</sup> O clube, que não será identificado em função da solicitação do seu diretor esportivo para evitar problemas de divulgação da marca e patrocínio do clube, localiza-se cerca de 200 km da cidade de Florianópolis, na região norte do Estado de Santa Catarina e foi intencionalmente selecionado pelos pesquisadores, sobretudo por possuir estrutura que comporta as categorias (idades) alvo da pesquisa, por ser considerada uma das principais referências em formação de atletas no Estado e também pelo acesso facilitado mediado entre o treinador da equipe e gestores do clube – o fato do treinador da equipe ser um amigo de longa data foi também um fator importante para a escolha do clube.

<sup>30</sup> Os jovens foram selecionados pelo técnico responsável da equipe, indicando que eles eram as principais *apostas* do clube. Ao longo de quatro semanas acompanhamos estes jovens nos treinamentos e jogos da equipe, e também na escola onde estudavam.

acompanhar treinamentos e jogos da equipe na qual estavam inseridos, formada por outros 13 jovens (eram 17 no total), que, como eles, tinham entre 14 e 15 anos de idade. Foram realizadas 16 observações em treinamentos e 3 jogos oficiais da equipe no campeonato estadual, além de 12 observações no ambiente escolar onde estudavam os 4 atletas acima mencionados. Esta etapa foi cumprida entre os meses de junho e julho do ano de 2013. O período foi definido entre pesquisadores e responsáveis do clube justamente por cumprir uma etapa de quatro semanas de preparação da equipe para o retorno da segunda fase do campeonato estadual sub 15. Com o roteiro de observações (Anexo II), buscamos registrar os seguintes tópicos: a) rotina de treinamento; b) rotina de jogos e competições; c) a rotina escolar.

A partir das observações sistemáticas elaboramos um roteiro de entrevistas<sup>31</sup> (Anexo III), por meio do qual registramos as falas dos 4 atletas que acompanhamos no clube e na escola sobre os seguintes eixos temáticos: a) história individual; b) experiências esportivas; c) experiências com a instituição escolar; d) relações da família com o esporte e a escola. Esta etapa aconteceu no mês de dezembro de 2013.

As etapas de observações e entrevistas semiestruturadas se caracterizam por sua natureza qualitativo-descritiva, com as quais buscamos, a partir dos registros em diário de campo e das transcrições das entrevistas, captar sentidos e significados para o processo de formação profissional e escolar dos jovens atletas de futsal do Estado de Santa Catarina.

Os dados quantitativos da pesquisa foram analisados em triangulação com as observações do trabalho de campo, com o conteúdo das entrevistas, com a literatura técnica e sócio-antropológica do esporte, em geral, e do futsal, em específico. Por possuir etapas distintas e por vezes concomitantes, a pesquisa procura apresentar tanto um movimento de *universalização*, ao tratar dos dados gerais do campo, como de *singularização*, ao trazer interpretações sobre casos particulares.<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> O roteiro de entrevistas foi adaptado da pesquisa de Rocha (2013) realizado com jovens estudantes-atletas de turfe.

<sup>32</sup> Importante destacar que, como “*um de dentro*”, tentei, na medida do possível, distanciar-me do objeto de pesquisa, apesar de saber que sempre haverá limites – mas também vantagens – neste tipo de relação entre investigador e objeto de investigação.

## **1 – PROCESSO DE INICIAÇÃO E FORMAÇÃO NO FUTSAL DE BASE NO ESTADO DE SANTA CATARINA**

O futsal foi se constituindo enquanto modalidade esportiva coletiva em meados do século passado na América do Sul e rapidamente transformou-se em importante prática corporal e social para os brasileiros, tanto por sua presença massificada nas escolas, por meio especialmente das aulas de Educação Física, quanto pelo grande número de escolinhas e clubes esportivos que adotam esta modalidade, entre outros aspectos. Suas origens estão estritamente ligadas ao futebol de campo, tanto que ele ainda é visto como uma espécie de “pré-escola” para o sucesso no futebol profissional, fato que é reforçado pelo discurso midiático ao relatar histórias de destacados jogadores com sucesso no campo, como Ronaldo Fenômeno, Ronaldinho Gaúcho, Neymar, entre outros, que, quando crianças ou jovens, frequentavam quadras e ginásios. Torri, Albino e Vaz (2007), ao pesquisarem a rotina de uma equipe composta por jovens atletas de futsal da cidade de Florianópolis/SC, mostram que os praticantes desta modalidade têm como exemplo o futebol profissional, visto que ele, no Brasil, possui uma importância singular.

Marques e Samulski (2009), ao analisarem o processo de iniciação esportiva de jogadores de futebol de campo da categoria juniores (sub 20) das principais equipes nacionais, indicaram que 80,6% dos atletas praticaram futsal em equipes de rendimento e/ou escolinhas de iniciação esportiva quando mais novos, ratificando a importância do futsal como um diferencial no processo de formação dos futebolistas brasileiros. Porém, segundo Torri, Albino e Vaz (2007, p. 503), “essa mesma expectativa não é confirmada pelos atletas já formados e com grande desempenho no futsal, que não encontram o mesmo sucesso no futebol de campo”.

Em Santa Catarina, os primeiros registros oficiais<sup>33</sup> que se tem sobre a prática do futsal são do ano de 1956 na cidade de Florianópolis. Pouco tempo depois, em 25 de Agosto de 1957, foi fundada a Federação Catarinense de Futebol de Salão (FCFS), órgão vinculado a Confederação Brasileira de Futsal (CBFS) com sede na capital do Estado e que gere até hoje as principais atividades relacionadas a essa modalidade esportiva em Santa Catarina. Assim como no futebol, o

---

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://futsalsc.com.br/historia/>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

futsal possui um suporte de formação profissional que está articulado ao sistema FIFA.<sup>34</sup>

No ano de 2013, a FCFS atingiu um quadro de 72 clubes filiados,<sup>35</sup> os quais se encontram espalhados por todas as regiões do Estado. A filiação junto à Federação permite que os clubes possam disputar as competições organizadas pela FCFS, sendo que a principal delas é o campeonato estadual. Para os adultos do sexo masculino o campeonato estadual é organizado em duas divisões, a saber, *Divisão Especial*, que agrega as 9 principais equipes do Estado e a *Primeira Divisão*, da qual participam outras 12 equipes. Enquanto isso, nas categorias de base, o campeonato estadual é separado por faixas etárias (em ordem decrescente): sub 20 (de 18 a 20 anos), sub 17 (de 16 a 17 anos), sub 15 (de 14 a 15 anos), sub 13 (de 12 a 13 anos), sub 11 (de 10 a 11 anos) e sub 9 (de 8 a 9 anos).

O calendário oficial de competições da FCFS para as categorias de base inicia-se no mês de março e vai até dezembro (semelhante ao calendário escolar). Em paralelo ao campeonato estadual existem também outros eventos esportivos de nível estadual e nacional e que contam com o futsal em sua programação. Vários desses eventos, como os Jogos Escolares (JESC), nas suas duas versões, até 14 e até 16 anos, as Olimpíadas Estudantis de Santa Catarina (OLESC), Joguinhos

---

<sup>34</sup> A FIFA e suas afiliadas, as confederações e federações nacionais e estaduais organizam eventos (campeonatos, torneios, copas, etc.), estabelecem normas para as relações entre os clubes e controlam a circulação de atletas. A partir da *International Board*, a FIFA também exerce o controle sobre as regras do *football association*, inclusive o futsal desde 1989. Sendo assim, em todas as partes do planeta e independente de quaisquer variantes locais, as equipes ligadas a clubes que fazem parte do sistema FIFA-IB praticam a mesma modalidade e possuem as mesmas regras (DAMO, 2005).

<sup>35</sup> Para se filiar junto a FCFS existe uma taxa fixada no valor de R\$ 500,00, além das anuidades (R\$ 350,00 reais) e dos valores de inscrição para que o clube possa participar das competições oficiais, valor que varia entre R\$ 150,00, para as categorias de base no naípe feminino, até R\$ 3.500 para a disputa da *Divisão Especial* no naípe masculino. Os valores apresentam uma diferença significativa: a taxa para participação de equipes de meninos entre as categorias sub 9 e sub 15 está fixada em R\$ 400,00, e nas categorias sub 17 e sub 20 em R\$ 650,00, valor superior do que a categoria adulta feminino. Além das taxas de participação, há também taxas de inscrição de atletas, registros de novos atletas e outros, em valores que variam entre R\$ 10,00 e R\$ 800,00, relativos àquilo que é solicitado. Disponível em: <<http://futsalsc.com.br/>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

Abertos de Santa Catarina, Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC), Jogos Abertos Brasileiros (JABS) e também o Para-JASC, são organizados pela Fundação Catarinense de Esporte (FESPORTE), órgão governamental que gere as políticas públicas para o esporte e lazer em Santa Catarina.

Apesar de constar no calendário oficial da FCFS competições a partir da categoria sub 9, a FIFA e a CBFS, conforme dito anteriormente, consideram como oficiais apenas as competições a partir da categoria sub 15, justamente quando se inicia um maior processo de seleção dos jovens que almejam alcançar a profissionalização. Ou seja, pode-se dizer que há uma ruptura entre as categorias vistas como de iniciação e especialização (sub 9, sub 11 e sub 13) e as categorias de formação para a profissão (sub 15, sub 17 e sub 20), que são o foco desta pesquisa.

Dada esta breve contextualização sobre a organização do futsal catarinense, apresentamos a seguir, na tabela 2, algumas características sobre os jovens atletas que compõem as principais equipes de base do Estado a partir dos dados produzidos nesta pesquisa.

Tabela 2. Dados demográficos

	Sub 15	Sub 17	Sub 20	Total
Idade	14,6 (0,5)	16,2 (0,6)	17,5 (0,8)	15,8 (1,3)
Naturalidade				
Santa Catarina	69 (98,6%)	46 (92%)	38 (95%)	153 (95,6%)
Fora de Santa Catarina	1 (1,4%)	4 (8%)	2 (5%)	7 (4,4%)
Cor da pele				
Branca	56 (80%)	39 (78%)	34 (85%)	129 (80,6%)
Não Branca	14 (20%)	11 (22%)	6 (15%)	31 (19,4%)
Moradia				
Com familiares	66 (94,3%)	39 (78%)	23 (57,5%)	128 (80%)
Alojamento do clube	4 (5,7%)	11 (22%)	17 (42,5%)	32 (20%)

Os resultados acima apresentam que o grupo investigado possui uma média de idade de 15,8 (1,3) anos.<sup>36</sup> E os atletas se autoconsideram, quando perguntados sobre a cor da pele, como brancos (80,6%) e não brancos<sup>37</sup> (19,4%). Em Santa Catarina, segundo dados do IBGE (2010),<sup>38</sup> a população é constituída por 85,7% de brancos e 14,3% de não brancos.

Outro dado importante é que 153 sujeitos, o que representa 95,2% da amostra da pesquisa, são naturais do Estado de Santa Catarina. Ao cruzarmos esses números com o fato de que 20% dos atletas investigados residem em alojamentos<sup>39</sup> dos clubes, sugere-se que, ao menos em níveis de investimentos para as categorias de base, os principais clubes de futsal catarinense oferecem maiores oportunidades aos jovens atletas deste Estado. Isto se dá, sobretudo, pelo fato de que, no ano de 2013, além das equipes investigadas, outros 55 clubes (profissionais e não profissionais) participaram do campeonato estadual de futsal em alguma das categorias entre o sub 9 e o sub 20. Ou seja, do ponto de vista quantitativo, desde cedo há um grande envolvimento dos jovens catarinenses com a prática de futsal de rendimento em clubes e escolinhas especializadas.

Temos também parâmetros sobre os níveis socioeconômicos das famílias que investem na carreira destes jovens. Para Rial (2008), profissionalizar-se pelas vias do esporte não é uma ocupação comum da parcela social considerada miserável, pois este campo profissional exige do jovem e de suas famílias um mínimo de adequação logística (escola, trabalho, locomoção, entre outros) e instrumental (chuteiras, uniformes etc.) necessários para o acompanhamento da progressão na carreira. O projeto de tornar-se esportista profissional (especialmente de futebol), segundo a referida autora, também não é restrito as camadas sociais dominantes, pois há, sobretudo por intermédio dos familiares do jovem, a intenção de continuação da reprodução social do capital por meio dos negócios da família. Neste sentido, o esporte passa a ser um projeto mais possível para uma larga faixa da população brasileira, que vai dos pobres até as camadas médias (RIAL, 2008).

---

<sup>36</sup> O fato do *n* da amostra de sujeitos ser inferior na categoria sub 20, onde os atletas possuem maior idade, influenciou na média encontrada.

<sup>37</sup> O percentual de atletas que se autodeclararam não brancos é composto pela soma das opções: negro (2,5%), mulato/pardo (16,9%) e outros (0%).

<sup>38</sup> Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 09 maio 2014.

<sup>39</sup> As análises referentes aos percentuais entre as categorias serão apresentadas mais a frente.

Sobre esse tema, apresentamos na tabela 3 alguns indicadores sobre as residências dos atletas investigados que proporcionam uma estimativa socioeconômica de suas famílias.<sup>40</sup>

A partir da leitura e interpretação dos dados apresentados nas tabelas 2 e 3 é possível estimarmos que a população que investe na carreira profissional de jovens atletas de futsal de base no Estado de Santa Catarina encontra-se naquela parcela estimada por Rial (2008) – dos pobres à classe média –, sobretudo quando se destaca algumas respostas encontradas na tabela 3: 90,6% dos familiares dos atletas possuem automóvel, 100% possuem máquina de lavar e geladeira e 25% possui empregado(a) mensalista.

Tabela 3. Indicadores socioeconômicos

Indicadores	Possui	Não possui	Sujeitos
Tv de LCD, LED ou Plasma	81,9%	18,1%	160
Tv por assinatura	63,5%	37,5%	160
Computador	96,3%	3,7%	160
Acesso à internet	95%	5%	160
Automóvel	90,6%	9,4%	160
Microondas	94,4%	5,6%	160
Empregado (a) mensalista	25%	75%	160
Máquina de lavar	100%	0%	160
Geladeira	100%	0%	160

De forma geral, os resultados apresentados acima sugerem uma tendência sobre o perfil dos jovens que integram as principais equipes de base do futsal catarinense. Para problematizar e complementar essas e outras questões que serão ainda apresentadas ao longo do trabalho, utilizamos como fonte de análise, além da literatura específica da área, dados quantitativos, entrevistas semiestruturadas e relatórios de observação sobre as rotinas de treinamentos e de escolarização de quatro

<sup>40</sup> Os atletas responderam as questões somente com referência a sua residência de origem, não considerando a estrutura oferecida nos alojamentos dos clubes.

jovens<sup>41</sup> integrantes da categoria sub 15 de uma das oito equipes participantes da pesquisa, considerados como *apostas* do clube por seu treinador.<sup>42</sup>

Segundo Cavichioli et al. (2011, p. 632),

Apesar de o senso comum estabelecer que todo brasileiro “já nasce sabendo jogar bola”, é longo o caminho entre o reconhecimento de se “ter certo talento” para o futebol - nos círculos familiares e escolares - até a “lapidação” desta espécie de “aptidão aparentemente inata” - nos clubes especializados.

Entre os 160 sujeitos investigados, quando questionados sobre a idade em que haviam disputado seu primeiro campeonato estadual, ou seja, a idade de registro na federação esportiva<sup>43</sup> de seu Estado, a moda estatística ficou em 11 anos de idade (frequência de 33 ocorrências).<sup>44</sup> Santana e Ribeiro (2010) encontraram idade aproximada de registro na federação esportiva entre atletas profissionais adultos de oito equipes que disputaram a *Liga Nacional de Futsal* no ano de 2003. Sobre esse aspecto, Santana, Reis e Ribeiro (2006) apresentam ainda que 62,97% dos atletas com participação na seleção brasileira de futsal iniciaram sua prática sistematizada a partir dos 10 anos de idade. Segundo Paoli (2007), estima-se que a idade ideal para identificar um talento esportivo seja entre os 12 e 14 anos, justamente quando o atleta está saindo da infância e entrando na adolescência. Ou seja, as faixas etárias se aproximam com aquilo que é recomendado pela literatura sobre a idade “ideal” para prática sistemática de esportes.

---

<sup>41</sup> Os nomes dos sujeitos (atletas, funcionários do clube e da escola) da equipe e da escola são fictícios, a fim de garantir total sigilo dos participantes.

<sup>42</sup> Denominamos de Valter o treinador da equipe na qual estavam inseridos esses 4 jovens, e cujos treinamentos e jogos acompanhamos por meio de observações sistemáticas durante 4 semanas. Conheci Valter em 2005 na época em que treinava a equipe de futsal da cidade de Joaçaba/SC. De lá pra cá mantivemos contato profissional e esse bom relacionamento facilitou o acesso às rotinas do clube. Atualmente Valter é treinador das categorias sub 15 e sub 13 e este é seu primeiro ano como técnico do clube investigado.

<sup>43</sup> A idade de registro na federação torna-se um dado importante, pois representa um ponto de partida na prática sistematizada de treinamentos e competições na modalidade esportiva.

<sup>44</sup> A idade mínima encontrada foi de 5 anos e máxima de 17 anos de idade.

Porém, o fato de um atleta ser inscrito na federação esportiva não garante que o mesmo tenha se iniciado na prática regular<sup>45</sup> da modalidade esportiva com esta idade. Os relatos encontrados nas entrevistas apresentam justamente o contrário. Para serem selecionados por uma equipe ao ponto de serem cadastrados como atletas oficiais, os jovens precisam se inserir, cada vez mais cedo, em processos regulares de treinamentos, principalmente em escolinhas especializadas na modalidade. É o caso do jovem Mateus,<sup>46</sup> um entre os três estudantes-atletas investigados que vivem no alojamento<sup>47</sup> oferecido pelo clube observado, que diz em entrevista: “eu comecei a jogar futsal com 4 ou 5 anos numa escolinha perto de casa, lá na minha cidade mesmo, meu pai sempre me levava, só depois que fui fazer parte da equipe da cidade que disputa o estadual” (ENTREVISTA MATEUS, 04/12/2013).

Santana, França e Reis (2007), ao traçarem o perfil de iniciação ao futsal de jovens atletas paranaenses, identificaram que a maioria se iniciou cedo na prática regular, entre 5 e 9 anos de idade. Marques e Samulski (2009) encontraram em atletas profissionais de futebol de campo uma média de 8,95 anos para o início da prática regular na modalidade esportiva.

Para Rial (2008), a construção do *habitus* do esportista inicia-se cedo, nas escolinhas de aprendizado regular, sistemático e disciplinado de determinada modalidade esportiva, o que marca uma separação entre o brincar ludicamente de bola e o treinar.

As escolinhas de iniciação esportiva representam um primeiro contato com vivências especializadas da modalidade (MARQUES; SAMULSKI, 2009). Ou seja, percebe-se que há na carreira do jovem atleta um tempo de prática anterior ao momento de registro na federação. Para os que participam de atividades esportivas no contraturno escolar, seja em escolinhas ou equipes de treinamento, segundo Santana, França e Reis (2007), os familiares foram os principais motivadores para que a criança tivesse seus primeiros

---

<sup>45</sup> Considera-se aqui como prática regular a participação em escolinhas esportivas com professores/técnicos especializados, fora do horário escolar.

<sup>46</sup> Mateus tem 15 anos de idade e é natural de Indaial/SC. 2013 foi seu primeiro ano no clube investigado.

<sup>47</sup> O clube oferece uma casa com 2 quartos, sala, cozinha e banheiro a 3 atletas da categoria sub 15. A casa ficava próxima da escola onde os jovens estudavam e da residência do treinador da equipe, mas distante do principal local de treinamento.

contatos com o futsal. É o caso também do jovem João Pedro,<sup>48</sup> que relevou ter começado “[...] no futsal com 5 anos de idade, numa escolinha da associação que meu pai trabalhava. Ele sempre me levava nos treinos e até hoje me acompanha nos jogos” (ENTREVISTA JOÃO PEDRO, 04/12/2013).

O esporte aparece como um projeto familiar, ou seja, como uma atividade conscientemente escolhida (VELHO, 2009) e não apenas de desejos individuais dos atletas. Os investimentos familiares, segundo Souza et al. (2008), podem se transformar em histórias de sucesso ou em frustração na biografia daqueles que se aventuram na construção de uma carreira profissional.

Cavichioli et al. (2011) apresentam que a ação de levar as crianças para escolinhas esportivas ou turmas de treinamento geralmente ocorre por iniciativa dos familiares, e na sua grande maioria exclusivamente pelo pai sob incentivo de parentes ou do professor de Educação Física do jovem. Para Santana, França e Reis (2007),<sup>49</sup> 48,93% dos atletas juvenis de futsal do Estado do Paraná tiveram a família como principal responsável por incentivar e iniciar os jovens na modalidade. Esses dados vão ao encontro do relato do jovem Arthur,<sup>50</sup> que contou em entrevista ter sido influenciado por seu pai na escolha por uma prática de iniciação esportiva: “tenho três irmãos mais velhos que nunca jogaram bola, mas meu pai começou a me levar na escolinha cedo (06 anos de idade) e sempre que podia me acompanhava nos jogos”. (ENTREVISTA ARTHUR, 04/12/2013).

Para Correia (2013), esses projetos, apesar de compartilhados no seio familiar, promovem espaços de conflitos e redefinições constantes, motivados, sobretudo, por diferentes projetos individuais e trajetórias específicas de cada ator social que integra esta teia. Sobretudo entre as camadas altas e médias da sociedade, percebe-se que há maior

---

<sup>48</sup> João Pedro tem 15 anos de idade e entre os quatro atletas que acompanhamos nas observações e posteriormente entrevistamos, é o único que mora ainda com a família, apesar dos pais serem separados. Este é seu primeiro ano como atleta da equipe da cidade.

<sup>49</sup> O perfil traçado por Santana, França e Reis (2007) possui semelhanças com a minha própria trajetória no futsal. Iniciei a carreira esportiva com apenas 9 anos de idade, sendo incentivado por meu pai e irmão mais velho. Persegui o sonho de me tornar profissional durante 10 anos, passando por diferentes clubes, segmentos sociais e processos de treinamento.

<sup>50</sup> Arthur é natural de Campos Novos/SC, tem 15 anos de idade e 2013 foi seu primeiro ano morando fora de casa. Sua família mora a cerca de 360 km de distância do clube.

grau de fissura nos projetos coletivos em virtude do seu campo de possibilidades ser mais diversificado se comparado com os projetos das camadas populares. Em entrevista, o jovem Dudu contou que começou a jogar futsal com 11 anos de idade numa escolinha em Campos Novos, no meio oeste catarinense. Com apenas 13 anos de idade foi morar em Caçador/SC (cerca de 100 km de distância de sua cidade natal) e ficou um ano lá. Seus pais não queriam que ele fosse morar na cidade vizinha, mas ele afirma que: “a última palavra foi minha, se eu continuasse em Campos Novos não ia ser bom pra mim. Eu chorei pro meu tio e ele convenceu meus pais a deixarem... se eu me arrependesse era pertinho pra voltar pra casa, eu só queria uma oportunidade”. Dudu reforça sua versão de que havia certo conflito familiar sobre sua escolha profissional ao contar que: “primeiro via meu irmão (mais velho) jogando e por causa disso me dava vontade também, mas meu pai nunca assistiu [um] jogo meu. Ele queria que eu trabalhasse pra ganhar dinheiro desde cedo, porque meu irmão era bom, mas não deu em nada. Já minha mãe, o que eu fizer, ela apoia”. (ENTREVISTA DUDU, 04/12/2013).

A influência dos pais no desenvolvimento do jovem atleta é um aspecto que merece destaque. Moraes, Rabelo e Salmela (2004) apresentam estudos que demonstram o papel crucial dos pais, especialmente durante os anos iniciais de experimentação (dos 06 aos 13 anos) e nos de especialização (dos 13 aos 15 anos) dos atletas.

Moraes, Rabelo e Salmela (2004) apresentam discussões de pesquisas do campo da psicologia esportiva sobre a presença dos familiares no ambiente esportivo em diferentes modalidades. Para remadores, ginastas e atletas de voleibol, esportes, em geral, praticados por indivíduos de classe média, são apresentados três estágios de participação: a) dos 6 aos 13 anos de idade, quando as famílias introduzem os filhos no esporte com ênfase na experimentação e divertimento; b) dos 13 aos 15 anos de idade, quando o jovem passa por um período de especialização e cresce o interesse e o comprometimento com o esporte, e o momento em que os pais investem tempo e dinheiro para a produção do jovem no esporte e na escola; e c) dos 15 anos em diante, quando há um aumento do compromisso dos filhos e familiares em superar as dificuldades de progressão do treinamento, fase em que os pais passam a cobrar de seus filhos um maior compromisso também com a escolarização.

Os resultados encontrados nessas pesquisas mostram que os pais se envolviam também com as competições que seus filhos disputavam, principalmente nas fases de iniciação e especialização e o

acompanhamento familiar foi apontado como fator determinante para atingir o sucesso, sobretudo na medida em que havia apoio emocional, suporte financeiro e uma logística adequada à rotina dos jovens. Acompanhamos 16 sessões de treinamentos da equipe e, em geral, os familiares dos atletas se fizeram pouco presentes nas observações, diferente do que acontecia nos jogos oficiais,<sup>51</sup> que costumava contar com um número de espectadores relativamente grande (cerca de 200 pessoas).<sup>52</sup> No diário de campo do dia 27/06/2013 temos um registro da fala do treinador sobre o assunto. Valter conta que costuma falar ao telefone com os pais de Dudu e Arthur, pois eles moram longe e querem saber como está o comportamento dos meninos nos treinos e na escola. No dia 28/06/2013, ao conhecermos o pai de Mateus, registramos sua fala: “estou tranquilo com meu filho aqui, moro perto e sempre tento acompanhar o que ele faz. Tive proposta de outros clubes pro meu filho, mas acredito que aqui seja o melhor lugar pra ele”. (DIÁRIO DE CAMPO, 28/06/2013).

Em geral, jovens que se inserem numa rotina de dedicação ao esporte sonham tornarem-se jogadores profissionais, e seus pais sonham em assistir seus filhos na televisão, recompensando, de alguma forma, seus esforços e incentivos na carreira dos filhos. Este acompanhamento, o dos familiares, no entanto, nem sempre é positivo, pois, segundo Teixeira (2003, p. 77), “os alunos-atletas sentem a pressão da simples presença de seus pais no mundo do jogo oficial e passam a buscar a todo o custo corresponder às expectativas que, inevitavelmente, lhes são depositadas”. Em entrevista, Arthur conta que seu pai gostava de levá-lo aos jogos e que “ele cobrava bastante, era um torcedor daqueles que ficava xingando o juiz e me chamando o tempo todo.”<sup>53</sup> (ENTREVISTA ARTHUR, 04/12/2013). Sobre este mesmo assunto, Mateus conta que seus pais estão sempre presentes nos jogos: “eu passo a semana aqui e

---

<sup>51</sup> A maioria dos atletas morava na cidade do clube, o que facilitava, em tese, o acesso aos jogos e competições por parte de seus familiares e amigos.

<sup>52</sup> No contexto analisado por Bassani, Torri e Vaz (2003) pais e mães acompanhavam constantemente seus filhos nos treinamentos e jogos oficiais da equipe e reclamavam que o treinador deveria investir mais no rendimento esportivo dos jovens. Na ocasião a média de idade dos sujeitos era inferior à encontrada nesta pesquisa (entre 11 e 13 anos) e a equipe era parte integrante de uma escola pública da rede estadual de ensino.

<sup>53</sup> A expectativa de Arthur e Dudu era de que seus familiares fossem assistir as finais do campeonato estadual que aconteceriam 15 dias após o término das entrevistas. Não tivemos contato com seus familiares durante o período de observações.

final de semana vou pra casa,<sup>54</sup> meus pais até já vieram dormir aqui no alojamento com a gente”. E, como torcedores, “eles me apoiam e conversam depois dos jogos... Meu pai gosta de conversar, mas pra minha mãe tudo que eu faço tá certo. Ela não entende muito e sempre me apoia”. (ENTREVISTA MATEUS, 04/12/2013).

Para Rial (2008), o ingresso no sistema esportivo, embora possa ser narrado como um desígnio divino, acontece por meio de diferentes vias, e conseguir autorização para morar “na concentração” já é uma primeira vitória para o iniciante.

Os dados de nossa pesquisa confirmam isso: na categoria sub 15, apenas 4 atletas (5,7%) moravam em alojamentos dos clubes, enquanto que na categoria sub 17 este número cresce para 11 sujeitos (22%). Já na categoria sub 20, como era de se esperar, este número de atletas alojados sobe ainda mais: 17 (42,5%). O aumento do número de atletas vivendo em concentrações sugere que há, além de um maior investimento nas categorias superiores, um processo maior de seleção sobre os atletas que integram as categorias de base, que passam a estar vinculados integralmente aos clubes.

Rial (2008) diz que a saída de casa é o pontapé inicial na carreira de atleta – que para alguns ocorre ainda na adolescência – e a fronteira superada é a do círculo familiar. Esse momento de ruptura é significativo, pois implica uma mudança nos estilos de vida, e também é visto como um sinal de que o projeto de carreira está bem encaminhado. Porém, esse processo evidencia que a consequência será o afastamento, que é visto como doloroso, mas cercado de grandes esperanças, de realização profissional.

Marques e Samulski (2009) apresentam que, em geral, os jogadores de futebol por eles investigados deixam de morar com os pais a partir dos 13 anos de idade, e a maioria destes jovens não tem contato diário com seus familiares. Sobre este assunto Arthur revela que teve dificuldades para se adequar a nova rotina de morar longe dos pais: “sofri bastante no primeiro dia, quase desisti por estar longe de casa e saber que as coisas iam ser diferentes. Lá [na casa dos pais] tinha comida, roupa lavada; aqui tem que fazer tudo, aprender a se virar, mas hoje eu posso falar que foi minha melhor experiência, morar sozinho conta muito, né”. (ENTREVISTA ARTHUR, 04/12/2013). Dudu é o

---

<sup>54</sup> A família de Mateus mora em Indaial/SC, cerca de 150 km de distância da cidade do clube investigado. Tivemos a oportunidade de conhecê-los, pois costumavam buscar os meninos que moravam no alojamento para passarem o final de semana em sua casa.

mais o novo entre os irmãos e diz que por ser o “bebê”, seus pais se preocupam ainda mais: “ano passado foi mais difícil do que esse ano de saudade, porque parece que a gente se acostuma, é o que tem que fazer, né”. Dudu, assim como Arthur, conta que quase desistiu por conta de um problema de saúde ocorrido com seu pai no meio daquele ano: “minha irmã ligava chorando pedindo pra eu voltar e eu queria estar perto dele.”<sup>55</sup> (ENTREVISTA DUDU, 04/12/2013). O período da vida em que os jovens vivem em concentrações pode ser compreendido também como um ritual de passagem, sobretudo pela necessidade de incorporação de dispositivos que prepararam o atleta para a profissão, tais como a distância de casa e dos familiares, as tarefas domésticas, o convívio com diferentes grupos sociais, a adaptação às novas rotinas, o exercício do autocontrole no equilíbrio entre obrigações e tempo livre, entre outros aspectos. Para o jovem atleta, resistir a este processo consiste também em aprender sobre a organização e governo de sua vida.

Apresentamos até o momento, entre outros elementos, duas etapas da carreira esportiva do jovem atleta: a *iniciação*, que é representada pelos primeiros contatos com a prática esportiva sistematizada em escolinhas, e a *fase de consolidação*, objetivada pelo momento de registro do atleta na federação esportiva por seu clube, sendo ele alojado ou não. Mas, segundo Paoli (2007), existe uma zona intermediária entre essas duas etapas, que representa as formas dos jovens acessarem as categorias de base de um clube, podendo ser por meio das peneiras,<sup>56</sup> por indicação, entre outros.

As peneiras consistem num “processo espontâneo” de selecionamento, no qual os candidatos se dirigem ao clube se oferecendo para fazer parte da equipe (TOLEDO, 2002). Por vezes, é o próprio clube que organiza esse tipo de captação de atletas, pois é uma ação que trabalha com um número grande de candidatos ao mesmo tempo.

---

<sup>55</sup> Dudu se ausentou durante uma semana de observações, pois seu pai estava internado em Florianópolis/SC para tratamento de câncer. Segundo o jovem, seu pai estava melhor e logo voltaria para casa.

<sup>56</sup> As peneiras são formas de recrutar jogadores, comumente nas categorias de base, através da reunião de um grande número deles em um ou dois dias para escolher os possíveis integrantes das equipes. Um exemplo destes processos pode ser assistido no documentário Futebol, de João Moreira Salles (CORREIA, 2003).

Toledo (2002) constatou que este tipo de processo promove baixos índices de aproveitamento, pois cerca apenas de 1% dos candidatos são aprovados pelos clubes. Não temos dados sobre este tipo de atividade no futsal, mas, por exemplo, no São Paulo Futebol Clube, no ano de 1996, apenas 2 atletas foram aprovados em peneiras que contaram com cerca de 4.000 candidatos que passaram pelo processo ao longo do ano. As peneiras geralmente são realizadas com atletas entre 12 a 16 anos, pois, caso seja aprovado, o jovem terá um tempo maior de permanência no clube (PAOLI, 2007).

Apesar das estatísticas citadas acima sugerirem baixo aproveitamento nesse tipo de acesso ao clube, o jovem Arthur conta que sua chegada à equipe foi por intermédio de uma peneira organizada pela agremiação pesquisada no início do ano de 2013. “Conheci o Valter pelo *Facebook*<sup>57</sup> e fiquei sabendo que ia ter um teste. Ele me chamou, mas achou que eu não vinha, mas uma amiga minha me trouxe e eu fui bem... acabei ficando”. (ENTREVISTA ARTHUR, 04/12/2013). Mesmo tendo disputado o campeonato estadual e outras competições pela equipe de sua cidade natal nas categorias inferiores, Arthur não era conhecido pelo treinador, diferentemente dos outros jovens que acompanhamos.

Outra via de acesso do jovem atleta ao clube pode se dar pelo processo de indicação, que por vezes é realizado por observadores técnicos, os chamados “olheiros”, ou por parceiros<sup>58</sup> do clube (professores de escolas, amigos da equipe técnica, entre outros), e até mesmo pelo próprio treinador da equipe. Segundo Paoli (2007), essa é considerada uma das vias mais produtivas, pois consegue captar mais

---

<sup>57</sup> A rede social (*Facebook*) era uma ferramenta importante para este grupo, pois além das conversas entre atletas, o treinador havia criado um “grupo fechado” para atualizar informações sobre programações de treinamentos e jogos, fiz parte deste grupo durante o período de observações. Em conversas com o treinador ele contou que fazia uma espécie de vigília sobre seus atletas, dizendo que: “pelo *facebook* da pra saber o que eles andam fazendo, que horas vão dormir etc.”.

<sup>58</sup> Aguardávamos o início do treino da equipe no dia 28/06/2013 quando chegou ao ginásio o jovem Tiago acompanhado por seu tio, jogador profissional do clube. Após uma rápida conversa o jovem foi recebido pelo restante do grupo (que se impressionava com a presença do ídolo) e passou a treinar com a equipe, em outro momento Valter comentou: “quando vem lá de cima eu tenho que aceitar, espero que o menino seja bom”. Tiago integrou o grupo e seu tio se fez presente em alguns treinamentos e jogos ao longo das observações.

atletas para o clube em todas as categorias, mas a procura é focada nos jogadores mais novos.

Segundo Toledo (2002), em média 50% dos atletas de futebol indicados são aproveitados pelo clube. Aqueles que são indicados são munidos de certa “história esportiva”, precisam possuir bons antecedentes, experiência competitiva, entre outros qualificativos. Nos clubes de futebol pesquisados por Paoli (2007), o processo de indicação é um dos mais utilizados, pois o jogador, ao despertar interesse do clube, passa a integrar diretamente a categoria de base durante um período de adaptação. No âmbito da nossa pesquisa, este foi o caso de Dudu, que foi convidado diretamente por Valter para fazer parte de sua equipe ao se destacar nos Jogos Escolares (JESC) de 2012: “joguei o JESC por Caçador/SC no ano passado e chegamos na final. Quando acabou o campeonato, o Valter me perguntou se eu não tinha interesse de ir jogar com ele. Conversei com meus pais e acabei aceitando”. (ENTREVISTA DUDU, 04/12/2013). João Pedro e Mateus também foram indicados por Valter para fazerem parte da equipe naquele ano.

Ao ingressarem na equipe, segundo Paoli (2007), as exigências aos jovens atletas aumentam na medida em que se aproximam da profissionalização. A partir da categoria sub 15, o perfil antropométrico (peso, altura, envergadura etc.) e o domínio dos aspectos técnicos (passe, condução, chute, entre outros) não são suficientes para garantir a permanência do atleta no grupo. As exigências sofrem alterações e o aproveitamento nas etapas subsequentes, ou não, está relacionado, sobretudo, com critérios vinculados às características de filosofia de jogo e dos princípios táticos adotados pelo treinador e dirigentes do clube. A evolução da idade cronológica aliada à aquisição de habilidades técnicas e táticas promove um melhor preparo psicológico do atleta, o que pode facilitar as promoções entre as diferentes categorias.

Ao consultar os dados sobre a promoção de jogadores de futebol de base entre as categorias no Cruzeiro Esporte Clube/MG, Paoli (2007) apresenta que os maiores índices de sucesso na promoção de atletas acontecem da categoria sub 14<sup>59</sup> para a sub 15, com cerca de 90% de aproveitamento, enquanto que, em média, apenas 50% do grupo de atletas são promovidos da categoria sub 15 para a sub 17. Por fim, da

---

<sup>59</sup> Algumas equipes de futebol de campo possuem em suas estruturas equipe técnica para trabalhar com todas as idades, ex: sub 10, sub 11, sub 12 e assim sucessivamente, o que não acontece, de forma geral, no futsal.

categoria sub 17 para a sub 20, cerca de 7 atletas possuem êxito nesta etapa de transição, o que corresponde a 30% ou 40% do grupo.

A categoria sub 15, neste processo, é de fundamental importância, pois é considerada o início de um longo procedimento de seleção. O sucesso nessa categoria não garante, contudo, a ascensão e permanência nas subseqüentes, pois a avaliação é contínua e as dispensas<sup>60</sup> são cada vez mais constantes. Neste sentido, o trabalho de base funciona como uma engrenagem interdependente entre as categorias de formação, desde os aspectos de estrutura física dos clubes até as comissões técnicas (PAOLI, 2007).

Do ponto de vista dos atletas que investigamos é fácil percebermos tal expectativa. Dudu, por exemplo, conta em entrevista que “pro ano que vem a gente não sabe, o Valter disse que vai sair [do atual clube] e convidou a gente pra ir jogar com ele em outro clube, isso pode pesar na escolha”. A esta altura o treinador sabia que não faria mais parte do clube e negociava a montagem de sua nova equipe para o ano de 2014. Dudu ainda diz: “ele quer levar a gente [Arthur e Dudu], mas não sabe ainda quanto vai poder pagar de bolsa. Ele sabe que o nosso potencial aqui é pra uma bolsa atleta boa<sup>61</sup> [cerca de R\$ 500,00 por mês]. Ele não falou muita coisa ainda, mas teve convite”. Para Dudu, é muito importante ter uma perspectiva futura no clube: “Eu vejo que em Santa Catarina, onde eu to agora, é um clube que tem profissional e é de alto nível, aqui é pra chegar no profissional. Pra sair tem que ser uma proposta boa, até o supervisor<sup>62</sup> já veio falar comigo e com o Arthur pra gente ficar... por mim eu fico”. (ENTREVISTA DUDU, 04/12/2013). No último dia de observações (14/07/2013), após o término da segunda etapa do estadual da categoria sub 15, registramos uma conversa entre Valter e Dinho,<sup>63</sup> treinador das categorias superiores do clube investigado. Dinho estava satisfeito com o desempenho da equipe e com a classificação para a terceira fase da competição estadual

---

<sup>60</sup> As dispensas ocorrem em geral por diversos motivos: disciplinar, tático, técnico, psicológico, físico, contratual, entre outros.

<sup>61</sup> Neste clube todos os atletas das categorias sub 17 e sub 20 recebem bolsa salário, e aqueles que são de outras cidades moravam num apartamento próximo ao local de treino do clube, diferentemente dos jovens da categoria sub 15.

<sup>62</sup> Ex-atleta do clube e da seleção brasileira, Rodrigo Xavier exerce o cargo de supervisor das categorias de base desde o início do ano de 2013.

<sup>63</sup> Dinho tem experiência como técnico em clubes profissionais e atuava como treinador da equipe nas categorias sub 17 e sub 20, além de professor em uma faculdade de Educação Física.

da qual a equipe de Valter disputava, e informou que gostaria de contar com Dudu, João Pedro e Arthur em seu grupo que disputaria as Olimpíadas Estudantis de Santa Catarina (OLESC), competição que reúne jovens entre 15 e 16 anos de idade das principais equipes do Estado em diversas modalidades esportivas. Para Valter, a “convocação” dos meninos não era uma surpresa e sim uma recompensa pelo bom desempenho apresentado nos treinamentos e nos jogos. Valter revelou em conversa após o último jogo da etapa do estadual (DIÁRIO DE CAMPO, 14/07/2013) que Mateus havia ficado de fora dessa lista por motivos de indisciplina.<sup>64</sup> Ter o esforço reconhecido pelo treinador das categorias superiores é considerado um importante passo para que os jovens resistam ao processo de seleção entre as diferentes categorias do clube.

Mas, em geral, Ao se aproximarem cada vez mais da profissionalização e fazerem parte de uma equipe esportiva de base, neste caso o futsal, os jovens incorporam uma rotina de treinamentos que tende por concorrer, em relação ao tempo gasto, com a dedicação aos estudos e a formação escolar, entre outros aspectos. Chama a atenção o fato de haver certa tensão entre ambos os projetos, o da carreira esportiva e da formação escolar.

Sobre esse tema apresentamos a seguir, na tabela 4, os resultados encontrados sobre a quantidade média de sessões de treinamento por semana, tempo de treino médio em cada sessão (dados que serão retomados e mais bem explorados no terceiro capítulo) e tempo médio de deslocamento para o treinamento. Na sequência, na tabela 5, apresentamos dados sobre a média de tempo de permanência diária na escola e o tempo médio de deslocamento para a escola, e, por fim, na tabela 6, apresentamos os padrões semanais relacionados aos tempos de dedicação ao esporte e à escola pelos jovens investigados em cada categoria de base.

---

<sup>64</sup> Sob os olhares do treinador Dinho e do Supervisor Rodrigo Xavier, Mateus cometeu um ato de indisciplina no segundo jogo da etapa do estadual, no dia 14/07/2013. Ao ter sua atenção chamada por Valter após um erro durante a partida, o jovem gesticulou discordando da orientação e foi substituído. Ao sair de quadra deu um pontapé num lixeiro e não quis conversar com ninguém após o jogo. Retomaremos este caso no capítulo 3.

Tabela 4. Quantidade de treinos, tempo de treino e tempo de deslocamento para o treino

Categoria		Quant. de treinos (por semana)	Tempo de treino (por sessão) <sup>65</sup>	Tempo de deslocamento (para o treino)
Sub 15	X	4	02:00:00	01:15:00
	DP	1	00:00:00	01:09:00
Sub 17	X	5	02:18:00	00:58:00
	DP	1	00:28:00	00:37:00
Sub 20	X	7	02:03:00	00:47:00
	DP	2	00:25:00	00:29:00
Grupo	X	5	02:06:00	01:03:00
	DP	2	00:21:00	00:52:00

X = Média

DP = Desvio Padrão

Ao analisarmos os dados acima, percebemos que não há diferença média significativa entre os tempos de duração das sessões de treinamentos entre as diferentes categorias investigadas. Porém, ao cruzarmos esta variável com a quantidade média de sessões de treinamentos por semana, que cresce gradativamente à medida que o jovem se aproxima da categoria profissional, identificamos que há tendência de aproximação entre estes tempos concorrentes, sobretudo pelo fato de que houve diminuição nos tempos médios de permanência na escola entre as categorias sub 15 (04h17min.), sub 17 (04h13min.) e sub 20 (04h02min.), conforme será apresentado na tabela a seguir.<sup>66</sup>

<sup>65</sup> Os dados referentes ao tempo médio de duração de uma sessão de treinamento apresentavam algumas diferenças entre os goleiros e demais atletas da equipe, isto se dá pelo fato de ser comum o goleiro realizar treinamentos específicos em horários diferentes do restante da equipe e também por participar de treinamentos em mais de uma categoria na mesma semana, por exemplo: o goleiro da categoria sub 15 da equipe observada por vezes era convidado para integrar o treinamento da categoria sub 17, mas neste caso o jovem não treinava em dois períodos, pois era liberado do treino de sua categoria naquele dia, o que pode não acontecer em outros clubes.

<sup>66</sup> Esses e outros dados referentes à escolarização dos jovens atletas serão mais bem detalhados no capítulo a seguir.

Tabela 5. Tempo de escola e tempo de deslocamento para a escola

Categoria		Tempo de escola (por dia)	Tempo de deslocamento (para a escola)
Sub 15	X	04:17:00	00:35:00
	DP	00:23:00	00:20:00
Sub 17	X	04:13:00	00:34:00
	DP	00:40:00	00:19:00
Sub 20	X	04:02:00	00:39:00
	DP	01:16:00	00:17:00
Grupo	X	04:13:00	00:35:00
	DP	00:43:00	00:19:00

X= Média;

DP=Desvio Padrão

Somando-se os tempos de dedicação ao esporte (tabela 4) e a escola (tabela 5), temos que, para a categoria sub 15, há uma média de 08h07min. de investimento de tempo diário nesses projetos. Já para a categoria sub 17, a média fica em 08h04min., e, para a sub 20, os valores médios são de 07h55min.

Tabela 6. Padrão semanal do tempo gasto nas atividades relacionadas ao futsal e a escola

Categoria		Futsal	Escola	Tempo Total
Sub 15	X	13:00:00	24:20:00	37:20:00
	DP	04:36:00	03:35:00	08:11:00
Sub 17	X	16:20:00	23:55:00	40:15:00
	DP	05:25:00	04:55:00	10:20:00
Sub 20	X	19:50:00	23:25:00	43:15:00
	DP	06:18:00	12:45:00	19:03:00
Grupo	X	15:45:00	24:00:00	39:45:00
	DP	06:05:00	05:10:00	11:15:00

X= Média;

DP = Desvio Padrão

Os resultados acima apresentam que há concorrência entre ambos os projetos, sobretudo pelo tempo médio investido na formação profissional esportiva se aproximar cada vez mais do tempo médio de dedicação à escola por parte dos jovens atletas ao final do processo de escolarização básica. Sobre este tema, o capítulo seguinte buscará tencionar, entre outros aspectos, sentidos e significados da escola para estes jovens que investem na carreira esportiva.

## **2 – PERFIL EDUCACIONAL DE JOVENS ATLETAS DE FUTSAL EM SANTA CATARINA: CONCORRÊNCIA ENTRE PROJETOS DE FORMAÇÃO**

Vimos no capítulo anterior que o tempo de dedicação do jovem atleta em formação tende a concorrer com a rotina de escolarização, sobretudo quando se aproxima da profissionalização no esporte. Em geral, segundo Rocha (2013), o atleta que decide apostar na carreira esportiva acaba deixando de lado outros projetos formativos, entre eles o escolar.

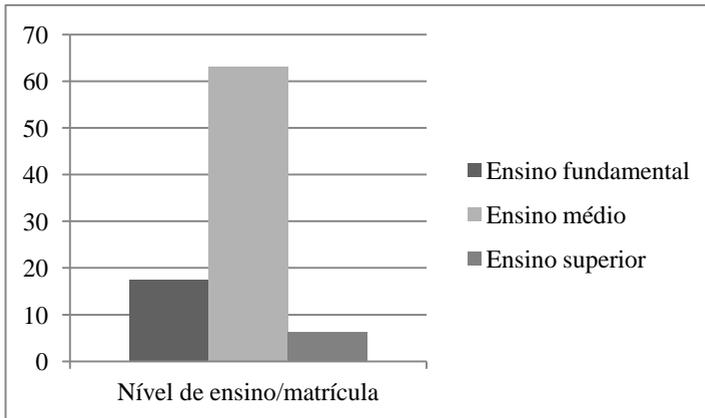
O fato de os jovens atribuírem mais tempo e esforços para se dedicarem aos treinamentos pode ser, em parte, explicado pela falta de qualidade das escolas brasileiras. De acordo com Veloso (2009), apesar de terem sido realizadas importantes transformações na política educacional brasileira nos últimos 15 anos, tais como a universalização do acesso ao Ensino Fundamental para crianças de 7 a 14 anos de idade, e o aumento significativo na frequência escolar de jovens entre 15 e 17 anos no Ensino Médio,<sup>67</sup> em geral, o Brasil ainda se caracteriza por apresentar um baixo nível na qualidade educacional, tanto em termos de níveis de aprendizado adequado para cada série, quanto em comparação com outros países, inclusive com aqueles que se encontram em condições semelhantes de desenvolvimento socioeconômico.

No contexto de nossa pesquisa, ao observarmos na figura 1, abaixo, a distribuição percentual dos 160 atletas investigados em relação à série em que estavam matriculados no ano de 2013, temos 28 sujeitos, o que representa 17,5% da amostra da pesquisa, frequentando o Ensino Fundamental, outros 101 sujeitos (63,1%) no Ensino Médio e ainda 10 atletas (6,3%) matriculados no Ensino Superior. Os outros 13,1% são distribuídos da seguinte forma: 15 atletas (9,4%) concluíram o Ensino Médio e não estavam estudando quando da aplicação dos questionários,

---

<sup>67</sup> Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em 1995 93% das crianças entre 7 e 14 anos frequentavam a escola; em 2002 a taxa elevou-se para 97%, o que caracterizou quase uma universalização do Ensino Fundamental – elevando-se para 98% em 2007. Com jovens entre 15 e 17 anos de idade os valores passaram de 65%, em 1995, para 80% desde 2003. Nesse período também houve aumento expressivo nas taxas de conclusão do Ensino Fundamental e Médio (VELOSO, 2009).

5 atletas (3,1%) abandonaram o Ensino Médio sem concluí-lo e 1 atleta<sup>68</sup> (0,6%) abandonou o Ensino Fundamental.



**Figura 1. Distribuição percentual do nível de ensino em que os atletas estão matriculados.**

Veloso (2009) atenta ainda para duas situações, pois embora uma taxa significativa de jovens entre 7 e 17 anos frequentem regularmente a escola, isso não é garantia de que estejam na série correta devido ao elevado grau de repetência no Ensino Fundamental e Médio, já que cerca de 40% dos jovens entre 15 e 17 anos de idade, que deveriam estar matriculados no Ensino Médio, ainda cursam a etapa anterior de escolarização, e embora se tenha atingido recentemente a universalização do Ensino Fundamental, grande parte dos jovens não conclui esse nível de ensino.<sup>69</sup>

<sup>68</sup> Tiago tinha 15 anos de idade e é natural da Paraíba, chegou ao clube na segunda semana de observações por intermédio de seu tio, jogador da seleção brasileira de futsal e craque do time profissional do clube observado. No Diário de campo do dia 28/06/2013 temos o relato da presença do atleta no treinamento dos jovens, ele conversou com Valter e pediu para seu sobrinho passar por um período de avaliações com a equipe. Tiago foi aprovado e seu tio falou para o treinador que este ano ele não iria frequentar a escola, pois tinha notas ruins e não havia tempo para recuperar, Valter entendeu a situação e disse que dificilmente alguma escola o aceitaria nesta época do ano. O atleta profissional passou a ser figura constante nos jogos e treinamentos da equipe.

<sup>69</sup> Essa afirmação pode ser corroborada pelos dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e será relacionada mais a frente com os dados dos atletas investigados nesta pesquisa.

Além das políticas de universalização de acesso à escola, a agenda atual da educação no Brasil tem como meta ampliar o tempo de permanência do aluno na escola. Em vigor desde abril de 2013, a Lei nº 12.796 apresenta as diretrizes e bases para a educação nacional, estabelecendo a obrigatoriedade de frequência à escola para a população entre 4 e 17 anos de idade, compreendendo, no total, 14 anos de formação escolarizada.

Os dados apresentados acima sugerem que o aumento da carga horária escolar obrigatória vai de encontro ao tempo de dedicação exigido pela rotina do jovem atleta. Sobre esse tema, o da concorrência entre projeto de formação escolar e formação profissional pelas vias do esporte, encontramos em Melo (2010), Costa (2012) e Rocha (2013) revisões sobre os estudos de Metsä-Tokila (2002) e Christensen e Sørensen (2009). No estudo de Metsä-Tokila (2002 *apud* MELO, 2010; COSTA, 2012; ROCHA, 2013) é apresentado como o esporte de alto-nível competitivo tornou-se parte dos sistemas de educação da extinta União Soviética, da Suécia e da Finlândia, e descrito como há mais de trinta anos as autoridades políticas, educacionais e esportivas desses países discutiram, articularam e experimentaram diferentes possibilidades de conciliação entre a educação acadêmica e o treinamento de alto nível. Os argumentos que balizaram tais programas ou políticas nesses países, para além do valor intrínseco que o esporte possui no mundo contemporâneo, basearam-se na dificuldade de gestão do tempo para realização das atividades esportivas em concomitância com as demandas escolares (tarefas acadêmicas e dedicação aos estudos) e na necessidade de fornecer educação e capacitação para jovens atletas integrarem-se ao mercado de trabalho após suas carreiras esportivas. Os resultados desta pesquisa sugerem que o sucesso na combinação da carreira esportiva com os estudos acadêmicos depende, entre outros aspectos, da flexibilidade com que as instituições esportivas e a escola tratam os calendários de exames para atletas, os horários da escola e de treinamento esportivo. A pesquisa realizada por Christensen e Sørensen (2009 *apud* MELO, 2010; COSTA, 2012; ROCHA, 2013) na Dinamarca tratou das tensões existentes nos campos esportivo e educacional, considerando o contexto econômico que envolve o esporte. Foram entrevistados 25 atletas de futebol com idades entre 15 e 19 anos que estavam envolvidos em programas oficiais de treinamento e

constatou-se que aos atletas de elite do *Team Danmark*<sup>70</sup> são oferecidas aulas especiais com menos horas/aula por semana para garantir maior tempo de dedicação às sessões de treinamento. Assim, os três anos de ensino secundário são feitos em quatro. Porém, esse programa não é generalizado e acontece em poucas cidades de modo que nem todos os atletas são contemplados. Mesmo no projeto que se preocupa em estabelecer conexões e mediações entre a instituição esportiva e a escola, os resultados encontrados pelos referidos autores indicaram que o programa dinamarquês presente nas escolas não consegue nada muito além dos abonos das faltas desses estudantes-atletas.

No Brasil, com a edição da Lei 12.395/2011 que alterou diversos artigos da chamada Lei Pelé,<sup>71</sup> passou-se a estabelecer regras específicas em relação aos contratos profissionais no esporte nacional, sobretudo por constatar-se que a fase de formação esportiva de um atleta coincide com seu período de escolarização básica. Segundo Barreto (2012), essa lei obriga os clubes, agora vistos como entidades formadoras, a acompanhar o rendimento escolar dos atletas entre 12 e 21 anos de idade, além de oferecer alojamento adequado e contato facilitado com a família.

Costa (2012) apresenta que, no Brasil, um dos exemplos de incentivo ao esporte de alto rendimento é o programa Bolsa Atleta,<sup>72</sup>

---

<sup>70</sup> *Team Danmark* é a instituição responsável pelo desenvolvimento do esporte de elite no país, tendo como lema *Denmark the Best place in the world to be an athlete* (MELO, 2010; COSTA, 2012; ROCHA, 2013).

<sup>71</sup> A Lei Pelé surgiu quando Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, era Ministro do Esporte e presidente do Conselho do INDESP (Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto), sendo sancionada em 24 de março de 1998 a Lei Nº 9.615, que estabelece normas para diversos assuntos referentes à condução do esporte no Brasil. Entre esses temas, a Lei Pelé determina repasses de recursos das loterias federais para o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), o Ministério do Esporte e a Confederação Brasileira de Clubes (CBC). Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/investimentos/lei-9-615-lei-pele/>>. Acesso em: 28 maio 2014.

<sup>72</sup> O governo federal mantém o programa desde 2005 e os beneficiados são atletas que obtêm bons resultados em competições nacionais e internacionais. Atualmente, há cinco categorias de bolsa oferecidas pelo Ministério do Esporte: Atleta de Base, Estudantil, Nacional, Internacional e Olímpico/Paralímpico. O programa estimulou que municípios e estados criassem projetos semelhantes, o clube observado possui este tipo de benefício em parceria com a Prefeitura

que na categoria atleta estudantil tem como principais critérios o vínculo com uma entidade de prática esportiva e a matrícula numa instituição de ensino pública ou privada, além de comprovada participação em competições nacionais com resultados até a terceira colocação.

Considerando essa breve contextualização referente à escolarização e profissionalização de atletas em âmbitos de pesquisas nacionais e internacionais sobre o tema, passaremos, a seguir, a focalizar as análises referentes ao cenário desta investigação.

Apresentamos na tabela 3 (capítulo 1) resultados sobre os indicadores socioeconômicos das famílias que investem na carreira de jovens atletas de futsal em Santa Catarina. A constatação que essas famílias se encontram naquela parcela estimada por Rial (2008) – dos pobres à classe média – se confirma também quando relacionamos com o tipo de escola em que esses jovens estão inseridos, pois, ao levantarmos os dados junto aos 139 atletas que declararam estarem estudando no momento da aplicação dos questionários, observamos que 61,9% deles frequentam a escola pública (rede municipal, estadual ou federal) e 38,1% estão matriculados em escolas de iniciativa privada.<sup>73</sup> A tabela a seguir apresenta de forma detalhada os resultados encontrados ao cruzarmos com os dados do IBGE de 2010.

Tabela 7. Média de frequência por tipo de escola da população brasileira, de Santa Catarina e dos atletas investigados

Nível de ensino	Fundamental			Médio			
	Tipo de Escola	Brasil	Santa Catarina	Atletas Futsal SC	Brasil	Santa Catarina	Atletas Futsal SC
Pública		87,10%	89,40%	64,30%	86,30%	79%	67,30%
Particular		12,90%	10,60%	35,70%	13,70%	21%	32,70%

Observa-se que, em geral, os atletas integrantes das principais equipes de futsal de base do Estado de Santa Catarina possuem uma taxa média de matrícula na rede privada de ensino maior que a média nacional e estadual, tanto no Ensino Fundamental quanto no Médio. Entre os clubes investigados, nenhum possui escola dentro de suas

Municipal. Disponível em <<http://www.esporte.gov.br/bolsaAtleta/>> Acesso em: 19 Jun. 2014.

<sup>73</sup> Resultados semelhantes foram encontrados por Melo (2010) com atletas de futebol de campo do Estado do Rio de Janeiro.

instalações, diferente do contexto analisado por Barreto (2012).<sup>74</sup> Ao perguntarmos aos jovens atletas se o clube oferecia escola, 33,1% deles responderam que sim, ou seja, é possível indicarmos que alguns clubes fazem parcerias com escolas da rede privada de ensino, o que não é o caso do clube que acompanhamos também por meio de observações sistemáticas.

Segundo Neri (2009), há diferenças entre escolas públicas e privadas quanto aos dias de aulas aproveitados (índice de presença escolar) e às horas diárias dedicadas à escola (índice de jornada escolar), sendo que a rede privada de ensino apresenta maiores valores nesses quesitos. O referido autor relaciona ainda a jornada escolar com o aproveitamento nas provas do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e aponta que o aumento do tempo de dedicação às aulas é um fator positivo no rendimento escolar do aluno, embora até certo ponto, pois eventualmente o excesso acaba influenciando negativamente no rendimento escolar.

Dada à importância das horas dedicadas a rotina escolar – que, como vimos, é compatibilizada com o tempo de treinamento, de deslocamentos e de outras atividades diárias dos atletas (tabelas 4 e 5, no primeiro capítulo) –, questionamos os estudantes atletas se os treinamentos atrapalhavam a frequência ou mesmo causavam atrasos em entradas ou saídas antecipadas da escola. Entre os 139 atletas que declararam estarem estudando, na categoria sub 15 apenas um (1,4%) disse utilizar com frequência da alternativa de chegar atrasado ou sair mais cedo da escola por causa dos treinamentos, e outros cinco (7,2%) as utilizam às vezes. Na categoria sub 17, quatro atletas (8,7%) afirmaram utilizar com frequência dessas estratégias, e outros três (7,5%) afirmaram que às vezes as utilizam. Por fim, na categoria sub 20, cinco atletas (20,8%) responderam que utilizam com frequência e dois (8,9%) afirmaram utilizar às vezes. Podemos afirmar que o tempo médio de frequência escolar dos atletas apresentado no capítulo 1 (tabelas 4, 5 e 6) está dentro do que é previsto em lei, e que não é consideravelmente comprometido pela rotina de treinamentos. Para Neri (2009), esse fator

---

<sup>74</sup> Barreto (2012) investigou 193 atletas de futebol de campo com idades entre 14 e 17 anos que moravam no alojamento dos centros de treinamento do Esporte Clube Cruzeiro e do Clube Atlético Mineiro, ambos do Estado de Minas Gerais. Para os atletas alojados, o Cruzeiro aplicava a estratégia de oferecimento direto de acesso à escolarização, com uma escola particular funcionando no interior do centro de treinamento, e o Atlético, por sua vez, conduzia seus atletas às escolas da região.

é mais relevante do que a taxa de presença e está intimamente ligado ao rendimento dos alunos, mas ainda está distante do tempo escolar ideal para proporcionar melhores rendimentos na educação nacional, que é entre sete e oito horas diárias.

Com relação ao turno escolar, os dados gerais mostram que a maior parcela dos atletas investigados estuda no período matutino 77,7% e que 20,9% estudam a noite. Os outros 1,4% frequentam aulas nos turnos matutino e vespertino, algo relativamente comum no Ensino Médio, sobretudo em escolas privadas, que oferecem aulas de reforço, atividades complementares e por vezes também aulas de disciplinas curriculares obrigatórias, como de Educação Física, por exemplo, no contraturno principal de estudo. Não encontramos respostas referentes somente ao turno vespertino. Parece de domínio comum que os treinamentos das categorias de base de futsal ocorram no período vespertino, impossibilitando que atletas frequentem a escola nesse turno. Quando estudam de manhã e tarde, é muito provável que haja compatibilização entre as atividades escolares e as de treinamento. Ao analisarmos a relação entre turno escolar cruzando com a categoria, percebemos um aumento na procura pelo ensino noturno nas categorias superiores, já que na categoria sub 15 100% dos atletas estudam no turno matutino, na categoria sub 17 temos 28,3% frequentando o ensino noturno e na categoria sub 20 esse número cresce para 66,7%. Essa mudança ocorre, sobretudo, pelo fato de que os treinamentos das categorias sub 17 e sub 20 acontecem, por vezes, em dois períodos (manhã e tarde ou tarde e noite), ou seja, os atletas tendem a adequar o turno escolar ao tipo de exigência dos clubes.<sup>75</sup> Para Barreto (2012), a frequência escolar no turno noturno vem se tornando comum na formação de atletas e, como se sabe, as atividades escolares nesse turno apresentam maior grau de flexibilização, sobretudo por haver indícios de práticas facilitadoras para o percurso escolar dos atletas referente aos prazos para trabalhos, provas, número de faltas, entre outros fatores. No caso da modalidade de voleibol, apresentado por Romão, Costa e Soares (2011), os praticantes tendem a realizar suas atividades estudantis

---

<sup>75</sup> Souza et al. (2008) contam a história de um jovem atleta brasileiro de 16 anos de idade que ao ser contratado para jogar na Holanda tinha seu regime escolar das 9 às 16 horas (7 horas diárias), além de aulas particulares de holandês necessárias para sua adaptação ao contexto local. Os treinamentos eram diários e aconteciam após o horário escolar, sempre ao final da tarde. Como se pode perceber, neste caso em específico era o clube que se adequava à rotina de escolarização.

predominantemente pela manhã, sobretudo por ocorrer uma adequação dos treinamentos ao período escolar, ou seja, os atletas estudam de manhã e realizam os treinamentos nos períodos vespertino e noturno.

A seguir, na tabela 8, apresentamos dados sobre os níveis de escolaridade dos familiares (pai e mãe) dos jovens pesquisados que investem na carreira do futsal em Santa Catarina. O quadro representa o percentual válido para as seguintes perguntas: até que série seu pai estudou? Até que série sua mãe estudou?

Tabela 8. Escolaridade dos pais

Familiar	Nível	Sub 15	Sub 17	Sub 20	Total
Esc. Pai	Ensino fundamental I	6	3	2	11
		(8,6%)	(6%)	(5%)	(69%)
	Ensino fundamental II	12	6	6	24
		(17,1%)	(12%)	(15%)	(15%)
		38	28	22	88
Ensino Médio	(54,3%)	(56%)	(55%)	(55%)	
Ensino Superior	8	10	8	26	
	(11,4%)	(20%)	(20%)	(16,3%)	
	6	3	2	11	
Esc. Mãe	Ensino fundamental I	(8,6%)	(6%)	(5%)	(6,9%)
		3	1	1	5
	Ensino fundamental II	(4,3%)	(2%)	(2,5%)	(3,1%)
		21	12	10	43
		(30%)	(24%)	(25%)	(26,9%)
Ensino Médio	32	26	15	73	
	(45,7%)	(52%)	(37,5%)	(45,6%)	
Ensino Superior	13	11	14	38	
	(18,6%)	(22%)	(35%)	(23,8%)	
Não Sabe	1	0	0	1	
	(1,4%)	(0%)	(0%)	(0,6%)	

Percebe-se que a maior parcela dos familiares dos atletas que investem na carreira do futsal no Estado de Santa Catarina (pais 55% e mães 45,6%) concluíram pelo menos o Ensino Médio em algum tipo de instituição escolar, e que 16,3% dos pais e 23,8% das mães dos atletas avançaram para o Ensino Superior. Esses índices são semelhantes aos encontrados por Moraes, Rabelo e Salmela (2004), que investigaram a escolaridade de 20 pais de atletas de futebol, os quais tinham entre 15 e 18 anos de idade, e que estiveram envolvidos nas finais do campeonato mineiro de base no ano 2000. O fato dos familiares, em geral, possuírem acesso à educação institucionalizada gera uma tendência de que haja

preocupações não somente com o desempenho esportivo dos jovens, mas também sobre o desempenho escolar.

No diário de campo do dia 12/07/2013 relatamos uma conversa com Dona Regina, mãe do jovem Mateus, contando que os meninos que moravam alojados na casa oferecida pelo clube pesquisado precisavam se organizar melhor para se dedicarem mais aos estudos, pois no início daquele ano, logo que foram morar na cidade, eles estudavam em outra escola e a troca de instituição prejudicou as notas no segundo semestre. Mas na opinião dela, a nova escola era melhor, pois ficava mais perto de casa.<sup>76</sup> Em entrevista, Dudu contou que a rotina para a escola iniciava cedo na casa dos atletas:

aqui nós somos três né, eu sempre acordo às 06h30min. e o primeiro que acorda chama os outros, às vezes o primeiro a levantar é o Arthur [...]. A gente toma café aqui mesmo e às 07h05min. o ônibus<sup>77</sup> passa aqui na frente, chegamos antes das 07h30min. na escola e saímos às 11h30min., lá pelas 12h10min. já estamos em casa de novo. (ENTREVISTA DUDU, 04/12/2013).

Destacamos que a escola exercia um controle sobre as chegadas tardias dos alunos, que tinham o direito de chegar três vezes por mês após as 07h30min. Caso houvesse uma quarta vez, o aluno era encaminhado para a direção. Ao final do mês de junho, Arthur, Dudu e Mateus tinham registradas duas chegadas tardias, e o nome de João Pedro não constava na lista. Em uma sexta-feira de muita chuva na cidade registramos uma chegada tardia dos atletas alojados:

Arthur, Dudu e Mateus chegaram atrasados na escola, por volta das 07h50min. e foram impedidos pela coordenação da instituição de assistirem a primeira aula do dia (as aulas tinham duração de 45 minutos, e a primeira acontecia entre 07h30min. e 08h15min.). Ambos permaneceram no pátio, junto dos demais alunos

---

<sup>76</sup> O percurso entre casa e escola durava cerca de 10 minutos de ônibus e o clube fornecia vale transporte para o deslocamento dos atletas.

<sup>77</sup> Entre os 139 atletas que declararam estar estudando no momento da investigação, 38% disseram que vão a pé para escola, 26% vão de ônibus, 25% de carro, 10% de bicicleta e 1% de moto.

que haviam se atrasado naquele dia e aguardaram o início da segunda aula. (DIÁRIO DE CAMPO, 21/06/2013).

A escola na qual realizamos 12 observações sistemáticas sobre a rotina dos atletas entre os meses de junho e julho de 2013 pertencia à rede estadual de ensino e atendia do 3º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, totalizando 1108 alunos, divididos nos três períodos: matutino, vespertino e noturno. Os quatro jovens estudavam no 1º ano do Ensino Médio do período matutino e em turmas separadas. Segundo Ângela, coordenadora pedagógica da instituição (DIÁRIO DE CAMPO, 18/06/2013), a escola estava acostumada a lidar com atletas de diferentes equipes e modalidades esportivas, e apesar de não haver parceria formal entre os clubes e a instituição, era comum atletas serem matriculados ali. Ângela disse ainda que, em geral, os professores não sabiam como funcionava a rotina destes jovens fora da escola, pois, se soubessem que alguns deles viviam longe das famílias e que viajavam para competições, poderiam dar tratamento diferenciado a eles, talvez sendo mais condescendentes e menos exigentes com o desempenho e comportamento em sala. A coordenadora atentou para o fato de que os atletas que seriam observados haviam se matriculado recentemente na escola (cerca de um mês antes), a pedido do treinador da equipe, e que nem todos os profissionais da instituição os conheciam bem. Sobre esse assunto, temos duas passagens registradas no Diário de campo:

No intervalo da aula conversamos rapidamente com a professora de Artes das turmas de Arthur, Dudu, João Pedro e Mateus. Perguntamos se ela tinha alguma informação sobre os atletas que estudavam na escola, mas ela respondeu que “não sabia quem eram os atletas que estudavam ali” e sugeriu que conversasse com os professores de Educação Física, pois ela não lidava com “jogos e esporte” em suas aulas. (DIÁRIO DE CAMPO, 21/06/2013).

No intervalo da aula conversamos com o professor de Sociologia das turmas de Arthur, Dudu, João Pedro e Mateus, e contamos a respeito da pesquisa que estávamos desenvolvendo no com os atletas. O professor ficou interessado em saber mais sobre a pesquisa e disse que não sabia quem eram os atletas que

estudavam na instituição. Afirmou ainda que apesar da escola não oferecer estrutura suficiente ao esporte, possuía bom desempenho nos Jogos Escolares – JESC. (DIÁRIO DE CAMPO, 04/07/2013).

Esporte e escola, segundo Rocha (2013), são encarados como duas agências educativas, como instituições sociais pelas quais os jovens podem formatar diferentes projetos de vida, sobretudo pelo fato do esporte, desde sua gênese, possuir argumentos legitimadores sobre a educação e disciplina do corpo, além de encontrar na escola, por meio da Educação Física, um lócus privilegiado de difusão e expansão (BOURDIEU, 1983).

Bassani, Torri e Vaz (2003), ao analisarem um contexto que lidava com a formação esportiva no futsal com atletas em idade escolar (entre 11 e 13 anos de idade), mostraram a preocupação do professor/técnico em ressaltar os aspectos “positivos” do esporte no que diz respeito à aprendizagem de valores, como disciplina, determinação, humildade, entre outros. O discurso se manifestava também na exigência colocada aos alunos/atletas em relação ao bom desempenho escolar, havendo, inclusive, possíveis punições para aqueles que obtivessem notas baixas ou que estivessem faltando em demasia à escola. Encontramos um discurso semelhante em nossas observações: era comum antes do início das sessões de treinamentos nos depararmos com o técnico da equipe conversando com os atletas sobre suas notas e a importância de se dedicarem aos estudos e treinamentos. O treinador disse ainda que por vezes conversava por telefone com a família dos meninos sobre o comportamento na escola, e que achava isso muito importante. Além disso, como revelado pela coordenadora, foi ele quem solicitou a transferência e matrícula dos três jovens acompanhados na atual escola. (DIÁRIO DE CAMPO, 27/07/2013).

Dudu contou que no início do ano eles moravam num apartamento junto com atletas das outras categorias do clube investigado e estudavam a noite:

quando a gente chegava da aula era uma bagunça, daí o vizinho reclamava. Depois disso a gente veio morar nessa outra casa e mudou de escola. O Valter teve que ir na escola e matricular a gente de manhã, disse pra diretora que não ia ter incomodação, o pessoal da escola já sabia que a gente jogava bola porque o João

Pedro tava estudando lá. (ENTREVISTA DUDU, 04/12/2013).

Nessa mesma direção, Mateus disse que:

a gente estudava em outro colégio, chegamos depois e não tinha muita nota e as que tinham não eram altas, daí foi difícil né [...]. Não sei se vou passar de ano. [...] Tem professor que ajuda, sabe que a gente é de fora e tem uma atenção maior, mas tem professor que não tá nem aí. (ENTREVISTA MATEUS, 04/12/2013).<sup>78</sup>

Apesar de frequentarem a poucos meses aquela escola, Mateus contou que foi bem recebido e que havia feito amizades rapidamente. João Pedro, que havia se matriculado um pouco antes dos demais, disse também que se dava muito bem com o pessoal da escola, mas já havia observado que “tem gente na escola que não gosta de quem é de fora e joga bola, tem alguns meninos mais velhos que não gostam deles [Arthur, Mateus e Dudu], comigo é mais tranquilo”. Dudu contou que no início, logo que chegaram na escola, “só se dava[m] bem com os gurus do time, os mais velhos não gostavam da gente, acho que por jogar bola sabe?”. De fato, observamos que em alguns momentos da rotina escolar, principalmente no recreio, os atletas se relacionavam entre eles e algumas meninas de suas turmas, apesar de estudarem em salas diferentes.

---

<sup>78</sup> As entrevistas com os atletas foram realizadas no mês de dezembro, ou seja, cerca de cinco meses após o período de observações no ambiente escolar. Na época das entrevistas, colegas, professores e demais funcionários da instituição possivelmente sabiam sobre parte da rotina desses jovens fora da escola, apesar dos cuidados da coordenadora pedagógica em manter sigilo para que não houvesse nenhum tipo de favorecimento aos estudantes-atletas.

Tabela 9. Notas parciais e faltas

Disciplina	Atleta	Nota	Falta	Atleta	Nota	Falta	Atleta	Nota	Falta
Português		7,5	3		7,5	2		7	3
Matemática		9	7		6,5	6		6	9
História		S/N	8		S/N	8		S/N	8
Geografia		S/N	6		S/N	6		S/N	7
Biologia		8	0		S/N	0		S/N	0
Física		3,3	5		4,5	5		3,3	5
Química	Arthur	4,5	6	Dudu	5	5	Mateus	5	5
Filosofia		7	3		1	5		1	4
Sociologia		5	0		6	0		S/N	0
Inglês		S/N	3		S/N	2		S/N	3
Artes		8	1		8	3		8	0
Ed.Física		S/N	0		S/N	0		S/N	0

Por intermédio da coordenadora pedagógica tivemos acesso também às notas parciais do segundo bimestre para fins de transferência que foram enviadas pela antiga escola (pública estadual) onde Arthur, Dudu e Mateus estudavam no início daquele ano letivo (2013), na mesma cidade. Essas notas parciais, apresentadas na tabela 9, a seguir, são referentes ao início do segundo bimestre, correspondente aos meses de abril e maio de 2013 (não tivemos acesso às notas do primeiro bimestre). Antes da transferência para a escola observada, João Pedro estudava em uma escola diferente da dos demais atletas, a qual ainda não havia enviado, até aquele o momento em que coletamos esses dados (junho de 2013), suas notas parciais para a secretaria da nova escola.

Apesar de representar uma pequena parte do conjunto anual escolar (notas parciais e número de faltas referentes ao segundo bimestre letivo), é possível visualizar algumas características tendenciais para este grupo de atletas e suas relações com as disciplinas escolares. Ângela, coordenadora pedagógica da atual escola dos atletas, informou que essas notas parciais seriam complementadas com as notas das provas e trabalhos para fechamento da média do segundo bimestre. As faltas não foram tema constante durante o período de observações dos atletas no ambiente escolar, diferentemente dos números parciais encontrados na antiga escola, na qual os jovens frequentavam no período noturno.<sup>79</sup>

<sup>79</sup> No início das observações Dudu faltou à escola por dois dias seguidos, pois se recuperava de uma lesão no joelho, tinha dificuldades para se locomover e realizava sessões de fisioterapia numa clínica conveniada com o clube. Na

Sobre esse assunto, perguntamos aos quatro jovens que acompanhamos na escola também sobre a expectativa de aprovação e os motivos que levaram os atletas a obterem o desempenho acima detalhado.

Em entrevista Arthur contou que até o início do 3º bimestre “estava bem”, mas no 4º piorou: “vou pegar recuperação só em 4 matérias – Português, Matemática, Inglês e Química, tudo por 1 ponto, 1 ponto e meio”. Na opinião dele, o motivo pelo qual isso aconteceu se deveu ao fato de que “faltou estudar, porque tempo tem, a gente corria atrás quando tinha trabalho e o pessoal da escola ajudava bastante, o clube cobra as notas da gente” (ENTREVISTA ARTHUR, 04/12/2013). Já Dudu disse que “foi relaxamento, culpa da gente mesmo, na outra escola eu tava mal em Química, daí quando eu tava machucado uma amiga minha ajudava a estudar, perdi aula por causa da fisioterapia”. Preocupado com sua situação, em função das notas baixas, ele diz que “o pessoal do clube pensa assim né: vamos mandar embora esse jogador? Incomodou o ano inteiro e tira nota baixa na escola, isso pesa, não é só jogar bola” (ENTREVISTA DUDU, 04/12/2013).

Mateus apresenta um quadro mais problemático com relação às notas e em tom de ironia disse: “eu só não vou pegar em Educação Física! [...] A chance de eu passar de ano é pequena, só se os professores ajudarem muito, daí dá”. Mateus disse ainda que o treinador não cobrava tanto dele, mas que seus pais ficavam “encima”:

nunca fui mau aluno, sempre passei direto [ou seja, sem recuperação], mas agora que to morando aqui me afastei dos estudos. É meu primeiro ano fora [da casa dos pais] e não dei muito valor pra escola. Lá em Indaial [onde morava antes] minha mãe ficava sempre encima, aqui a gente não tem uma rotina de estudos, até tem reforço na escola à tarde, mas tem treino e não tem como a gente ir. (ENTREVISTA MATEUS, 04/12/2013).

João Pedro, que mora com sua família, acreditava que iria passar de ano mesmo ficando em exame final em duas matérias

---

terceira semana de observações o jovem também se ausentou da escola e dos treinamentos, pois seu pai estava doente e viajou para sua cidade natal para ficar próximo de seus familiares naquele momento, como nos revelou em entrevista.

(Química e Física): “Meus pais ficam mais encima, já ameaçaram me tirar do time”, caso não melhorasse o desempenho escolar. (ENTREVISTA JOÃO PEDRO, 04/12/2013).

Sobre o tema do envolvimento dos familiares com o desempenho escolar e também esportivo dos jovens, os dados de Moraes, Rabelo e Salmela (2004) apresentam que na fase de iniciação e especialização (dos 6 aos 15 anos), 65% dos pais exigem desempenho nos estudos e no esporte. Nessa fase cerca de 90% dos familiares possuem contato diário com seus filhos. Mas esses valores se invertem na medida em que o jovem avança na carreira esportiva, pois a partir dos 16 anos de idade apenas 10% dos familiares possuem contato diário com os filhos. Esses dados sugerem que há uma diminuição da participação das famílias junto a seus filhos à medida que em eles se aproximam do final do processo de formação esportiva.

Outro dado interessante observa-se na tabela 10, a seguir, na qual não encontramos uma tendência percentual de reprovação relacionada aos anos escolares dos atletas. A maior taxa encontrada foi no sub 17, intermediária entre as categorias sub 15 e sub 20, diferentemente dos dados encontrados por Melo (2010) com atletas de futebol de campo com idades entre 12 e 20 anos no Estado do Rio de Janeiro, que revelou um aumento das taxas de repetência escolar conforme o atleta se aproxima da categoria profissional. Assim como no caso da pesquisa com atletas de voleibol (ROMÃO; COSTA; SOARES, 2011), a relação com os estudos parece ter um sentido diferente para o futsal em relação ao futebol de campo.<sup>80</sup>

Destacamos anteriormente que sobre os quatro atletas do clube que acompanhamos insidiam preocupações por parte das famílias referentes ao desempenho escolar deles. O clube, principalmente na figura do treinador Valter, também exercia uma espécie de monitoramento sobre as tarefas escolares, e apesar dos jovens afirmarem sua preferência pelas atividades esportivas em detrimento às atividades regulares e complementares de estudo, havia certos cuidados para que alcançassem, pelo menos, o mínimo necessário para serem aprovados na escola. Mateus contou que eles (atletas alojados) costumavam pedir ajuda aos colegas da turma para cumprir algumas atividades avaliativas (trabalhos, tarefas, entre outros), mas que sempre realizavam essas atividades (ENTREVISTA MATEUS, 04/12/2013). Em entrevista,

---

<sup>80</sup> Apresentaremos mais a frente, na tabela 11, as expectativas de formação escolar para o grupo de atletas investigados.

pedimos para o jovem Arthur contasse sobre alguma passagem marcante na escola naquele ano (2013):

uma vez, na prova de Química, matéria mais difícil pra mim, tirei 10. Eu não sabia nada, precisava de muitos pontos e estudei bastante, isso que é a matéria que menos sei, nunca gostei. O professor nem acreditou que eu consegui. (ENTREVISTA ARTHUR, 04/12/2013).

Abaixo, na tabela 10, apresentamos os resultados sobre as taxas de repetência e atraso escolar no universo investigado (160 atletas). Entre os 26 atletas que declararam ter repetido ano na escola, apenas 2 (7,7%) deles estão atrasados com relação à idade/série escolar, pois reprovaram em duas ocasiões, enquanto que os outros 92,3% dos atletas entrevistados repetiram apenas uma vez. Valores parecidos foram encontrados com atletas de voleibol em Romão, Costa e Soares (2011). A partir desses dados é possível afirmar que os atletas de futsal apresentam uma taxa de repetência escolar baixa, ainda mais se comparada às médias nacionais para a mesma faixa etária.<sup>81</sup>

Tabela 10. Repetência na escola

Repetiu na escola?	Sub 15	Sub 17	Sub 20	Total
Sim	8 (11,4%)	14 (28%)	4 (10%)	26 (16,3%)
Não	62 (88,6%)	36 (72%)	36 (90%)	134 (83,7%)

Ao relacionarmos a taxa de repetência dos atletas ao tipo de moradia, temos que entre os 4 atletas da categoria sub 15 que moravam em alojamentos dos clubes nenhum havia repetido de ano na escola até aquele momento. Já entre os 11 atletas da categoria sub 17 que moravam em alojamentos dos clubes, 3 deles declararam terem repetido de ano, o que representa 21,3% do total de reprovações para a categoria. E na categoria sub 20, os 4 atletas que haviam repetido de ano moravam em alojamentos dos clubes, o que representa o total de 100% dos reprovados nesta categoria. Apesar de *n* amostral dos atletas reprovados ser baixo, podemos interpretar que o desempenho escolar dos atletas

<sup>81</sup> Taxa de reprovação no Ensino Fundamental é de 11% e, no Ensino Médio, de 13,1%. A taxa de abandono escolar é 3,2% para o Ensino Fundamental e de 10% para o Ensino Médio (IBGE, 2010).

alojados entre as categorias que se aproximam da profissionalização tende a ser menor do que no início do processo de formação esportiva.

Para Barreto (2012), os atletas alojados em centros de treinamentos são, aos olhos do clube formador, aqueles com maiores chances de sucesso profissional e, para as famílias, o clube oferece segurança e garantia de que o filho estará recebendo educação de qualidade. Dudu conta em entrevista que é cobrado pelo clube e por seus familiares com relação à escola:

nessa parte da escola a gente é meio preguiçoso, essa é a palavra certa, se a gente quisesse dava pra passar direto, mas por preguiça e por pensar mais no futsal a gente acaba deixando a escola um pouco de lado, o que é errado! O pai e a mãe sempre falam e o treinador cobra também. (ENTREVISTA DUDU, 04/12/2013).

Nesse sentido os clubes carregam uma grande responsabilidade, pois em seu discurso oficial afirmam que os atletas são obrigados a frequentar a escola e estudar. Na mesma direção as Federações afirmam exigir frequência escolar para que os atletas participem das competições oficiais, mas as cobranças dessas instituições não ultrapassam o fato de receberem informações fornecidas pelos próprios clubes, ou seja, não há nenhum tipo de fiscalização por parte das entidades esportivas oficiais (BARRETO, 2012).

No ano de 2005 o Jornal O Globo fez um levantamento com 113 atletas profissionais de futebol dos quatro grandes clubes do Rio de Janeiro e constatou que 54 deles tinham o Ensino Médio completo e que 14 cursavam faculdade, ou seja, existe certa tendência entre os atletas da nova geração em preocupar-se com a escolarização. Exemplo disso é a Seleção Brasileira de handebol masculina que foi às Olimpíadas de Atenas em 2004, a qual contava com o seguinte perfil educacional entre seus atletas: 93% entraram na universidade, 66% concluíram o ensino superior, sendo que desses, três atletas possuíam curso de pós-graduação em nível de especialização<sup>82</sup> (MELO, 2010). Entre atletas de futsal feminino Costa (2012) encontrou 17 atletas (56,6%) da categoria sub 20 frequentando a universidade.

---

82

Ao perguntarmos sobre o nível de escolaridade (tabela 11) que desejam alcançar, 79,4% dos jovens atletas de futsal entrevistados mostraram interesse em fazer faculdade, 12,5% em fazer pós-graduação e 8,1% pensam em concluir apenas o Ensino Médio. A alta expectativa de formação escolar deste grupo também pode ser explicada pelo nível de escolaridade dos familiares (apresentado na tabela 8).

Tabela 11. Deseja estudar até que nível de ensino?

Nível de ensino	Sub 15	Sub 17	Sub 20	Total
Completar Ensino Médio	7 (10%)	6 (12%)	0 (0%)	13 (8,1%)
Fazer Faculdade	53 (75,7%)	40 (80%)	34 (85%)	127 (79,4%)
Fazer Pós-graduação	10 (14,3%)	4 (8%)	6 (15%)	20 (12,5%)

Para Barreto (2012), aqueles que não são aproveitados pelo mercado esportivo, os malsucedidos, precisam adquirir capital cultural institucionalizado durante os anos de formação esportiva suficiente para buscar uma colocação no mercado de trabalho também fora do esporte. Em tese, o diploma escolar pode ser considerado um facilitador neste processo de recolocação profissional, e mesmo para aqueles que alcançam o sucesso, se a dedicação à carreira esportiva fosse acompanhada da dedicação à formação escolar, poderia haver uma reconversão profissional facilitada.

Em entrevista o jovem Mateus disse que no momento não pensava tanto na escola: “penso mais em seguir na carreira [de atleta], se não der certo no esporte daí tem que estudar, fazer uma faculdade né, mas se der certo no futsal vou terminar o Ensino Médio e dar uma parada”. Dudu, João Pedro e Arthur também falam em investir mais no esporte do que na escolarização: “a prioridade é o futsal, a escola vem depois”, mas caso não dessem certo nessa primeira opção, disseram que gostariam de fazer faculdade de Educação Física.

A Educação Física apareceu como um ponto em comum entre os jovens, ainda mais quando perguntados sobre a disciplina favorita na escola. Apenas Arthur disse gostar também de Matemática, mas, para ele, a “Educação Física é a melhor aula, o ambiente é livre e a gente faz o que quiser”. João Pedro conta que na Educação Física “a gente vai e joga bola, às vezes nem faz nada”.

Tivemos a oportunidade de observar algumas aulas de Educação Física da escola dos jovens, sobretudo por acontecerem em

ambientes abertos (ginásio e quadra poliesportiva). No diário de campo registramos uma observação de aula:

No ginásio da escola estavam duas turmas do primeiro ano (as turmas de João Pedro e Dudu). João Pedro contou-me que ‘o professor (de Educação Física) adiantou a aula porque o de Sociologia não veio, vamos sair mais cedo.’<sup>83</sup> Durante quase todo o período da aula Dudu e João Pedro permaneceram sentados na arquibancada conversando com algumas meninas, o professor destinou um tempo de 10 minutos para uma partida de futsal entre as meninas e em seguida outros 10 minutos para o jogo dos meninos. João Pedro participou do jogo e exibiu um desempenho técnico de destaque, a atividade era em tom de brincadeira e o professor apenas observava e controlava o tempo das partidas. (DIÁRIO DE CAMPO, 21/06/2013).

Essa prática se repetiu no dia 10/07/2013, pois o professor de Física estava doente, então as turmas de Arthur e Mateus adiantaram a aula de Educação Física. As turmas foram ao ginásio e para a quadra poliesportiva que ficava ao lado do ginásio da escola, mas desta vez a dinâmica foi diferente: foi entregue aos alunos 1 bola de voleibol, 1 bola de futsal e 1 bola de basquete, a aula foi livre e os grupos se auto-organizavam. Arthur passou boa parte do tempo jogando futsal com os companheiros da turma, enquanto Mateus permaneceu todo o tempo sentado na arquibancada conversando com algumas meninas da turma. Em ambas as atividades observadas não houve mediações do professor.

A relação dos estudantes-atletas observados com a disciplina de Educação Física se deu também para fora dos muros da escola. Acompanhamos de perto a etapa microrregional<sup>84</sup> dos Jogos Escolares

---

<sup>83</sup> Essa prática era comum, e por diversas vezes durante o período de observações os atletas tinham aulas adiantadas e saídas antecipadas. O treinador da equipe comentou em tom de ironia: “saem mais cedo porque é escola pública, se fosse particular ficavam até 13h:00min estudando” (DIÁRIO DE CAMPO, 25/06/2013). Esse cenário vai ao encontro das análises de Neri (2009) sobre a jornada escolar em escolas públicas, apresentadas anteriormente neste capítulo.

<sup>84</sup> Este evento acontece em praticamente todo o território nacional. Na etapa microrregional participam apenas as escolas de cada município, o campeão em

(JESC) para jovens de 15 a 17 anos de idade. Os jogos aconteceram ao longo de todo um dia (na terceira semana de observações) e aqueles que participavam eram liberados das aulas. Em conversa com Ângela, coordenadora pedagógica, ela nos explicou que os alunos seriam liberados se os jogos acontecessem no período de aulas. Ângela disse ainda que tinha que “dar um jeito dos meninos recuperarem a matéria perdida”. Este tipo de flexibilização ocorre, segundo Barreto (2012), pelo fato da escola conceder benefícios aos atletas que faltam por motivos de jogos e viagens, o que não é comum aos demais alunos da escola.<sup>85</sup>

Quem organizava as equipes de competição eram os dois professores de Educação Física da escola, e os quatro estudantes-atletas foram autorizados pelo técnico do clube para jogarem apenas futsal, apesar de receberem convite para jogarem também futebol de campo. Mas Caio, o professor de Educação Física das turmas do Ensino Médio, disse que “daria um jeito” dos meninos jogarem, pois queria ser campeão também no futebol de campo (a escola já havia conquistado o título no handebol e o professor acreditava que o título no futsal seria tranquilo, pois além dos meninos do sub 15, havia outros do sub 17 que estudavam na instituição). Os jogos de futebol de campo aconteceriam na semana seguinte e o treinador Valter não autorizou a participação dos atletas, pois no final de semana haveria jogos do clube pelo campeonato estadual.

Apesar das partidas de futsal do JESC acontecerem no final da manhã e início da tarde, nenhum dos quatro atletas assistiu as aulas em dias de jogo. Ângela reclamou dessa escolha dos jovens atletas: “poxa, o jogo é só as 11h00min, dava pra ficar na aula até o recreio né”. De fato os meninos aguardavam o professor de Educação Física em frente à escola para se dirigirem ao local de jogo, mas não entravam em sala de aula.

Assistimos aos três jogos da primeira fase e todos foram vencidos com facilidade pela escola dos atletas. Valter, técnico do clube onde jogam os atletas, comentou que a etapa microrregional seria vencida tranquilamente pela escola e pediu para os meninos não levarem

---

cada modalidade esportiva (futsal, basquete, vôlei, entre outros) representa sua cidade na etapa regional, para em seguida buscar vaga para a fase estadual e nacional.

<sup>85</sup> Durante o período de observações não houve faltas dos atletas na escola por motivos de viagens da equipe, pois os jogos oficiais aconteceram na própria cidade, porém o treinador afirmou que as viagens ainda estavam por vir.

tão a sério, pois teria competição pelo clube na semana seguinte. A expectativa dos professores e amigos dos alunos/atletas era bastante parecida, e a pergunta mais frequente que ouvimos após o jogo foi “ganharam de quanto?”, mesmo antes de saberem se realmente eles tinham vencido o jogo.

A equipe da escola estava classificada para as finais no futsal e o título parecia certo, mas havia um problema: uma das escolas que disputava a competição havia entrado com um recurso contra a equipe do professor Caio, pois o regulamento dizia que para disputar o JESC os alunos deveriam estar matriculados na escola desde o mês de abril daquele ano. Arthur, Dudu, João Pedro e Mateus se transferiram para a escola somente no final de maio. O professor mostrou preocupação com o protesto, mas disse que se tratava de “choro de perdedor”. Naquele mesmo dia o coordenador geral da competição chamou o professor Caio para uma reunião, e ficou decidido que a escola seria eliminada da competição por descumprir o regulamento. Na escola, Ângela comentou: “como pode o Caio não saber disso? Coitados dos meninos”. Na semana seguinte ao ocorrido, em conversa rápida com o professor de Educação Física, ele lamentou o fato de ter sido eliminado do futsal e apontou para os troféus que já havia conquistado: “era mais um pra estante!” Contou ainda que tinha se classificado também para as finais no futebol de campo e que aproveitava os dias de jogos para convidar bons jogadores para estudarem na escola no ano seguinte: “assim eu já monto um time forte desde o começo do ano”. O desejo do professor parecia ser apoiado pela direção da escola.<sup>86</sup>

Ao longo das observações a relação dos atletas com as atividades extraescolares se resumiu na participação frustrada dos Jogos Escolares. Nenhum deles frequentava a escola no contraturno para atividades de reforço ou projetos desenvolvidos pela instituição,<sup>87</sup> nem mesmo da festa junina organizada pela escola e que aconteceu num

---

<sup>86</sup> Historicamente, no Brasil, há um cenário de disputas simbólicas e materiais (econômicas) e os jogos estudantis serviram e ainda servem como um meio de incorporar na juventude brasileira valores morais e modelos de comportamento concebidos por meio das políticas de esporte. Para saber mais, consultar os artigos: “O esporte não é em si conservador nem progressista, e tampouco é neutro” (JUVENTUDE, 2009) e “Esporte e política na ditadura militar brasileira: a criação de um pertencimento nacional esportivo” (OLIVIERA, 2012).

<sup>87</sup> A escola oferecia no contraturno dos alunos atividades esportivas e aulas de informática a partir do projeto “Mais Educação”, além de grupos de estudos organizados pelo Grêmio estudantil.

sábado (13/07/2013), justamente no horário de jogo do campeonato estadual. A coordenadora pedagógica comentou que era “comum os atletas não participarem das atividades extras da escola”.

A partir dos indicadores presentes na tabela 12, a seguir, resultantes da pergunta aos (160) atletas sobre as atividades realizadas fora da rotina do clube e da escola, percebemos que este é um dado comum, pois a grande maioria (86,9%) declarou não participar de quaisquer atividades de outra natureza.

Tabela 12. Atividades fora da escola e clube

Atividades extras	Sub 15	Sub 17	Sub 20	Total
	5	3	0	8
Curso de idiomas	(7,1%)	(6%)	(0%)	(5%)
	0	2	3	5
Curso de informática	(0%)	(4%)	(7,5%)	(3,1%)
	0	2	6	8
Trabalho/emprego	(0%)	(4%)	(15%)	(5%)
	65	43	31	139
Não faz nenhuma atividade extra	(92,9%)	(86%)	(77,5%)	(86,9%)

Assim como em Melo (2010), apesar das semelhanças entre o tempo de permanência na escola entre atletas e não atletas, as entrevistas e observações sugerem que os atletas colocam a escola em segundo plano, mesmo reconhecendo a importância da escolarização diante do futuro incerto na carreira esportiva. Para Rocha (2013), enquanto o esporte possui uma dimensão muito forte associada ao prazer, e a adesão do sujeito é voluntária, a frequência à escola é uma imposição social garantida por lei, independente da voluntariedade do indivíduo. De certa forma, a rotina esportiva não impede a permanência do aluno atleta nos bancos escolares, mas tende a ter características mais sedutoras do que a escola. Com isso, os jovens que buscam esse tipo de profissionalização acabam por preferi-lo à educação institucionalizada. Além disso, a intensa rotina de treinamento dos atletas coloca-os em uma posição de negociação frequente entre as tarefas no esporte e as obrigações escolares.

### 3 – O COTIDIANO DE TREINAMENTO DE JOVENS ATLETAS DE FUTSAL EM UM CLUBE CATARINENSE

Entre os meses de junho e julho de 2013, acompanhamos o cotidiano de treinamentos de futsal da categoria sub 15 de um dos oito clubes que tiveram atletas de categorias de base investigados. A equipe era composta por 17 atletas nascidos entre 1998 e 1999. O período destinado às observações sistemáticas foi previamente agendado entre pesquisadores e responsáveis pelo clube e correspondia a uma agenda de preparação da equipe para disputa do retorno da segunda fase do campeonato estadual<sup>88</sup> da categoria. Durante este período, observamos 16 sessões de treinamentos e 3 jogos oficiais da equipe, bem como circulamos por diversos espaços do clube (ginásios, vestiários, alojamento, entre outros), conversamos com os responsáveis da equipe (treinador, supervisor, massagista, entre outros funcionários) e nos aproximamos dos atletas indicados pelo treinador como principais *apostas* do clube nesta categoria.

Este capítulo apresenta uma síntese das rotinas de formação de atletas de futsal a partir de alguns de seus dispositivos, enfatizando como se deu a organização do trabalho cotidiano voltado para a aprendizagem e aperfeiçoamento dos *capitais esportivo-futebolísticos*.<sup>89</sup>

O clube em questão foi fundado no ano de 2005 e participou da *Liga Nacional de Futsal* na categoria adulta entre os anos de 2005 a 2013. Apesar de sua recente história, o clube se destaca no cenário nacional e internacional, sobretudo por suas conquistas em competições oficiais e também por ter representantes da seleção brasileira adulta masculina de futsal em seu elenco profissional. Nas categorias de base possui reconhecimento em termos de formação de jogadores para o

---

88 O primeiro dia de observações marcou o início de uma agenda de quatro semanas de preparação da equipe para o retorno da segunda fase do campeonato estadual. Em uma chave composta por 4 equipes, as três melhores classificadas avançariam para a terceira fase da competição. Na ocasião, a equipe que acompanhamos ocupava a segunda colocação do grupo, com 6 pontos ganhos (duas vitórias e uma derrota). Os jogos válidos pelo retorno desta fase aconteceram na cidade do clube observado.

89 O termo “capital futebolístico” foi desenvolvido na tese de Damo (2005) e trata-se de uma modalidade de capital corporal que, combinada aos capitais convencionais – social e simbólico –, é requerida para a inserção legítima no campo do profissionalismo. A noção de capital futebolístico é pensada tanto a partir da noção bourdiana de capital quanto do conceito de dom da antropologia de Marcel Mauss.

futsal profissional, fato que se confirma pela presença de dois atletas da categoria sub 20 no elenco da seleção brasileira que disputou a Copa América de Futsal da categoria no ano de 2013, além de importantes títulos<sup>90</sup> conquistados recentemente nas diversas categorias de base. No ano de 2013 o clube manteve as categorias sub 13, sub 15, sub 17 e sub 20 envolvidas no campeonato da Federação Catarinense de Futebol de Salão.

No diário de campo do dia 17/06/2013, início do período de observações, destacamos as primeiras aproximações com o clube e grupo de atletas investigados:

Valter aguardava a chegada de todos os atletas para dar início ao treinamento enquanto alguns já presentes [entre eles Arthur e Mateus] formavam uma roda de conversas com o treinador. Valter pediu para que me aproximasse do grupo, me apresentou aos atletas e contou a eles que eu passaria a ser figura presente nos treinamentos da equipe, pois realizava um trabalho da Universidade (DIÁRIO DE CAMPO, 17/06/2013).

Logo nos juntamos ao grupo e conversamos sobre a época – ano de 2005 – em que havia atuado na equipe do treinador Valter, destacando, entre outros aspectos, os atletas daquela equipe, então na categoria sub 17, que haviam se tornado jogadores profissionais de futsal. Um dos atletas daquela equipe frequenta regularmente a seleção brasileira de futsal; outro atua numa das principais equipes do Estado do Rio Grande do Sul, que também disputou a *Liga Nacional de Futsal* em 2013; dois atuam na Série A do Campeonato Italiano de futsal, além de outros que circulam entre equipes de menor expressão do futsal catarinense. Esta primeira aproximação mediada pelo treinador certamente ajudou na receptividade do grupo, principalmente por verem que não era um “estranho” que passaria a acompanhá-los nos treinamentos e na escola. Na sequência, enquanto os atletas se dispersavam entre brincadeiras e conversas, Valter indicou aqueles que

---

<sup>90</sup> Para Paoli (2007), o cenário esportivo de base no Brasil demonstra que a questão da conquista de títulos desde cedo é fator fundamental no planejamento de trabalho dos treinadores. A cobrança por resultados e títulos é tema comum entre os clubes, apesar do principal objetivo de um departamento de base, conforme discurso oficioso, ser formar atletas para as equipes profissionais.

ele e o clube consideravam como principais atletas da categoria (Arthur, Dudu, João Pedro e Mateus – apresentados no capítulo 1) e contou um pouco sobre a estrutura e organização das categorias de base do clube.

O principal ginásio utilizado para os treinamentos da categoria sub 15 possui uma quadra poliesportiva de 40 m de comprimento por 20 m de largura, dimensões oficiais para partidas de adultos, e localiza-se em bairro urbano mais afastado do centro da cidade.<sup>91</sup> O ginásio pertence a uma Universidade privada da região e foi utilizado inclusive para treinamentos e partidas oficiais da equipe adulta no campeonato estadual da *Divisão Especial* em 2013. A parceria existente entre clube e Universidade se restringia a utilização dos espaços físicos da segunda por parte do primeiro em troca de propaganda/patrocínio nos uniformes da equipe. Não identificamos nenhum tipo de benefício de acesso ou permanência dos atletas do clube àquela instituição de ensino superior, como costuma acontecer em diferentes modalidades esportivas no Brasil e no exterior. Outro espaço utilizado pela categoria observada era um ginásio pertencente a uma Associação Municipal, cujo acesso era mais facilitado, pois se localizava numa região central da cidade.<sup>92</sup> A quadra de jogo da Associação é pequena, possui 30 m de comprimento por 16 m de largura, e para o treinador era importante utilizar estes dois espaços para “adaptar a sua equipe a jogar em quadra grande [Universidade] e em quadra pequena”, pois enfrentariam adversários em quadras de diferentes tamanhos. A parceria entre clube e Prefeitura Municipal se dava, sobretudo, pelo fato de o clube representar a cidade nos eventos organizados pela FESPORTE – Olimpíadas Estudantis de Santa Catarina (OLESC), Jogos Abertos de Santa Catarina e Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC) –, e cuja participação das equipes era custeada pela Prefeitura daquela cidade.

Os investimentos do clube, segundo o treinador Valter, “são voltados, principalmente, para o elenco profissional” (DIÁRIO DE CAMPO, 17/06/2013), e isso se reflete na organização e estrutura das categorias de base, que não possuem funcionários em quantidade suficiente, entre outros aspectos. O treinador não escondia o desejo de ter algum funcionário (ou estagiário) para ajudá-lo na preparação e execução dos treinamentos. O mordomo<sup>93</sup> do clube, Sr. Bauer,

---

<sup>91</sup> O ginásio da Universidade fica numa zona industrial da cidade, cerca de 20 km de distância do centro.

<sup>92</sup> O ginásio da Associação fica cerca de 5 km de distância do centro da cidade.

<sup>93</sup> O mordomo do clube, Sr. Bauer, é responsável por diferentes atividades, como preparar a água dos atletas para os jogos, organizar os materiais

acompanhava os treinamentos e jogos das categorias sub 17 e sub 20 e apenas os jogos oficiais das categorias sub 13 e sub 15. Além disso, a categoria sub 15, objeto de nossas observações, disputava uma única competição oficial pelo clube, que era justamente o campeonato estadual da Federação.<sup>94</sup> O supervisor da base<sup>95</sup> também não era figura constante nos treinamentos da categoria sub 15. Sobre isso, Valter confessou que: “não é fácil trabalhar sozinho com duas categorias, lá no sub 17 e sub 20 têm um monte de gente pra dar opinião” (DIÁRIO DE CAMPO, 28/06/2013).<sup>96</sup> Para o treinador, essa organização se refletia também na possibilidade de uso do alojamento da categoria sub 15: “eu só posso colocar três jogadores lá, tive que escolher bem, gostaria de ter

---

esportivos, realizar atendimentos de primeiros socorros, cuidar da limpeza da quadra de jogo, entre outros. Valter comentou que: “ele [Sr. Bauer] é massagista e roupeiro do clube há bastante tempo, já trabalha com futsal há quase 30 anos, mas não tem nenhum curso específico para atuar nessa função. A Federação também não exige nada, pois já conhece ele”. (DIÁRIO DE CAMPO, 13/07/2013).

<sup>94</sup> Valter afirmou que era frequente os atletas da categoria sub 15 disputarem outras competições por escolinhas da cidade e que o clube não exigia exclusividade de seus atletas. Esses dados são corroborados quando perguntamos aos atletas sobre a frequência de participação em atividades esportivas fora do clube: entre os 17 atletas da categoria sub 15 do clube em questão, somente 3 responderam que não participavam de nenhuma atividade fora do clube. Os quatro jovens que acompanhamos de perto faziam parte de uma equipe amadora que disputava o campeonato regional de futsal. Essa equipe não organizava treinamentos e durante o período de observações não houve jogos deste campeonato.

<sup>95</sup> O supervisor é o profissional responsável por implantar, executar e inspecionar os objetivos gerais e específicos do clube. É de sua responsabilidade o controle diário das atividades de rotina, como por exemplo, horário de treinamentos, programação de amistosos, jogos-treino, entre outros.

<sup>96</sup> Dinho era também treinador de duas categorias do clube (sub 17 e sub 20), mas Valter dizia que ele recebia maior apoio do clube, pois além do mordomo que o acompanhava nos treinamentos, havia também um estagiário voluntário (acadêmico do curso de Educação Física da Universidade parceira do clube) que auxiliava na parte de preparação física. Os treinamentos da categoria sub 20 aconteciam em dois períodos (manhã e tarde) e o sub 17 somente no período da tarde, num ginásio distante da região central da cidade. O supervisor da base costumava acompanhar os treinamentos do treinador Dinho.

mais” (DIÁRIO DE CAMPO, 17/06/2013).<sup>97</sup> Valter ministrava o treinamento de sua equipe sozinho, um cenário que se distancia do que se costuma ver em equipes de alto rendimento esportivo. Apesar de não termos observado intervenções por parte do supervisor do clube sobre as responsabilidades profissionais do treinador, ele costumava seguir um planejamento organizado de atividades, conforme veremos mais a frente. Esta dinâmica se refletia também na estrutura de execução do treino da equipe observada, pois o treinador teria que dar conta de uma série de elementos presentes no dia-a-dia.

Entre os quatro atletas indicados pelo treinador como principais apostas profissionais do clube, três deles moravam no alojamento. Para esses três jovens o clube mantinha alugada uma casa com dois quartos, sala, cozinha e banheiro, que ficava próxima da escola onde os jovens estudavam e da residência do treinador da equipe, mas distante do principal local de treinamento.<sup>98</sup> Em entrevista (04/12/2013) os jovens reclamavam que não tinham acesso à internet no alojamento e disseram que uma de suas principais diversões era jogar videogame.<sup>99</sup> Para Damo (2007), os alojamentos são oferecidos somente aos atletas eleitos pelos formadores como aptos a serem investidos. A casa dos atletas corresponde, basicamente, a um espaço físico que é também um espaço social e simbólico.

---

<sup>97</sup> Os dados dos questionários mostram que, no clube em questão, há 5 atletas alojados na categoria sub 17. Já na categoria sub 20, são 6 atletas morando no alojamento.

<sup>98</sup> Para chegarem ao ginásio da Universidade, onde ocorreu à maioria (13 sessões) dos treinamentos da equipe, os jovens que moravam no alojamento percorriam um tempo de cerca de 40 minutos, pois era necessário que pegassem 3 ônibus para chegar ao local. Por vezes os atletas iam ao treino de carona com Valter, mas sempre voltavam de ônibus para o alojamento. No ginásio da Associação, onde ocorreram somente 3 sessões de treinamentos, o deslocamento era menor, cerca de 10 minutos, sendo necessário um ônibus apenas.

<sup>99</sup> Quando perguntados sobre alguns hábitos culturais nos momentos de folga dos treinamentos e da escola, os 160 atletas das categorias sub 15, 17 e 20 investigados nesta pesquisa apresentam o seguinte perfil: 82,7% utilizam o computador com frequência, 77,3% assistem televisão com frequência, 1,3% vão ao cinema com frequência, 53,3% não leem jornais ou revistas, 70,7% não leem livros por lazer e 49,3% não leem livros para a escola. As opções foram apresentadas e os jovens assinalavam 1 (com frequência), 2 (às vezes), 3 (nunca ou quase nunca).

Todos os atletas da categoria sub 15 recebiam do clube vale-transporte para deslocamentos de ida e volta dos treinamentos. Aos atletas alojados este tipo de benefício se estendia também para os deslocamentos para a escola. O treinador era responsável por distribuir o vale-transporte aos atletas no início de cada semana. Os atletas das categorias sub 17 e sub 20, além do vale-transporte para treinamentos e escola, recebiam uma bolsa no valor estimado em um salário mínimo.<sup>100</sup>

Para todos os atletas das categorias de base o clube possuía também parceria com uma clínica para cuidados médicos e tratamento fisioterápico. Durante o período de observações somente o jovem Dudu fez uso deste tipo de serviço.

Em entrevista, Dudu falou sobre a estrutura oferecida pelo clube a eles: “assim né, a estrutura aqui do sub 15 ainda é pra gente se virar um pouco, nas outras [categorias, sub 17 e sub 20] já fica num apartamento melhor, tem restaurante, salário, eu acho que aqui ainda é uma das melhores estruturas [de futsal no Estado de Santa Catarina] pra base e tem profissional né” (ENTREVISTA DUDU, 04/12/2013). Perguntamos também aos jovens se havia apoio financeiro do clube, e Arthur e Mateus responderam: “apoio financeiro só dos nossos pais, do clube a gente ganha passe pra ir pro treino e pra escola” (ENTREVISTA ARTHUR, 04/12/2013); “esse ano aqui do clube a gente não tá ganhando nada, meus pais mandam dinheiro pra passar a semana” (ENTREVISTA MATEUS, 04/12/2013). Para os jovens que moravam no alojamento do clube observado, a oportunidade de se inserir numa equipe que proporcionava chances de acesso a profissionalização, naquele momento, parecia ser mais importante do que a possibilidade de se obter renda imediata. As condições de estrutura oferecidas pelo clube, como moradia e educação, não foram objeto de reclamações por parte dos atletas.

Percebemos que, assim como em Albino, Torri e Vaz (2007), a estrutura oferecida para o trabalho nas categorias de base não pode ser

---

<sup>100</sup> Os atletas do clube que representaram o município nas Olimpíadas Estudantis de Santa Catarina (OLESC) e Jogos Abertos no ano de 2012 foram contemplados pelo Programa Bolsa Atleta Municipal. A bolsa é obtida por mérito esportivo, ou seja, os atletas do clube que participaram das referidas competições no ano de 2012 e obtiveram no mínimo a terceira colocação recebem durante um ano uma bolsa no valor aproximado de 1 salário mínimo. Para os atletas das categorias sub 17 e sub 20 que não estavam no clube em 2012, e que, portanto, não recebem este benefício da Prefeitura Municipal, a empresa patrocinadora do clube é que realiza o pagamento nos mesmos valores.

denominada realmente como treinamento esportivo no sentido de Weineck (1999),<sup>101</sup> pois, apesar do esforço de Valter (treinador) em controlar as diversas variáveis que compõem o treinamento, como por exemplo, a alimentação e o descanso de seus atletas, o clube não oferecia condições para que isso acontecesse efetivamente. Sua figura como treinador pode ser interpretada como algo familiar,<sup>102</sup> sobretudo para os atletas que moravam no alojamento. Segundo relatos dos jovens, semanalmente eles faziam uma lista de compras (comida, produtos de limpeza e higiene, entre outros) e entregavam para o treinador, que ficava responsável pela tarefa. Ao chegarem da escola, por vezes, um dos jovens era encarregado de passar na casa do treinador para pegar parte do almoço feito por sua mãe. Dudu contou que “às vezes ela [mãe de Valter] manda pra nós uma carne ou lasanha, o arroz sou eu que faço, sempre dá pra almoçar e jantar” (ENTREVISTA DUDU, 04/12/2013). Mateus revelou que o treinador os visitava com frequência e que cobrava que a casa estivesse sempre limpa e que eles se acostumassem a dormir cedo para não prejudicar os estudos e os treinamentos. Para o treinador, como veremos mais a frente, a disciplina era elemento fundamental para o aprendizado das normas e técnicas esportivas dos jovens atletas.

Na escala hierárquica do clube, a categoria profissional, naturalmente, era detentora das prioridades, inclusive havendo casos de cancelamentos e ou adiamentos dos treinamentos da categoria base para “ceder” espaço aos profissionais. Temos no diário de campo do dia 01/07/2013 a seguinte passagem: “O treino deste dia não foi como de costume, pois a equipe adulta, sem aviso prévio, precisou utilizar o ginásio, então Valter reduziu o tempo de seu treinamento para finalizá-lo às 16h30min. (30 minutos antes do previsto)”. Enquanto os atletas encerravam suas atividades, o supervisor da equipe adulta repassou para Valter as datas e horários de treinos da equipe naquela semana no

---

<sup>101</sup> WEINECK, J. **Treinamento ideal**. São Paulo: Manole, 1999. Trata-se de uma importante e conhecida referência sobre o tema no âmbito da Educação Física e do campo esportivo.

<sup>102</sup> No dia 09/07/2013 em meio à 14ª sessão de treino observada, Mateus reclamou para o treinador que estava com “calafrios” – o jovem já havia passado mal na escola naquele mesmo dia pela manhã. Valter questionou o atleta sobre sua alimentação e se estava se agasalhando bem para dormir e sair de casa, e disse que passaria na farmácia para comprar Vitamina C para ele. Após o treino Mateus voltou para o alojamento de carona com o treinador.

ginásio da Universidade. Valter respondeu ao supervisor: “me diz os horários que tu quer, que a gente se ajeita aqui”.<sup>103</sup>

Salvo raras exceções, os treinamentos da equipe observada ocorreram entre às 15h00min. e 17h00min. (2 horas de duração). Na primeira semana foram realizadas 4 sessões de treinamentos, na segunda semana foram 5 sessões, na terceira foram 4 sessões e, na quarta semana, mais 3 sessões de treinamentos e 3 jogos oficiais válidos pelo retorno da segunda fase do campeonato estadual sub 15 do ano de 2013.<sup>104</sup> Sobre a jornada semanal de treino, Arthur revelou que “nós temos um dia de folga por semana e nunca treinamos domingo, sábado é só quando tem jogo [amistoso ou jogo oficial]” (ENTREVISTA ARTHUR, 04/12/2013).

Os jovens da categoria investigada são parte de um longo ciclo de preparação profissional. Para Damo (2007), integrar este ciclo de formação nas categorias de base de clubes esportivos, sobretudo a partir dos 14 anos de idade, é algo restrito àqueles que dispõem de técnicas corporais refinadas, pois é justamente neste período que os treinamentos se especializam e se intensificam em direção à uma possível profissionalização.

O tempo de preparação do atleta, que engloba desde os treinamentos, deslocamentos, repousos, entre outros, é destinado para melhorar o desempenho deles nas competições. Ou seja, há o tempo de jogo e tempo de preparação, que somados, formam uma unidade de planejamento (DAMO, 2007). No caso específico do clube observado, essa unidade foi organizada em quatro semanas (treinamentos, deslocamentos, repousos, amistosos, jogos oficiais, entre outros).

Focalizamos nossas observações sobre o tempo destinado para o treinamento e jogos oficiais da equipe, mas sem deixar de lado outras questões pertinentes à preparação para a competição. Para Albino, Torri e Vaz (2007), nos esportes de alto nível o treinamento é voltado para potencializar o desempenho individual e coletivo dos atletas. Damo (2007) afirma que o treinamento é um espaço-tempo que demarca a atuação dos atletas para dotar o corpo de um senso preciso de múltiplas

---

<sup>103</sup> Com o horário de treino reduzido pela utilização do ginásio pela equipe adulta, o treinador cancelou o treinamento da equipe no dia 03/07/2013 (quarta-feira) e utilizou o tempo livre da quadra (1 hora) para treinamento somente dos goleiros. Este dia será detalhado mais a frente.

<sup>104</sup> Dentro das 16 sessões de treinamentos observadas o clube realizou 4 amistosos contra equipes de cidades vizinhas e escolinhas da cidade.

relações com a atividade em vista, neste caso, o futsal. Os treinamentos são os ensaios para o jogo oficial/competição.

A seguir contaremos sobre a rotina de organização dos treinamentos da categoria de base (sub 15) do clube investigado e como os jovens que acompanhamos mais de perto se relacionam com este espaço. Para Paoli (2007), as sessões de treinamento das categorias de base de clubes esportivos devem permitir a possibilidade de aperfeiçoamento das habilidades dos jovens, conscientizando o atleta da importância da predisposição ao trabalho físico, técnico e tático, além do respeito às normas disciplinares do clube, sobretudo pelo fato de o processo de formação do atleta estar vinculado à sua promoção entre as diferentes categorias. Para Rocha (2013), a principal consequência da escolha pela carreira esportiva é a árdua rotina de treinamentos.

Paoli (2007) ressalta ainda que a obtenção de um alto nível de desempenho do atleta e da equipe não depende apenas do tempo e das condições oferecidas pelo clube, mas também das metodologias de treinamento que permitam identificar, detectar e selecionar atletas com potencial esportivo. Neste processo torna-se imprescindível que o treinador saiba explorar as virtudes e minimizar as limitações de seus atletas.

Segundo Teixeira (2003), os sujeitos envolvidos nos treinamentos de futsal se inserem numa complexidade de relacionamentos interpessoais de amizade, disciplina, desafio, respeito, conflito, competitividade, vitória, derrota, embate corporal, combate corpo-a-corpo, prazer, frustração, jogo de intenções, estratégias de práticas de técnicas especializadas do futsal, com e sem bola, em que o elemento do jogo é utilizado como meio para atingir um fim imediato: a preparação individual e coletiva para a competição oficial.

Um ponto comum entre os três jovens entrevistados que moravam na casa oferecida pelo clube era a rotina de deslocamentos dividida entre: escola – alojamento – clube. Nas entrevistas os jovens contaram um pouco sobre esta organização:

pra ir pro treino é assim: acaba a aula e o ônibus demora um pouco pra chegar, a gente chega em casa depois do meio dia, às vezes tem que pegar almoço na casa do Valter, daí um de nós vai lá. Depois do almoço lavamos as coisas bem rápido e vamos direto pro treino, de ônibus mesmo. Só é corrido quando começa 14 horas na

Universidade. (ENTREVISTA DUDU, 04/12/2013).

A rotina de João Pedro era parecida com a dos outros três jovens. Ele morava perto do alojamento, mas almoçava em casa com sua mãe. Os quatro iam juntos de ônibus para treino.<sup>105</sup>

Costumávamos chegar aos locais de treinamento cerca de 20 a 30 minutos antes do horário marcado para início, sobretudo para percebermos padrões de organização do grupo quanto às rotinas de chegadas ao treino. Por vezes encontrávamos Valter sozinho com um caderno “revisando” suas anotações, atividades planejadas para aquele dia. Também era comum vê-lo ministrando o treinamento da categoria sub 13.<sup>106</sup> Os atletas, que em sua maioria deslocavam-se de ônibus, chegavam ao ginásio e se encaminhavam para o vestiário. Após estarem devidamente uniformizados,<sup>107</sup> vestindo camisa, calção e meias azuis que estampavam os patrocinadores do clube, eles permaneciam um tempo realizando brincadeiras com bola, jogos populares do tipo “bobinho”,<sup>108</sup> entre outros, que só se encerravam quando o treinador soprava o apito, chamando o grupo para uma rápida conversa na parte externa da quadra. O apito era utilizado para encerrar as brincadeiras e conversas descontraídas entre os atletas e iniciar o trabalho. Percebemos que não era uma prática comum os atletas chegarem após o horário marcado do treinamento, apesar do treinador exercer certa tolerância quando a sessão de treino iniciava às 14h00min.: “é cedo, tem alguns

---

<sup>105</sup> Quando perguntados sobre os meios de locomoção utilizados para chegar ao clube/locais de treinamentos, os 160 atletas das categorias sub 15, 17 e 20 investigados nesta pesquisa apresentam o seguinte perfil: 38,7% utilizam ônibus, 34,7% vão a pé, 18,7% de carro, 5,3% de bicicleta e 2,7% de moto.

<sup>106</sup> A categoria sub 13 treinava em média 3 vezes por semana no ginásio da Universidade, entre 13h30min. e 15h00min.. Quando não havia treino dessa faixa etária, Valter iniciava o sub 15 às 14h00min. mas isso ocorreu apenas em 3 oportunidades durante o período observado.

<sup>107</sup> Valter contou que o clube fornecia um kit contendo 1 camisa, 1 calção e 1 par de meias para cada atleta utilizar nos treinamentos (DIÁRIO DE CAMPO, 21/06/2013).

<sup>108</sup> O bobinho é um jogo bastante utilizado como ferramenta de descontração nos esportes com bola. Antes do início dos treinamentos os atletas formavam uma roda e trocavam passes sem deixar que os dois “bobos” no centro da roda tocassem à bola. Trocavam-se os “bobos” quando estes conseguissem interceptar o passe. Geralmente iniciavam na brincadeira como “bobos” os mais novos ou recentes da/na equipe.

meninos que moram longe e outro [goleiro Jackson] que tem aula até 12h30min. e precisa ir para casa almoçar, e eu espero no máximo 15 minutos pra começar” (DIÁRIO DE CAMPO, 24/06/2013). Valter comentou com o grupo de atletas (DIÁRIO DE CAMPO, 24/06/2013) que compreendia quando chegavam atrasados, pois o ginásio não possuía fácil acesso, mas chamou a atenção de um deles que se atrasou no sábado pela manhã (dia 22/06/2013), dia de jogo amistoso: “é falta de respeito e de responsabilidade de vocês com o grupo”, disse o treinador.<sup>109</sup>

Apesar de possuir um grupo com 17 atletas treinando regularmente, sendo 6 deles nascidos no ano de 1999 e 11 nascidos em 1998, raramente os treinamentos tiveram a presença de todos os atletas. Houve situações em que atletas estiveram doentes, e por vezes um dos goleiros da equipe era selecionado para treinar na categoria sub 17, além da situação de Dudu, que não participou da primeira semana de treinamentos, pois se recuperava de lesão, e se afastou também de alguns treinamentos para visitar seu pai no hospital em sua cidade natal. Aos atletas primeiro ano da categoria (nascidos em 1999), não era obrigatório estarem presentes em todas as sessões. O treinador exigia maior compromisso por parte daqueles que ele considerava seus principais atletas, Arthur, Dudu, João Pedro, Mateus e o goleiro Jackson, todos nascidos em 1998, e que, no ano seguinte (2014), de acordo com sua expectativa, deveriam integrar a categoria sub 17.

Teixeira (2003) chama a atenção para o fato de que, em geral, os treinamentos de futsal com atletas de categorias de base seguem uma estrutura e organização que podem ser consideradas como cópias do modelo de esporte de alto rendimento. No caso do clube investigado, a estrutura de montagem das equipes de base era exclusivamente cronológica (sub 13, sub 15, sub 17 e sub 20) e os rituais dos treinamentos observados<sup>110</sup> seguiam à estrutura do modelo pedagógico

---

<sup>109</sup> Para Paoli et al. (2010), atuais especialistas do esporte defendem a importância do conjunto de qualidades técnicas (habilidades corporais de variadas naturezas e funções), táticas, físicas, psicológicas, entre outras, para a avaliação do atleta, e a disciplina, característica que se refere à dedicação aos treinamentos, à obediência, e ao comportamento fora dos espaços do clube, como fatores fundamentais para o sucesso na formação do atleta de base.

<sup>110</sup> Acompanhamos os treinamentos de “dentro” da quadra, sentado com o diário de campo em mãos, de modo que fosse possível observar de perto o ambiente e convívio do grupo investigado.

tradicional do esporte (mas também de grande parte das aulas de Educação Física na escola): aquecimento, parte principal, volta à calma.

Como dito, o treinamento iniciava-se a partir do apito do treinador, de uma rápida conversa e de ordens aos atletas do tipo: “hei, vamos alongar aí gente”. Encerravam-se as brincadeiras e os atletas se sentavam no círculo central da quadra para realizar uma série de alongamentos para membros inferiores, tronco e braços, nessa ordem. Quem organizava a sequência de exercícios eram os próprios atletas, na maioria das vezes guiadas pelo jovem Arthur. O alongamento durava cerca de cinco minutos. Finalizada essa parte inicial, os atletas realizavam exercícios de aquecimento sem utilização de bola e ainda sem intervenções do treinador. Os exercícios consistiam de movimentos para aquecimento articular de pernas e braços, além de corridas leves com mudanças de direção. A sequência alongamento/aquecimento inicial seguiu uma ordem semelhante ao longo das sessões observadas. Enquanto os atletas se movimentavam pela quadra, Valter ficava observando. Após um tempo (cerca de um ou dois minutos), o treinador assumia o comando das atividades, passando a serem realizadas com bola. Os atletas rapidamente se organizavam em duplas e realizavam exercícios para aprimoramento técnico: passes, condução, domínio, drible, finalização, entre outros. Esta etapa do treinamento durava em média 15 minutos e Valter exigia precisão técnica e velocidade na execução dos movimentos. Transmitia informações ao grupo do tipo: “vamos”, “capricha”, “acelera” e por vezes pedia mais concentração e dedicação. A rotina de aquecimento era a mesma para os dias de jogos amistosos. Em equipes esportivas, geralmente as atividades de alongamento e aquecimento são ministradas pelo preparador físico, membro integrante da comissão técnica do clube. Na equipe que acompanhamos, a ausência de um responsável por essa fase do treinamento e a postura inicialmente observadora do treinador em relação à execução dos exercícios proporcionava aos atletas certa autonomia para realização de tais atividades. Aparentemente, num período anterior ao que acompanhamos, Valter havia sistematizado uma rotina para esses exercícios serem executados pelo próprio grupo de atletas e aos poucos, durante a sessão, o treinador assumia o controle das demais tarefas do treino. No dia 22/06/2013 (sábado pela manhã), quando a equipe tinha um amistoso marcado contra uma escolinha da cidade, os atletas realizavam os mesmos exercícios de alongamentos utilizados nos treinamentos, mas em virtude do atraso da equipe

adversária Valter reuniu o grupo no centro da quadra e organizou um *rachão*<sup>111</sup> para descontrair e passar o tempo. Com 20 minutos de atraso a equipe adversária chegou ao ginásio, Valter observou a chegada da equipe e ordenou aos seus atletas: “deu! faz 2 a 2 com passe curtinho”. Eles rapidamente encerraram a brincadeira e se organizaram em duplas, seguindo a mesma sequência de exercícios de fundamentos técnicos realizada nos treinamentos durante a semana. Apesar de estarem juntos dos demais atletas da equipe nas brincadeiras pré-treino, os goleiros tinham uma rotina de organização diferente dos demais.

Aos quatro goleiros que faziam parte da equipe naquele momento – Jackson e Vitor, nascidos em 1998, e Pedro e Vinicius, nascidos em 1999 – o treinador proporcionava maior autonomia na rotina de organização das atividades de treino. Valter comentou que os quatro eram esforçados e disciplinados, e que ele não tinha tempo para preparar e aplicar treinamentos específicos somente para os goleiros, de modo que eles se organizavam e treinavam praticamente sozinhos: “eles veem o nosso goleiro do adulto fazendo [os exercícios específicos] nos treinos e nos jogos e tentam fazer igual, isso é bom”, disse o treinador (DIÁRIO DE CAMPO, 17/06/2013). De fato, observamos que os goleiros formavam um grupo a parte dos demais atletas da equipe. Geralmente iniciavam suas atividades antes dos demais, os alongamentos tinham um tempo de duração maior e os exercícios práticos realizados com bola eram específicos para a posição (passes, chutes, quedas, defesas, saídas do gol, reposições, entre outros). Jackson, goleiro titular da equipe, era quem organizava a rotina de exercícios. Valter não costumava acompanhar de perto as atividades dos goleiros, e por vezes os questionava: “como tá aí?”, “mais quanto tempo?” (DIÁRIO DE CAMPO, 24/06/2013). Nos treinos regulares da equipe, os goleiros tinham autonomia também para organizarem a forma de revezamento da participação deles nas atividades com os demais atletas, que em geral funcionava da seguinte forma: o goleiro que sofria gol saía para dar lugar a outro. Essa dinâmica proporcionava um clima de expectativa entre aqueles que participavam da atividade, que não queriam sair, e aqueles que aguardavam sua vez de jogar. Os esforços dos envolvidos para não sofrer gols e, portanto, permanecer mais tempo na atividade, chamava a atenção. Havia uma rotatividade, organizada

---

<sup>111</sup> “Rachão” é o nome dado um jogo descontraído, no qual os atletas se organizam em duas grandes equipes e assumem diferentes papéis no jogo, por exemplo, o goleiro passa a ser atacante, o atacante passa a ser goleiro, entre outros. O destaque se dá para os dribles e jogadas inusitadas.

pelo treinador, para que os goleiros treinassem na categoria acima (sub 17). Em nosso Diário de Campo dia 17/06/2013 (segunda-feira), registramos Valter dizendo para Vitor: “o resto dessa semana você treina com o sub 17, agora é tua vez”. O atleta reclamou de cansaço para o treinador, mas confirmou que iria treinar. A imagem socialmente construída no esporte de que o goleiro precisa se dedicar mais aos treinamentos parece ser reproduzida também neste grupo. Por ser o último jogador de defesa da equipe, qualquer erro pode acabar em gol do adversário. Portanto, para tentar diminuir as chances de que isso ocorra, parece ser necessário aumentar tanto quantitativa quanto qualitativamente o nível do treino (porque eles treinam mais vezes na semana e com categorias mais velhas, supostamente mais experientes e com maior incorporação técnica).

No dia 03/07/2013 (quarta-feira), data solicitada pela equipe profissional para utilizar o ginásio da Universidade onde ocorria grande parte dos treinamentos da equipe observada, Valter reservou uma sessão somente para os goleiros, com duração de 1 hora. O treinador organizou uma série de exercícios similares àqueles que os próprios goleiros faziam sozinhos, observados nas sessões de treinamentos anteriores. Também neste dia “especial” foram os próprios goleiros que aplicaram os exercícios uns nos outros, mas desta vez sob supervisão direta de Valter, que observava a execução das atividades e exigia mais velocidade e precisão nas ações técnicas. Cerca de uma hora após o início do treinamento, com uma rápida pausa para os atletas beberem água, era visível o desgaste físico dos quatro goleiros, já que permaneceram praticamente todo o tempo revezando os exercícios técnicos executados em alta intensidade. Com a chegada dos jogadores da equipe profissional ao ginásio, os jovens encerraram as atividades. Pedro, o mais novo entre os quatro, se aproximou de Valter e comentou que o goleiro da categoria sub 20, que no momento era titular do time profissional na *Liga Nacional de Futsal*,<sup>112</sup> repassou a ele uma joelheira que não utilizava mais. Valter então comentou comigo que essa era uma prática comum no clube: “é normal os goleiros passarem material usado para os mais novos, mas às vezes tenho que pedir”. (DIÁRIO DE CAMPO, 03/07/2013).

Diferentemente da forma como lidava com os goleiros durante uma sessão normal de treinamento, aos demais atletas da equipe o

---

<sup>112</sup> No período de observações o goleiro principal da equipe adulta se recuperava de lesão, dois goleiros da equipe sub 20 haviam sido promovidos para a equipe profissional.

treinador se fazia bastante presente, utilizando como ferramenta pedagógica a competição e a fragmentação de situações presentes no jogo para proporcionar ao grupo um ambiente controlado de prática. As atividades possuíam certa linearidade, do mais simples para o mais complexo, do espaço menor para espaços mais amplos, ou seja, da parte para o todo. Os conteúdos práticos selecionados para o treino eram elementos técnicos (passe, domínio, condução, finalização, entre outros), físicos (velocidade, agilidade, resistência, força etc.) e táticos (marcação, posicionamento, movimentação, manobras ensaiadas, entre outros) do futsal, focados em atividades extraídas de situações verossímeis do jogo oficial, buscando aperfeiçoamento e especialização da prática esportiva por parte dos jovens.

Durante o treinamento, o relacionamento entre treinador e atletas era cercado de exigências de rendimento e produtividade por parte do primeiro. Valter acompanhava de perto as ações individuais e coletivas dos jovens que participavam efetivamente das atividades do treino.

O núcleo principal dos treinamentos seguia uma estrutura bastante recorrente, havendo pequenas variações com relação ao tempo (entre 20 e 40 minutos de duração) e quantidade de exercícios (um ou dois), que antecediam a parte do “coletivo”.<sup>113</sup> O treinador utilizava uma série de jogos com diferentes tipos de regras para proporcionar aos atletas vivências em situações de jogo – superioridade numérica, inferioridade numérica, marcação pressão, marcação recuada, transições ofensivas e defensivas, goleiro linha,<sup>114</sup> entre outros. Havia grande variação nos tipos de jogos, que não se repetiram entre as sessões. As regras selecionadas para cada exercício do treino funcionavam como um

---

<sup>113</sup> Coletivo é o jogo formal, no caso do futsal, duas equipes se enfrentam em cinco contra cinco, geralmente titulares contra reservas, seguindo as regras oficiais da modalidade. O coletivo é uma atividade comum utilizada pelas equipes esportivas para treinar o conjunto de sua equipe principal.

<sup>114</sup> Estratégia utilizada, geralmente, quando a equipe se encontra em inferioridade no placar e pode ser realizada pelo próprio goleiro, ou até mesmo por algum jogador de linha qualquer (por isso o nome “goleiro linha”), desde que esteja caracterizado diferentemente dos demais jogadores da equipe. Após o goleiro (linha) haver tido contato com a bola, para que ele volte a poder recebê-la de um companheiro de equipe, de forma intencional, sem que a bola tenha sido jogada ou tocada por um adversário, deve estar posicionado na meia-quadra de ataque. Trata-se de uma estratégia que aumenta o número de jogadores no ataque, mas, por outro lado, envolve inúmeros riscos de tomar gols de contra-ataque da equipe que está se defendendo.

controle sobre o objetivo da atividade. Como exemplo, podemos citar uma atividade registrada em nosso Diário de campo do dia 01/07/2013, na qual Arthur e outros três atletas formavam uma equipe e apresentaram dificuldades de entendimento sobre as regras e execuções da atividade proposta pelo treinador.<sup>115</sup> Logo no início a equipe cometeu uma infração na regra e Valter chamou a atenção: “por que que quando eu perguntei disse que entendeu?” e explicou novamente. Na sequência Arthur errou novamente, o treinador parou o jogo e disse para o atleta entregar a bola para a outra equipe, e o jogo seguiu. Quando os atletas realizavam alguma ação contrária ao que havia sido previamente combinado, Valter utilizava o apito para parar o treino e, em tom mais rispido de voz, chamava a atenção dos atletas com frases do tipo: “tem que seguir a regra, prestem atenção”.<sup>116</sup>

As atividades propostas pelo treinador ao longo das sessões de treino observadas tinham a função de aperfeiçoar principalmente o comportamento tático da equipe. Aos atletas cabia a tarefa de compreender os objetivos da atividade e solucionar os “problemas” de jogo criados a partir das modificações das regras. Esse tipo de atividade pode proporcionar uma vivência na qual o atleta busca, em seu repertório psicomotor, encontrar respostas para a execução das tarefas. Registramos a utilização de dez tipos diferentes de jogos como ferramenta pedagógica, a saber: a) o jogo era organizado em situação de igualdade numérica (2 contra 2 + goleiros) e utilizava-se somente metade da quadra para proporcionar redução de espaço do ataque contra a defesa. Na outra metade da quadra aguardavam, sem bola, outras duas duplas que se enfrentavam quando a equipe de defesa conseguisse roubar a bola e realizar um passe para a outra meia quadra; b) duas duplas se enfrentavam ocupando todo o espaço da quadra de jogo e um terceiro jogador (“coringa”), utilizando colete de cor diferente dos

---

<sup>115</sup> O jogo acontecia em igualdade numérica (4 contra 4 + goleiros) e utilizava todo o espaço da quadra, mas para a equipe que estivesse com posse de bola havia uma única regra em específico: o jogador com a bola não poderia ter mais do que 2 companheiros de equipe a sua frente. Arthur e seus companheiros tinham dificuldades em manter apenas dois jogadores a frente da bola. A dinâmica de jogo era de difícil compreensão para os atletas. (DIÁRIO DE CAMPO, 01/07/2013).

<sup>116</sup> No Diário de campo do dia 02/07/2013, registramos uma das atividades em que o atleta poderia dar no máximo 3 toques na bola. Durante a atividade, logo após o seu início, Arthur fez um belo gol, e Valter comentou com um atleta que estava ao seu lado: “ele deu quatro toques né!? Vou deixar porque foi um gol bonito, assim ele ganha confiança”.

demais, participava somente das ações ofensivas da dupla que estivesse com posse de bola, proporcionando uma situação de superioridade numérica do ataque em relação à defesa (3 contra 2 + goleiros); c) em meia quadra o jogo era organizado em situação de igualdade numérica (3 contra 3 + goleiro), enquanto na outra metade da quadra dois jogadores de ataque e um de defesa (2 contra 1 + goleiro) aguardavam o momento em que o trio de defesa conseguisse roubar a bola e passá-la para a dupla de ataque da outra meia quadra, proporcionando assim uma situação de superioridade numérica do ataque em relação à defesa, ocupando todo o espaço da quadra e com participação de todos (5 contra 4 + goleiros); d) o jogo se realizava em igualdade numérica (4 contra 4 + goleiros), mas em uma das equipes os quatro atletas de linha tinham nas mãos uma bola cada, que recebiam uma numeração de 1 a 4 dada pelo treinador. O jogo iniciava com a equipe sem numeração atacando e a equipe numerada defendendo. A qualquer momento o treinador poderia chamar um dos números selecionados e então o atleta escolhido deveria soltar sua bola no chão e iniciar rapidamente um contra-ataque (a bola que estava antes em jogo era deixada de lado); e) em meia quadra realizava-se um jogo de superioridade numérica do ataque em relação à defesa (3 contra 2 + goleiro), enquanto do outro lado da quadra um atleta aguardava seus companheiros de defesa conseguirem roubar a bola e realizar o passe para o outro lado, e apenas dois atletas que antes atacavam deveriam correr para o outro lado da quadra. Assim, se realizava uma nova situação de superioridade numérica do ataque em relação à defesa (3 contra 2 + goleiro); f) o jogo acontecia em igualdade numérica (4 contra 4 + goleiros) e utilizava todo o espaço da quadra, mas para a equipe que estivesse com posse de bola havia uma única regra em específico: o jogador com a bola não poderia ter mais do que 2 companheiros de equipe a sua frente; g) o jogo acontecia em situação de superioridade numérica do ataque em relação à defesa (4 contra 3 + goleiros), utilizando a quadra toda. A equipe com posse de bola tinha um de seus quatro jogadores posicionado no fundo da quadra de ataque, mas ele só participava do jogo quando seus companheiros conseguissem ultrapassar a linha da metade da quadra, assim formava-se superioridade numérica somente na quadra de ataque; h) o jogo acontecia em igualdade numérica (3 contra 3 + goleiros) utilizando a quadra toda, com limite de dois toques na bola para cada atleta; i) o jogo era organizado em situação de ataque contra defesa com superioridade numérica do ataque em relação à defesa (5 contra 4 + goleiros), simulando uma situação de jogo em que a equipe utilizava o goleiro linha; j) o grupo de atletas foi dividido em 3 equipes e uma das equipes

foi escolhida para ter um jogador a mais (5 jogadores na linha + goleiro), enquanto as outras duas equipes estavam com a formação normal de jogo (4 jogadores na linha + goleiro). Ao sinal do apito do treinador a equipe que estivesse no momento sem a posse da bola saía rapidamente do jogo e aquela que estava aguardando passava a participar da atividade.

Os exercícios de treino, que possuíam regras e transformações pedagógicas do jogo formal, eram comandados por Valter, que participava ativamente das ações executadas pelos atletas. O treinador circulava pela lateral da quadra e chamava a atenção dos atletas em diversas ações do jogo. As explicações, correções, informações etc. eram dirigidas ao grupo todo para que tivessem mais objetividade, velocidade, eficiência e inteligência nas escolhas técnicas e táticas. Frases do tipo: “capricha mais”, “acelera o jogo”, “joga pra frente” eram comuns, e por vezes as correções eram destinadas a atletas em específico. Os jovens pareciam incorporar as informações do treinador e com menos frequência reproduziam algumas de suas falas. Em uma das atividades Mateus chamou a atenção de seu companheiro: “não fica parado, vai no fundo e volta!” (DIÁRIO DE CAMPO, 18/06/2013), cobrança que era comum e frequente entre os próprios atletas. Quando Arthur e Mateus eram protagonistas de erros individuais, ficavam visivelmente irritados, a culpa pelo erro se transformava em raiva. Os dois tinham um “temperamento difícil”, segundo o treinador, e também cobravam muito um do outro: “esses dois [Arthur e Mateus] brigam o tempo todo”, disse Valter.<sup>117</sup> Para o treinador, um dos motivos de Dudu ser o capitão da equipe era por saber a hora de elogiar e de cobrar seus companheiros, característica que, segundo Valter, também possuía João Pedro.

Ser disciplinado, possuir bons modos, entre outros, são características importantes aos olhos do treinador para o atleta em formação. Para Fraga (2000), o “bom mocismo” é uma representação de

---

<sup>117</sup> No dia 10/07/2013 o treino era acompanhado por uma mulher, prima do treinador Valter. Ela contou que conhecia bem os meninos que moravam no alojamento e que costumava conversar com eles: “sei das dificuldades deles e do Valter também, não é qualquer um que faz o que ele faz por estes meninos”. Ela ainda disse que era difícil de lidar com Arthur, pois ele é: “muito fechado e individualista, só faz as coisas pra ele, acho que ele é muito carente, sente saudade de casa” “já o Dudu é um amor de pessoa, todo mundo gosta dele”. A prima do treinador morava no Estado do Rio Grande do Sul e passava férias na cidade naquela ocasião.

moralidade marcada no corpo. Nos esportes, o bom moço é aquele que consegue dominar seus instintos e comportar-se em favor da razão, tendo em vista que o mercado profissional exige do atleta de categorias de base certa disciplina e predisposição ao trabalho.

Os estudos de Paoli (2007) defendem que o contexto do futebol moderno, neste caso aplicado também ao futsal moderno, se apoia em cinco aspectos fundamentais: força, velocidade, inteligência de jogo, habilidade técnica e equilíbrio emocional. Mas um componente merece destaque, independente dos fatores técnicos, físicos e táticos, que é o comportamento competitivo. Afinal, o atleta se prepara para competir, e a formação competitiva faz parte do processo pedagógico do treinamento.

Valter se preocupava em manter o grupo de atletas “motivados”, como dizia, e para isso investia em jogos e exercícios que exigiam concentração e intensidade de seus comandados. Havia uma regra que era comum em todas as atividades propostas pelo treinador: para continuar no jogo era preciso vencer o adversário. As cobranças do treinador eram no sentido de promover uma simulação mais próxima possível de uma situação real de competição: “isso vai acontecer no jogo também!”, dizia Valter frequentemente. Na montagem das duplas, trios ou quartetos para as atividades descritas acima, raramente os principais atletas ficavam nas mesmas equipes: “dou atenção para todos, assim todo mundo fica motivado e o grupo evolui, eles [atletas] sabem quando são deixados de lado” disse o treinador.” (DIÁRIO DE CAMPO, 09/07/2013) Arthur possui um porte físico que se sobressai aos demais atletas do grupo, e quando o treinador organizava a montagem das duplas ou dos trios para as atividades, a equipe de Arthur era geralmente composta por atletas mais novos e desprovidos de porte físico avantajado. Valter também comentou em treinamento: “o que eu gosto neste time é que todos sabem o que é pra fazer. Claro que tem alguns que não acompanham tanto, mas mesmo sem o Dudu ou Arthur o treino fica bom”. (DIÁRIO DE CAMPO, 02/07/2013).

Nestas atividades o treinador apostava na estratégia de não mostrar ao grupo quais eram seus jogadores preferidos, para que todos se entregassem ao máximo ao treinamento e buscassem seu espaço na equipe principal. Mas durante a realização dos exercícios, aqueles que não estavam em quadra, que aguardavam sua vez de participar do jogo, observavam e comentavam sobre as ações dos companheiros e Dudu era alvo de admiração, sobretudo pelos mais novos. Arthur chamava a atenção por sua força de marcação e Mateus pela eficiência em fazer gols. Em entrevista, João Pedro afirmou: “no começo ninguém gostava

dos três, são de fora e vieram pra jogar né. Mas agora todo mundo sabe que [eles] são importantes pra nós” (ENTREVISTA JOÃO PEDRO, 04/12/2013). Identificamos também alguns momentos em que o treinador dava mais atenção aos preferidos (considerados por eles os melhores), como quando estavam de fora das atividades aqueles considerados titulares da equipe (Arthur, Dudu, João Pedro e Mateus), que recebiam informações extras sobre erros e acertos técnicos e táticos, o que não ocorria com os demais atletas da equipe. Os quatro também eram mais cobrados pelo treinador.

A complexidade das atividades, que eram mediadas pelas regras impostas pelo treinador, o equilíbrio proporcionado pela montagem das equipes, e as constantes cobranças pelo bom desempenho na realização das tarefas por parte do treinador, asseguravam que os atletas estivessem concentrados e empenhados durante a execução das atividades. O desgaste físico (corporal) e mental nesta fase do treinamento, se mostravam necessários para o aperfeiçoamento atlético. Essas atividades programadas para o treino, que aconteciam depois do aquecimento e alongamento e que duravam cerca de 20 a 40 minutos, se encerravam ao som do apito do treinador e de ordens do tipo: “vão lá, cansados vocês pensam pouco” (DIÁRIO DE CAMPO, 17/06/2013), ou “vamos fazer uma parada rápida” (DIÁRIO DE CAMPO, 01/07/2013), entre outras. Cinco minutos era o tempo que os atletas tinham de liberação para recuperar o fôlego e hidratarem-se no bebedouro ficava ao lado do vestiário da equipe.

O fator comum presente em todas as sessões de treinamentos foi o jogo coletivo como forma de encerramento da parte principal do treino, ou como única atividade principal, como foi o caso do dia 24/06/2013 (quinta sessão de treinamento). Além do tradicional coletivo, no qual duas equipes se enfrentam em situação de igualdade (4 contra 4 + os goleiros) seguindo as regras oficiais de competição, ao longo das semanas de observação a equipe realizou 4 partidas amistosas. Os coletivos e jogos amistosos serviam, segundo o treinador, para colocar em prática “todas as jogadas ensaiadas e ajustar o time”. As manobras ensaiadas pela equipe durante os treinamentos eram identificadas por meio de códigos numéricos e nomes fictícios do tipo: “linha” ou “barreira”, entre outros.<sup>118</sup> A voz de comando para a execução das jogadas ensaiadas partia, na maioria das vezes, do

---

<sup>118</sup> Não observamos treinamentos específicos para as jogadas ensaiadas da equipe. Elas ocorriam como se os atletas já as conhecessem e muito provavelmente houve preparação antes do período de observações.

treinador. Mas quando Dudu, o capitão da equipe, participava dos treinamentos e jogos, era ele quem assumia este papel.

Para garantir as disputas e manter o nível de competitividade dos jogos e possibilitar que todos os atletas jogassem o maior número de vezes quanto possível, nos coletivos havia uma única regra não oficial selecionada pelo treinador: o jogo durava 5 minutos ou até a primeira equipe fazer dois gols. Nestas atividades não havia preocupação por parte do treinador em equilibrar a força das equipes, que eram separadas por coletes de diferentes cores e pelos atletas considerados titulares e reservas. Percebemos inclusive uma mudança no sentido das cobranças e orientações aos atletas, pois nos jogos coletivos o treinador direcionava suas informações somente aos atletas da equipe considerada titular. Em entrevista Dudu afirmou: “a cobrança maior sempre é em nós três de fora [Arthur, Dudu e Mateus]. A gente pode errar um passe que ele [o treinador] vai brigar. Quando os outros [atletas não alojados] erram ele finge que não vê, mas a gente sabe que a cobrança é maior porque a gente vem de fora”. (ENTREVISTA DUDU, 04/12/2013).

Nos primeiros minutos dos coletivos o treinador seguia comentando praticamente todas as ações dos atletas, valendo-se de palavras e frases do tipo: “capricha”, “acerta a marcação”, “isso”, “vamos”, “tem que ser inteligente pra jogar gurizada” etc. Muitos de seus comentários eram direcionados para os jovens Arthur e Mateus: “cuida os excessos, pensa pra jogar Arthur”; “se desmarca Mateus, parece que teu time tá com um jogador a menos, não adianta ficar parado, é burrice!” (DIÁRIO DE CAMPO, 18/06/2013 e 24/06/2013). Em alguns momentos, Valter parava o treino para fazer acertos pontuais de posicionamento defensivo, movimentação ofensiva e sobre o desempenho técnico dos atletas. As tomadas de decisões dos atletas eram auxiliadas pelo comando de voz do treinador. João Pedro praticamente não tinha sua atenção chamada por Valter e o tratamento com Dudu era diferente dos demais. Houve um lance no treinamento do dia 10/07/2013 em que a equipe de Dudu sofreu um gol, pois o atleta havia cometido uma falha na marcação. Valter observou e comentou com um dos atletas ao seu lado: “ele não tá no ritmo ainda, tem que ter paciência, já quer fazer coisas que fazia antes de se machucar”. Situações parecidas com essa aconteciam com outros atletas da equipe e Valter costumava ser menos compreensivo do que com Dudu, para quem as orientações eram dirigidas com maior serenidade: “tem bola que não é pra driblar Dudu”; “Dudu, tá esperando a bola parado”; “vai soltando aos poucos” (DIÁRIO DE CAMPO, 28/06/2013).

A medida que se aproximava do final do treino, que duravam, como dito, cerca de duas horas, os atletas aparentavam desgaste físico e o treinador passava a observar mais e comentar menos sobre as ações do jogo. A frequência de suas correções diminuía, mas os atletas continuavam cobrando uns dos outros e reclamando dos erros de seus companheiros, cada vez mais frequentes, provavelmente em função do cansaço (DIÁRIO DE CAMPO, 17/06/2013). Valter chamou a atenção de seus atletas: “parem de falar e treinem”. O treinador passava a utilizar mais o apito para controlar a dinâmica do jogo.

Em um dos treinos (dia 18/06/2013), Valter comentou comigo que estava preocupado com Arthur: “ele tem muita força, muita vontade, mas tem dificuldade de assimilar as coisas”. O treinador contou que num jogo válido pelo campeonato Estadual a equipe estava empatando com seu maior rival e que Dudu não estava jogando, pois cumpria suspensão por um cartão vermelho em jogo anterior: “Ele [Arthur] levou um cartão amarelo, tirei do jogo porque estava batendo demais no outro time, perdemos de 2 a 1 e fui criticado por isso, mas vai saber né?!” (DIÁRIO DE CAMPO, 18/06/2013).

Em entrevista Arthur afirmou que o treino era sempre “pegado”,<sup>119</sup> pois é quando se define quem vai jogar. Dudu disse que “a gente respeita muito nosso treinador, a gente sabe que se errar uma bola ele vai brigar, vai cobrar. Daí ninguém quer errar, por isso o treino é assim, quanto menos erro, melhor” (ENTREVISTA DUDU, 04/12/2013). João Pedro também corroborou com as palavras dos colegas: “no começo do ano o treino era mais pegado do que agora (mês de Dezembro), a gente não sabia como que ia ser as coisas, agora a gente se conhece melhor e o ritmo caiu um pouco”. (ENTREVISTA JOÃO PEDRO, 04/12/2013).

As estratégias do treinador para aumentar o nível de competitividade entre seus atletas, proporcionando confrontos que resistiam até sair um vencedor, produzia um efeito que era visível aos olhos do observador: disputas mais duras pelo espaço de jogo e pela posse da bola, que resultavam em jogadas mais ríspidas e perigosas entre os companheiros de equipe. Era comum aos atletas resistirem às dores<sup>120</sup> durante as sessões de treinamento. Na sessão do dia

---

<sup>119</sup> Neologismo utilizado para definir que as disputas no treinamento eram intensas.

<sup>120</sup> O treinamento esportivo, para Gonçalves, Turelli e Vaz (2012) pode ser comparado a um processo de produção de enfermidade, na medida em que atribui uma carga sistemática de trabalho capaz de provocar adaptações

24/06/2013, por exemplo, João Pedro reclamou de dores na coxa, região do corpo em que havia sofrido uma pancada de um colega de equipe, mas disse para Valter: “dá pra continuar”. O atleta mancava e fazia caretas ao realizar ações de maior velocidade, Valter percebeu e perguntou: “o que que deu?”. O atleta respondeu: “nada!”, e seguiu no treinamento normalmente. (DÁRIO DE CAMPO, 24/06/2013). Houve um caso também em que Mateus levou um chute na panturrilha e saiu da atividade, deitou-se no chão e reclamou da dor. Ainda mancando, pediu para o treinador para voltar para a atividade, e seguiu treinando com dores (DIÁRIO DE CAMPO, 18/06/2013).

No diário de campo do dia 01/07/2013 temos outro relato sobre o tema: enquanto os atletas executavam a atividade, cerca de 30 minutos após o início do treinamento, Valter percebeu que um deles, Axel, estava mancando, consequência ainda de uma lesão causada no jogo amistoso de sexta-feira (28/06/2013): “ta com dor ainda? Então senta, não adianta forçar”, disse o treinador. Apesar da tentativa de participar do treinamento, mesmo com dores, o atleta saiu da atividade e comentou com os colegas que não havia feito tratamento: “descansei no final de semana, só fiz um gelo”. Valter pediu então para que Axel pegasse um pouco de gelo para colocar no local da dor. Não havia nenhum tipo de medicamento ou kit de primeiros socorros no local de treino, então o atleta caminhou cerca de 200 metros até a lanchonete da Universidade para buscar um pouco de gelo e retornou para assistir a parte final do treinamento.

As lesões não foram frequentes durante as observações, mas uma delas merece destaque, pois, entre os quatro atletas que acompanhamos de perto, aos olhos do treinador um deles se destacava, o jovem Dudu. Ele se recuperava de uma lesão no joelho esquerdo, uma torção ocorrida em um dos treinamentos da equipe (anterior ao início das observações). Dudu realizava sessões de fisioterapia e necessitava de auxílio de muletas para se deslocar. O jovem não participou dos treinamentos na primeira semana em que iniciamos as observações, mas, para o supervisor da equipe, sua recuperação seria rápida: “é um moleque de 15 anos, logo ele volta a jogar” (DIÁRIO DE CAMPO, 17/06/2013). O atleta fez uma ressonância no joelho e o resultado mostrou que ele precisava apenas de reforço muscular e reabilitação dos

---

morfofisiológicas necessárias ao desempenho. O corpo do atleta descansa para poder adaptar-se e preparar-se para receber novo estímulo e deste processo faz parte a dor, elemento necessário para o fortalecimento do corpo, por este motivo a dor deve ser ignorada, suportada, e às vezes transformada em fonte de prazer.

movimentos. Em entrevista, Dudu afirmou que “quando me machuquei, tive todo o apoio do clube, podia ter feito cirurgia no joelho, mas fiquei só um mês na fisioterapia. Eu fazia [sessões de fisioterapia] junto com os atletas do profissional, foi ótimo pra mim” (ENTREVISTA DUDU, 04/12/2013). Na segunda semana de observações Dudu já se locomovia sem muletas e retornou aos treinamentos com bola: “pensa na saudade que eu tava da bola!”, comentou o jovem (DIÁRIO DE CAMPO, 26/06/2013). No treinamento do dia 26/06/2013 (sétima sessão observada), sob ordens de Valter, Dudu realizava uma série de exercícios técnicos e coordenativos com bola, como condução de bola entre cones, zigue-zague, condução de bola com uma perna e depois com a outra e assim por diante. Após cerca de 30 minutos de atividade o jovem aparentava cansaço, mas afirmou que não sentia mais dores no local da lesão e, sob ordens do treinador, realizou uma corrida leve com duração de 15 minutos ao redor da quadra de jogo para melhorar o condicionamento físico. Em entrevista o jovem afirmou que havia realizado “algumas [não soube dizer quantas exatamente] sessões de reforço muscular” na clínica conveniada do clube antes de retornar às atividades de quadra. Não observamos nenhum tipo de acompanhamento clínico após seu retorno, que foi gradativo e cercado de cuidados e expectativas por parte do treinador. O atleta conseguiria participar dos jogos do estadual que se aproximavam? A primeira participação efetiva de Dudu nos treinamentos aconteceu em um jogo amistoso da equipe, descrito abaixo, e que ocorreu no dia seguinte após seu retorno às sessões de treino. Percebemos que nas primeiras atividades com o grupo, Dudu realizava seus movimentos com cuidado e evitava divididas mais duras.

Os quatro amistosos preparatórios da equipe serviram para o treinador avaliar os atletas que estariam em condições de atuar pela equipe na rodada do campeonato estadual que se aproximava.

O primeiro amistoso da equipe aconteceu num sábado (dia 22/06/2013) pela manhã no ginásio da Universidade, contra uma equipe da cidade vizinha a do clube que observamos, e que contava com atletas de 15 e 16 anos de idade. Valter não conversou com seus atletas antes do início do jogo, apenas passou quem seriam os iniciantes na partida (Jackson, Arthur, João Pedro, Mateus e Jean). Dudu seguia se recuperando de lesão e João Pedro foi escolhido para ser capitão da equipe. Jean era o substituto temporário de Dudu. O treinador permaneceu sentado boa parte do jogo observando a partida. O ritmo do jogo era lento se comparado à intensidade dos treinamentos. Os atletas conversavam pouco em quadra e cometiam alguns erros que

incomodavam o treinador. Valter comentou: “tá horrível o jogo até agora gente, não acertam um passe”; “jogar de manhã é complicado, vocês estão num sono”; “não adianta treinar bem e no jogo não fazer as coisas” (DIÁRIO DE CAMPO, 22/06/2013). Apesar da irritação do treinador com o desempenho da equipe, em menos de 10 minutos Mateus havia marcado 4 gols e sua equipe vencia por 4x0.

A partida teve dois tempos de 20 minutos cada, todos os atletas participaram do jogo e logo no início do segundo tempo o placar estava 7x0. Com o resultado da partida praticamente definido, treinador e atletas estavam mais descontraídos. Valter comentou comigo: “este jogo não é parâmetro, é só pra tirar os meninos da cama e fazer eles correrem um pouquinho” (DIÁRIO DE CAMPO, 22/06/2013). O único atleta que parecia insatisfeito com sua atuação era Arthur, que ao cometer um erro numa jogada ensaiada da equipe olhou para o treinador, que imediatamente disse: “só faz o que eu peço, não muda, toda vez que vocês mudam alguma coisa a jogada dá errado” (DIÁRIO DE CAMPO, 22/06/2013). Em seguida Valter chamou Arthur para conversar e mostrou como deveria ter sido realizada a jogada. No fim, o placar da partida ficou em 16x0 para a equipe de Valter. Entendemos que com essa atividade, mesmo com o adversário apresentando pouca resistência ao jogo, Valter tinha a intenção de observar como seus atletas responderiam ao estímulo de treinamento/competição naquele período do dia. O jogo amistoso foi realizado num sábado pela manhã (11h00min.), justamente no mesmo horário e local em que sua equipe disputaria, dentro de três semanas, a primeira partida oficial do retorno da rodada do campeonato estadual. Ter o grupo de atletas habituado com as condições de competição (fisiológicas, climáticas, entre outros) pode ser determinante para se obter resultado positivo.

Os outros três amistosos de preparação da equipe tinham um caráter diferente do primeiro. No segundo, realizado no dia 25/06/2013, uma terça-feira, o jogo foi contra uma escolinha de futsal da cidade, que para Valter era “a melhor equipe da cidade pra se fazer amistoso” (DIÁRIO DE CAMPO, 25/06/2013). A equipe adversária era composta por atletas de 15 e 16 anos. Dudu não participou do jogo, pois ainda recuperava-se da lesão e Arthur ficou de fora, pois havia esquecido seu calção de treino<sup>121</sup> em casa: “é a primeira vez que fico de fora de um

---

<sup>121</sup> Arthur conversou com o treinador e disse que havia esquecido seu calção de treino estendido na área de serviço e pediu outro emprestado, Valter respondeu: “nem pensar, pode voltar pra casa”, Arthur pediu para seus colegas, mas nenhum deles tinha calção para lhe emprestar, o jovem ficou de fora do

treino”, revelou Arthur (DIÁRIO DE CAMPO, 25/06/2013). O atleta acompanhou o jogo no banco de reservas e cobrava maior desempenho de seus companheiros. Os atletas pareciam mais motivados para este jogo do que no primeiro amistoso que acompanhamos. Valter chamava a atenção de João Pedro, que assumira a condição de capitão do time na ausência de Dudu: “ta bem no jogo, mas muito erro de passe” (DIÁRIO DE CAMPO, 25/06/2013). João Pedro falava pouco e Mateus assumia a função de chamar as manobras ensaiadas utilizadas pela equipe. Valter adotou uma postura bastante parecida da dos treinamentos, exigindo de seus atletas mais velocidade e precisão nas ações técnicas e táticas. A partida teve dois tempos de 25 minutos cada e a equipe de Valter venceu pelo placar de 5x2, com quatro gols de Mateus.

O terceiro amistoso da equipe, realizado no dia seguinte (26/06/2013, uma quarta-feira), era apenas para os atletas nascidos em 1999 (primeiro ano da categoria) e outros dois nascidos em 1998, mas que participavam pouco dos jogos oficiais. O treinador queria dar uma oportunidade para estes atletas terem mais atuações. A equipe adversária era composta por atletas de 15 e 16 anos, e havia uma diferença física significativa em jogo, pois os adversários da equipe de Valter eram visivelmente mais fortes e mais rápidos do que a maioria de seus atletas. Os atletas pareciam estar ansiosos e não faziam uma boa partida, de modo que Valter cobrava mais atenção por parte deles. O adversário venceu o jogo pelo placar de 5x3 e Valter se mostrou irritado com os erros da equipe. Este dia marcou também o retorno de Dudu aos treinamentos, mas, assim como os demais atletas que acompanhamos mais de perto, ele não participou do jogo. Fez apenas exercícios individuais do lado de fora da quadra e corridas leves após o amistoso, conforme relatamos acima.

O último jogo amistoso de preparação para a rodada do estadual aconteceu logo no dia seguinte (27/06/2013). Valter convocou seus principais atletas da categoria, além de outros quatro jogadores do sub 17 e que estavam no seu primeiro ano na categoria (nascidos em 1997) e não haviam sido relacionados pelo treinador Dinho para uma viagem da equipe naquele dia.

---

amistoso. No treinamento do dia 28/06/2013 um dos atletas mais novos da equipe estava com um calção diferente dos demais, não era uniforme do clube e Valter perguntou: “tá de pijama?”, o atleta disse que havia trocado sem querer na mochila, o treinador permitiu que o jovem participasse do treino normalmente.

Apesar do retorno de Dudu, ele não iniciou o jogo entre os titulares da equipe, Jean seguia sendo o escolhido para seu lugar. A partida era contra a equipe sub 16 de um município vizinho. O jogo foi atípico, pois os treinadores optaram em fazer 3 tempos de 20 minutos. A cada 10 minutos de jogo Valter fazia alterações em sua equipe, colocando em quadra outros quatro jogadores de linha, e os três goleiros presentes neste dia se revezaram, jogando um tempo cada um.

Nos momentos em que os atletas sub 16 estavam em quadra, os mais novos observavam e incentivavam a equipe. No banco de reservas e sem participar do primeiro tempo da partida, Dudu comentou comigo: “eu quero jogar!”. (DIÁRIO DE CAMPO, 27/06/2013).

A partida estava disputada e Valter parecia estar gostando do desempenho de sua equipe. No final do segundo tempo, um dos adversários cometeu uma falta na entrada da área de defesa. Valter chamou Dudu e disse: “vais entrar só pra fazer a jogada”, Dudu participava de uma atividade com o grupo pela primeira vez após seu retorno aos treinamentos (realizado no dia anterior, 26/06/2013). Mateus se posicionou para cobrar a falta e Valter gritou: “faz a linha” – nome da jogada ensaiada pela equipe. Assim que o árbitro apitou, autorizando a cobrança da falta, Dudu se movimentou por trás da linha defensiva da equipe adversária, Mateus fez um passe preciso para Dudu que marcou o gol. Todos os atletas da equipe vibraram com o gol de Dudu, que logo foi substituído por João Pedro. Foram exatos 25 segundos em quadra, mas o jovem estava ofegante, exultante e com um sorriso estampado no rosto. O placar estava 2x0, Mateus havia marcado o primeiro gol da equipe de Valter.

No terceiro tempo de jogo, quando o placar estava 3x0, Valter colocou Dudu para jogar um pouco mais. O atleta permaneceu cinco minutos em quadra, tempo suficiente para demonstrar belos passes e toda a elegância no seu estilo de jogo, mas seus movimentos pareciam estar sendo realizados em câmera lenta, sua perna esquerda, onde sofrera a lesão, parecia estar pesada. Constantemente Valter chamava sua atenção: “não disputa a bola, cuida com as divididas”. Quando foi novamente substituído, Dudu comentou, visivelmente cansado e alegre: “aos pouquinhos vou melhorar, na próxima jogo mais um pouquinho e assim vai”. (DIÁRIO DE CAMPO, 27/06/2013).

Na parte final do jogo o ritmo das equipes decaiu, e o placar terminou em 4x2 para a equipe de Valter. O retorno de Dudu era significativo para o treinador, que comentou comigo após o jogo: “olha como o Arthur joga melhor com Dudu em quadra, divide a responsabilidade”. (DIÁRIO DE CAMPO, 27/06/2013).

Os amistosos serviram para que o treinador proporcionasse a seus atletas oportunidades e experiências de jogo. O objetivo principal era colocar em prática aquilo que eles estavam treinando numa situação mais próxima possível do jogo oficial. Num amistoso é possível para o treinador observar, corrigir e problematizar as ações de jogo sem que haja cobrança efetiva sobre o resultado da partida, favorecendo que o foco possa estar voltado para o desempenho dos atletas. A equipe observada estava habituada a uma rotina de treinamento intenso e participação em competições de alto nível. Já seus adversários eram escolinhas que não organizavam treinamentos, apenas participavam de torneios amadores. Por esses e outros fatores, imaginava-se que havia certa distância entre os níveis de preparação das equipes. Portanto, para garantir o equilíbrio necessário ao jogo, ou seja, para que as escolinhas oferecessem maior resistência ao clube observado, suas equipes foram compostas, em parte, por atletas de 16 anos de idade e dotados de maior força física. A vantagem física dos adversários era confrontada pelos elementos do treino: comportamento tático (movimentação, marcação, jogadas ensaiadas, entre outros) e desempenho técnico (passe, drible, finalização etc.).

Na preparação da equipe para os jogos válidos pelo campeonato estadual havia também um período destinado à preparação física dos atletas, que por vezes ocorria em forma de castigos/punições pelo desempenho apresentado nas atividades e por vezes aparecia como um complemento final do treinamento. No início da terceira semana de observações, Valter disse aos atletas: “hoje começa os trabalhos de defesa com punições: errou paga apoio, errou paga abdominal. Vai ser a semana pra ficar forte, pois na outra tem estadual”. (DIÁRIO DE CAMPO, 25/06/2013). No dia 18/06/2013, após o coletivo, Valter pediu para que seus atletas fossem para o canto da quadra e fizessem abdominais: “faz duas séries de 100 aí e estão liberados”. Noutro dia Valter chamou os atletas após encerrar o coletivo: “vamos encerrando? Cada um faz 10 piques na quadra de vôlei, depois abdominal e apoio”. Os atletas reclamaram do cansaço e Valter diminuiu a tarefa: “se fizer sete piques bem feitos está bom”. Os próprios atletas contavam as séries e repetições dos exercícios, enquanto Valter recolhia o material utilizado no treinamento. Após uma das séries de abdominal, Mateus brincou: “vou ficar bonito pra botar foto no *Facebook*”, e Arthur falou que o treino estava fazendo efeito: “olha só minha barriga de tanquinho”. Apesar dos atletas visivelmente não gostarem de fazer aqueles exercícios, parecia ser um momento de diversão do grupo.

Em nosso diário de campo, registramos outros dois momentos semelhantes, em que o treinamento físico foi usado como uma espécie de castigo para os atletas. No dia 10/07/2013 o treinador encerrou o treino com bola cerca de 20 minutos antes do horário previsto: “deu por hoje, semana de estadual e vocês com essa vontade!/? Pode deixar o colete na mesa e ir correr lá em cima [parte superior da arquibancada do ginásio]”, disse Valter. O trote durou cerca de 10 minutos e o treinamento se encerrou logo depois. No dia 11/07/2013, em meio a uma atividade executada pelos atletas, Valter estava incomodado com alguns erros cometidos pela equipe, então determinou uma nova regra para a atividade: “se um errar todos vão pagar 20 apoios”. Neste dia Arthur se irritou com um colega de equipe: “por causa dele vou ter que pagar de novo? Ta de sacanagem?!”. Valter penalizou a equipe por um erro individual e disse: “vocês tem que cobrar uns dos outros”. (DIÁRIO DE CAMPO, 11/07/2013). Valter utilizava dessas ferramentas pedagógicas para que seus atletas se mantivessem focados no treinamento. Punições e cobranças atuavam também no sentido do fortalecimento da figura de comandante exercida pelo treinador perante o grupo, e do elemento da disciplina como eixo fundamental no contexto de formação/preparação do jovem para o mercado profissional.

Neste mesmo quadro se vincula uma situação presenciada por nós durante as observações: o dia em que o jovem Mateus foi excluído do treinamento por não se empenhar suficientemente na opinião do treinador. Pouco antes de encerrar uma das atividades propostas por Valter, ainda na parte intermediária da sessão, Mateus perdeu a bola no ataque e não voltou para ajudar sua equipe na marcação, seu time sofreu gol e o treinador chamou sua atenção: “ficar parado assistindo o adversário fazer o gol é fácil”, Mateus respondeu que estava cansado e o treinador disse: “pra atacar não tá cansado, mas pra marcar [defender] tá? Pode sair então, seu preguiçoso”. Enquanto Mateus caminhava para o vestiário, comentou com seus companheiros: “o cara corre o treino todo e ele não fala nada”. (DIÁRIO DE CAMPO, 11/07/2013). Depois de transcorrida cerca de uma hora de treinamento, Valter fez uma pausa para que os atletas fossem beber água, e foi ao vestiário para conversar com Mateus, mas o jovem não estava mais lá. O treinador chamou todos os atletas para dentro do vestiário e pediu para Dudu encontrar Mateus, pois ele queria fazer uma reunião com o grupo. Mateus retornou ao vestiário minutos depois acompanhado de Dudu e o treinador iniciou sua fala em tom de voz mais alto e mais forte do que de costume. Ele chamou a atenção do jovem que havia reclamado de cansaço e disse: “todos estão cansados e não vi ninguém reclamando ou deixando de

fazer as coisas por causa disso! Como pode um guri de 15 anos não aguentar correr?”. Valter ainda disse: “tive que trazer vocês aqui pro vestiário pra vocês sentirem a importância do que eu to dizendo, aqui ninguém joga porque paga mensalidade ou porque é amigo de alguém, aqui não é escolinha! Vocês jogam por mérito e se tiver que deixar alguém de fora do estadual eu vou deixar”. Aos poucos, o treinador diminuía o tom de voz e passava a dar orientações sobre o treinamento: “a bronca já foi dada, agora vamos falar do treino” (DIÁRIO DE CAMPO, 11/07/2013). A reunião durou cerca de 10 minutos, Mateus já estava de banho tomado, mas voltou para a quadra para assistir a parte final do treino.

Em geral, o encerramento da sessão de treino acontecia com uma conversa rápida do treinador com o grupo de atletas. Eles se reuniam na parte externa da quadra de jogo e sentados ouviam comentários de Valter sobre o treinamento. O treinador apontava alguns erros da equipe e pedia que seus atletas tivessem mais atenção na defesa e nas movimentações. Num destes momentos finais (DIÁRIO DE CAMPO, 10/07/2013), relatamos um diálogo de Valter com Mateus, no qual o treinador disse que estava sentindo o grupo desmotivado e que eles estavam errando coisas básicas. Mateus então respondeu: “ah, a gente só treina, só treina, deve ser a vontade de jogar”. Valter prosseguiu a conversa dizendo que: “o estadual está chegando, não era isso que vocês queriam?” e complementou sua fala alertando os atletas: “não adianta chorar depois. Aqui o clube não cobra resultado porque vocês não recebem nada. Mas se forem mal, não vão subir de categoria, é isso que vocês querem?”. Nos outros dias em que Valter reunia o grupo, enfatizava os problemas que sua equipe tinha na marcação: “vai jogar quem marcar [defender] mais”, e pedia por mais foco e atenção dos atletas ao treinamento e que não aceitaria brigas e discussões entre eles: “brigar pela vaga é saudável, mas tem que cuidar os excessos”. A parte final do treino era um momento raro de diálogo entre atletas e treinador. Encontramos em Bassani, Torri e Vaz (2003) e Torri, Albino e Vaz (2007) também elementos de tensão entre o discurso vinculado às cobranças, desempenho e aprendizagem dos alunos-atletas em relação aos treinamentos e jogos das equipes investigadas naqueles estudos. No contexto do clube que acompanhamos, embora o treinador afirme que suas cobranças eram no sentido de complementar a formação competitiva de seus atletas, tanto nos treinamentos quanto nos jogos, pois o clube não exigiria dele resultados em competições, a presença de alguns dispositivos torna este cenário contraditório. Por exemplo, a preocupação de Valter em recuperar o atleta Dudu a tempo de disputar a

etapa do campeonato estadual que se aproximava, já que os jogos seriam realizados na cidade do clube e o bom desempenho garantiria que a equipe passasse de fase e fosse merecedora de sediar uma rodada da fase seguinte da competição – o que reduziria os gastos da equipe e também aumentaria as chances de sucesso, por jogar em seus domínios, na fase seguinte da competição. Os jogos oficiais ganhavam destaque<sup>122</sup> também pela presença do treinador (Dinho) das categorias sub 17 e sub 20, que assumia um discurso em tom de avaliação sobre o desempenho dos atletas e do trabalho do treinador Valter. Outro exemplo pode ser retirado da fala do treinador Valter, já relatada neste capítulo, sobre as críticas que recebeu ao perder o jogo contra o maior rival do clube. Destacamos que embora o discurso de formação esteja presente, o resultado esportivo aparece como fator determinante no processo de detecção e seleção de talentos, desde as categorias de base.

Após as conversas finais sobre o treinamento, os atletas pegavam o vale-transporte com o treinador, se encaminhavam para o vestiário para tomar banho e trocar de roupas. Por vezes os atletas que moravam no alojamento ganhavam carona do treinador até em casa, mas ele preferia que eles fossem de ônibus: “eles tem que se virar um pouquinho, se não ficam mal acostumados”, disse Valter (DIÁRIO DE CAMPO, 18/06/2013). No último dia de treinamentos que acompanhamos, (DIÁRIO DE CAMPO, 11/07/2013), Valter encerrou as atividades e falou aos atletas: “você já sabem o horário dos jogos, né? Olha lá no site da Federação, estejam aqui [no ginásio] antes de começar o primeiro jogo da rodada e venham uniformizados!”.

A rodada válida pelo retorno da segunda fase do campeonato estadual sub 15 teria início às 10h00min. daquele final de semana, dia 13/07/2014, no ginásio da Universidade. O primeiro jogo seria entre as outras duas equipes que compunham a chave.<sup>123</sup> O time do treinador Valter jogaria na sequência, às 11h00min. da manhã.

Os jogos aconteceram nos dias 13/07/2013 e 14/07/2013 (sábado e domingo) no ginásio da Universidade, principal local de treinamentos da equipe que acompanhamos. O grupo era formado por quatro equipes e somente uma delas não passaria para a próxima fase. Os resultados do turno realizado meses antes na cidade da equipe

---

<sup>122</sup> Este tema será mais bem detalhado ainda neste capítulo.

<sup>123</sup> Sobre a organização do campeonato estadual de futsal retornar a leitura do capítulo 1 e parte inicial deste capítulo. Informações oficiais estão disponíveis no site: [www.futsalsc.com.br](http://www.futsalsc.com.br)

“A”<sup>124</sup> proporcionaram a seguinte classificação: 1º lugar equipe “A”, com 3 vitórias (9 pontos); 2º lugar equipe observada, com 2 vitórias e 1 derrota (6 pontos); 3º lugar equipe “B”, com 1 vitória e 2 derrotas (3 pontos); 4º lugar equipe “C”, com 3 derrotas (0 pontos). Bastava uma vitória da equipe observada para garantir classificação para a próxima fase, mas por jogar em casa o objetivo era vencer todos os jogos. Outro motivo para buscar esse desempenho era que as duas primeiras colocadas da chave teriam o direito de sediar turno ou retorno da fase seguinte, segundo o regulamento da competição.

No sábado pela manhã, pouco antes das 10h00min., os atletas chegavam ao ginásio, em sua maioria acompanhados de seus familiares,<sup>125</sup> enquanto as equipes “A” e “B” se enfrentavam. O grupo de atletas se reuniu nas arquibancadas e assistiu a parte do jogo que estava acontecendo, enquanto aguardavam a chamada do treinador para irem ao vestiário. Mesmo com a equipe “B” vencendo o jogo pelo placar de 3x0 no primeiro tempo, os olhares e comentários dos atletas eram voltados para a equipe “A”,<sup>126</sup> que é rival do clube observado e havia vencido a partida no turno pelo placar de 2x1. Os comentários eram relacionados aos atletas da equipe “A”: “aquele número 8 é muito bom”; “o goleiro é muito grande. Mas havia uma atenção especial também ao outro adversário: “aqueles dois ali são novos”, diziam os atletas (DIÁRIO DE CAMPO, 13/07/2013). Valter havia comentado que a equipe “B” tinha se reforçado com dois atletas de fora de Santa Catarina, e que estes não haviam participado dos jogos anteriores da equipe.

No intervalo do jogo, por volta das 10h30min., Valter chamou os atletas para o vestiário.<sup>127</sup> Os uniformes de jogo estavam separados e organizados pelo mordomo da equipe, Sr. Bauer, anteriormente referido,

---

<sup>124</sup> As equipes não foram nominadas, pois isso levaria à identificação da equipe e dos sujeitos investigados, uma vez que esta informação é de domínio público e está disponível no site da Federação Catarinense de Futebol de Salão.

<sup>125</sup> Muitos dos familiares presentes nos jogos não frequentaram nenhum dos treinamentos observados.

<sup>126</sup> A equipe “A” também é parte desta pesquisa, possui uma estrutura similar à equipe observada e a categoria dos profissionais também disputou a *Liga Nacional de Futsal* em 2013. Além disso, pertencem a cidades localizadas na mesma região, fato que aumenta a rivalidade esportiva entre elas, especialmente no futsal, pelo fato de ambas serem consideradas pelo campo como cidades formadoras de atletas.

<sup>127</sup> Mesmo em dia de jogo oficial o treinador autorizou a entrada e acompanhamento das observações de dentro do vestiário da equipe.

e que também era responsável pelos cuidados com a limpeza da quadra de jogo, por cuidar da hidratação dos atletas e pelos atendimentos de primeiros socorros, caso fossem necessários.

A partida era contra a equipe “C”, última colocada da chave e eles haviam vencido por 7x1 no turno da rodada. Mesmo assim Valter pedia atenção especial de seus atletas para não cometerem erros de marcação, chamou atenção para o fato de que o adversário era “o mais fraco do grupo”, mas para que o resultado acontecesse todos deveriam “entrar ligado no jogo e fazer as coisas certas” (DIÁRIO DE CAMPO, 13/07/2013). Os atletas pareciam estar concentrados e prestavam atenção na fala do treinador, que finalizou: “vamos pensar em um jogo de cada vez, não gosto de atleta que aquece mal, tem que estar focado. Jackson, Arthur, Dudu, Mateus e João Pedro, vocês vão iniciar o jogo e já sabem o que eu gosto e o que eu não gosto, se bobear, eu tiro do jogo”. Valter permaneceu sentado e apenas conversou com os atletas durante a preleção<sup>128</sup> e não utilizou recursos audiovisuais, como slides, trechos de vídeos ou filmes, músicas etc., como costuma ser frequente nestes momentos, especialmente no caso da categoria profissional.

Faltando cerca de 10 minutos<sup>129</sup> para o término da partida entre as equipes “A” e “B”, os atletas observados iniciaram sua rotina de alongamentos e aquecimentos, similar aos momentos de início dos treinamentos. Apenas os goleiros eram auxiliados por Ricardo, goleiro da categoria sub 17.

O jogo anterior terminou com o placar de 4x0 para a equipe “B”, um resultado inesperado pelo técnico Valter. Logo que as duas equipes saíram da quadra, os atletas entraram para aquecer com bola, realizaram trocas de passes e uma sequência de chutes a gol, os mesmos exercícios que haviam sido realizados nas sessões treinamentos.

O regulamento da competição permite que os atletas tenham 10 minutos de aquecimento na quadra. Assim que esse tempo regulamentar se esgotou, os atletas voltaram para o vestiário, desta vez sem a presença do treinador. Acompanhamos do lado de fora do vestiário e percebemos os atletas se motivando para o início da partida. Abraçados e em roda,

---

<sup>128</sup> É uma ferramenta didática importante utilizada antes de um jogo em forma de “discurso” ou “conferência”. A preleção completa um ciclo de trabalho planejado para a partida.

<sup>129</sup> O tempo oficial de jogo na categoria sub 15 são dois tempos de 15 minutos cronometrados cada, ou seja, toda vez que o jogo é interrompido por infrações, laterais, tiro de meta, entre outros, o cronômetro é parado. Por conta disso, a duração total de cada tempo fica em torno de 25 a 30 minutos.

Dudu e Arthur puxavam o grupo com palavras de incentivo: “vamos gente, é jogo pra ganhar!”; “vamos entrar com tudo!”. Os atletas ainda em roda rezaram o Pai Nosso e logo em seguida iniciaram uma canção guiada pelo capitão Dudu: “Eu tenho uma mania que já era tradição (todos repetiam)/ De nunca me entregar e nem cair no chão (todos repetiam)/ Eu sou um guerrilheiro e sozinho eu mato mil (todos repetiam)/ Eu sou do time mais temido do Brasil (todos repetiam)”. (DIÁRIO DE CAMPO, 13/07/2013). Segundos antes da entrada em quadra, os atletas saíram do vestiário cantando em voz alta todos juntos: “o lê lê, o lá lá, nosso time vem aí e o bicho vai pegar!”. A entrada em quadra era aplaudida pelos torcedores, na sua maioria, familiares e amigos dos atletas. Estava tudo pronto para o início do jogo. Em entrevista, Mateus afirmou: “quem puxa o nosso time é o Dudu, o capitão né, ele coloca nós pra cima”. (ENTREVISTA MATEUS, 04/12/2013).

Com apenas 30 segundos de jogo o camisa 10 e capitão da equipe Dudu marcou o primeiro gol da equipe.

A maior preocupação do treinador era com as faltas cometidas por sua equipe, pois não queria que os atletas levassem cartão, correndo o risco de ficar de fora em outras partidas por suspensão. Com 2 minutos de jogo Valter tirou Dudu de quadra por ter cometido uma falta, o atleta não entrou mais no jogo.

A partida estava em ritmo lento e antes dos 5 minutos de jogo Arthur marcou duas vezes para sua equipe. Com 7 minutos transcorridos, Mateus se chocou com o adversário num lance de disputa de bola e pediu para sair. Assim como Dudu, o atleta não voltou mais ao jogo.

O primeiro tempo terminou com o placar de 7x1, com um gol de Dudu, três de Arthur e um de João Pedro, os outros dois foram marcados por Guilherme e Axel. Valter aproveitou que a equipe adversária não oferecia resistência para colocar todos os atletas em jogo. Durante o intervalo, Valter pediu para que os atletas tivessem calma nas ações de jogo e cuidado com os erros, para não sofrerem mais gols. No banco de reservas, Dudu e João Pedro orientavam seus companheiros. Arthur permaneceu boa parte do tempo em quadra, mas foi substituído no segundo tempo por ter cometido uma falta “desnecessária”, segundo o treinador.

A partida terminou com o placar de 10x2 e os atletas comemoraram a classificação para a próxima fase da competição.

Independente do que havia se passado no decorrer do jogo, e isto aconteceu nas três partidas oficiais da equipe, depois de encerrado o

jogo os árbitros faziam cumprir um protocolo da Federação Catarinense de Futsal, no qual todos os atletas deveriam exibir uma postura de aceitação do resultado e de saudação mútua. Desse modo, atletas e treinadores se perfilavam para se cumprimentarem. Ao saírem da quadra, os atletas da equipe receberam também os cumprimentos do supervisor da base, que assistiu ao jogo na arquibancada. Não houve conversa específica entre treinador e atletas sobre o jogo. Enquanto alguns tomavam banho e trocavam de roupas, Valter lembrou: “estejam aqui antes das 16h00min.”. (DIÁRIO DE CAMPO, 13/07/2013). Por volta do meio dia, todos os atletas já haviam ido embora do ginásio onde estava acontecendo a competição. O clube não fornece alimentação aos atletas quando jogos são realizados na cidade.

Naquele mesmo sábado, às 17h00min., estava marcado o segundo jogo da equipe. Como ocorrera na parte da manhã, os atletas, em sua maioria, chegavam ao ginásio acompanhados de seus familiares. Dos quatro atletas que investigamos mais de perto, somente João Pedro estava com seu pai e Mateus com seu pai e sua mãe. Pouco antes do encerramento da partida entre as equipes “A” e “D”, que faziam o primeiro jogo daquela tarde, Valter chamou os atletas para irem ao vestiário.

O treinador aguardava o grupo de atletas entrar no vestiário para colocar os uniformes de jogo, e pediu para eles melhorarem o aquecimento: “você precisam fazer o aquecimento mais organizados, teve gente que ficou de papo hoje de manhã”. (DIÁRIO DE CAMPO, 13/07/2013).

Logo Valter iniciou uma conversa com os atletas: “quem assistiu o jogo do adversário hoje de manhã? Prestaram atenção? Quem são os jogadores mais perigosos?” Mateus e Dudu se arriscavam nas respostas: “o camisa 10 e o camisa 7 são muito rápidos”, disse Mateus. Dudu por sua vez alertou para o contra-ataque da equipe: “eles defendem bem e o contra-ataque é muito rápido”. Valter concordou com a opinião dos dois. Em sua preleção Valter pediu aos atletas para que se lembrassem dos treinos: “o que fizeram nos treinos é pra fazer no jogo gurizada”, e chamou a atenção de Dudu e João Pedro: “nesse jogo vocês [Dudu e João Pedro] tem que jogar! Não se preocupem com cartão, de manhã saíram porque quiseram”. Teve ainda uma última orientação para Mateus: “você tem que marcar mais, cansou, troca! Lá no treino não podia sair, mas aqui pode, não compromete tua equipe”. O treinador saiu do vestiário enquanto os atletas vestiam o uniforme de jogo. Dudu colocou uma música *funk* em seu celular, todos dançavam descontraídos. (DIÁRIO DE CAMPO, 13/07/2013).

Faltando 10 minutos para acabar a partida entre as equipes “A” e “D”, os atletas iniciaram sua rotina de alongamentos e aquecimentos guiados pelo atleta Arthur. E diferentemente dos adversários da manhã, a equipe “B” também realizava atividades de alongamentos e aquecimentos de forma organizada.

O jogo entre as equipes “A” e “D” terminou com o placar de 3x1 para a equipe “A” e Valter comentou: “agora eles [equipe ‘A’] chegaram a 12 pontos, sou obrigado a ganhar a partida”. A preocupação de Valter era ganhar para também fazer 12 pontos e poder trazer uma rodada para casa no turno ou retorno da próxima fase da competição e buscar a primeira colocação na chave.

O ritual de aquecimento em quadra foi o mesmo que havia sido realizado na parte da manhã: trocas de passes em duplas com variações entre exercícios técnicos e chutes a gol. Valter pedia aos atletas: “acelerem o aquecimento”. Após 10 minutos de aquecimento com bola, os atletas voltaram ao vestiário, novamente sem a presença do treinador. Arthur e Dudu incentivavam seus companheiros e, em roda, abraçados, todos rezaram o Pai Nosso. Em seguida Dudu puxou o grito de guerra da equipe, anteriormente descrito. A empolgação tomava conta dos atletas, que entraram em quadra aplaudidos pela torcida, que, como na parte da manhã, era composta por familiares dos atletas e também pelos atletas das categorias sub 13 e sub 17. A equipe adversária tinha uma torcida de cerca de 30 pessoas que utilizava buzinas, tambores e músicas para incentivar a equipe.

O goleiro Jackson e os atletas Dudu, Arthur, João Pedro e Mateus iniciaram a partida, num jogo em que as duas equipes demonstravam vontade de vencer desde o início.

Valter estava preocupado com o posicionamento defensivo de sua equipe e logo aos 2 minutos de jogo Arthur disputou um lance com o adversário e acabou chutando a bola no rosto de um de seus companheiros de equipe que estava no banco de reservas. Arthur se distraiu para ver como estava seu colega, o jogador adversário cobrou rapidamente o lateral e na sequência da jogada saiu o gol, justamente no local em que Arthur deveria estar. A equipe “B” vence por 1x0. Valter ficou irritado com lance e Arthur parecia não acreditar em seu vacilo.

O jogo seguia num ritmo acelerado. Os atletas buscavam seguir as orientações do treinador visando passar pela defesa adversária, que, por estar vencendo o jogo, optou em recuar sua defesa e esperar um erro do adversário para sair no contra-ataque.

Dudu era constantemente substituído do jogo (não há um número limitado de substituições e as vezes em que um atleta pode

entrar e sair da quadra no futsal são indefinidas), e aparentava cansaço. Pouco antes de terminar o primeiro tempo, Valter solicitou tempo técnico e pediu mais cuidado ao arriscar o ataque, pois o adversário esperava por um erro para fazer o segundo gol. Mas o primeiro tempo terminou mesmo em 1x0 para a equipe adversária.

No intervalo os atletas se hidratavam e ouviam as instruções do treinador: “vamos acelerar o passe e achar o espaço para finalizar, mas cuida pra não levar o segundo gol”. Mateus falou com os atletas em tom de cobrança: “vamos ter mais pegada gente, dá pra virar!”. (DIÁRIO DE CAMPO, 13/07/2013).

No segundo tempo a equipe conseguiu criar algumas chances de gol, mas não marcou, e acabou perdendo o jogo por 1x0. Um fato que aconteceu por volta dos 7 minutos do segundo tempo merece destaque. Valter chamou a atenção de Mateus sobre seu posicionamento e o atleta discordou da orientação do treinador. Então Valter chamou um dos atletas que estava no banco de reservas e disse: “vai no lugar do Mateus e faz o que eu to mandando”. Ao sair de quadra, Mateus, visivelmente irritado, deu um pontapé num lixeiro que ficava ao lado do banco de reservas, o barulho foi alto e o árbitro parou o jogo para mostrar cartão amarelo para Mateus. Valter olhou para ele e disse: “tomar cartão desse jeito? Que burrice. Esquece que não vai mais voltar pro jogo”.

Após o término da partida os atletas de ambas as equipes se cumprimentaram, e Mateus comentou com um companheiro: “ele [o treinador] acha que a gente é profissional, não pode errar?”. Valter chamou os atletas para irem ao vestiário e conversou calmamente sobre os erros cometidos na partida, enfatizou o fato de Mateus ter saído do jogo reclamando: “tem que aprender a ouvir, aqui as coisas não acontecem como você quer. E não adianta ficar com essa cara de emburrado que eu não tenho pena não”. Em outro momento Valter comentou: “ele [Mateus] acha que eu não vou chamar a atenção dele só porque os pais estão ai, ele tá muito enganado”. Valter finalizou sua conversa dizendo: “não dei bronca em ninguém, não é pra ficar bravo. Hoje perdemos nos detalhes, falha de marcação e muitos gols perdidos, amanhã é ganhar ou ganhar”. (DIÁRIO DE CAMPO, 13/07/2013).

Dinho, treinador da categoria sub 17, assistiu ao jogo e comentou com Valter: “o importante é aprender com os erros, o jogo é assim, amanhã vai ser diferente”. As palavras do treinador mais experiente serviam de consolo, e Valter comentou: “ele [Dinho] disse isso porque não foi o time dele, eu não tenho essa paciência toda”.

Os atletas foram para casa descansar, pois no outro dia o jogo seria pela manhã, estava marcado para iniciar às 9h00min. Exceto

Arthur e Dudu, que permaneceram no ginásio assistindo uma partida válida pelo campeonato estadual sub 20 e que foram embora mais tarde de carona com Valter, Mateus e João Pedro foram embora com os pais.

Mesmo com o desempenho ruim da equipe nesse último jogo, a relação que o treinador tinha com seus comandados nos momentos “extraquadra” permaneceu a mesma. Valter, Arthur e Dudu assistiram praticamente toda a partida e conversavam em tom amistoso. Arthur pediu para Valter não contar para sua mãe que ele havia errado e ocasionado o gol da equipe adversária: “perdemos por culpa minha né”, disse Arthur. Valter e Dudu concordaram, mas os dois também disseram que João Pedro havia perdido muitos gols.

No domingo pela manhã, último dia de observações (dia 14/07/2013), o jogo era contra a equipe “A”, que havia ganhado as três partidas em casa e liderava o grupo até o momento com 12 pontos conquistados.

Valter conversou com os atletas rapidamente no vestiário: “a gente já conhece o time deles, é só tomar cuidado na marcação e caprichar, hoje vai dar tudo certo pra nós”. Enquanto isso, na quadra, a equipe “B” vencia pelo placar de 11x0 a equipe “C”.

Esta partida era cercada de expectativas, as torcidas eram maiores que no dia anterior. Na arquibancada havia inclusive alguns alunos da escola que acompanhamos, onde estudam os quatros atletas entrevistados.

A rotina de alongamentos e aquecimentos foi similar entre as equipes e seguia a mesma estrutura dos jogos anteriores. Dudu repetiu a cantoria que empolgava os atletas para o início da partida. A novidade foi à entrada de Axel no lugar Mateus para o início do jogo. No dia anterior Valter comentou: “o Mateus vai ter uma surpresa amanhã”, e ele o estava punindo pelo ato de indisciplina no jogo anterior.

Logo no início do jogo, com apenas 10 segundos, João Pedro errou uma tentativa de passe e o adversário abriu o placar. Foi um “balde de água fria” para os meninos, era visível em seus semblantes. Valter não fez nenhum comentário sobre o lance, apenas observou. Pouco tempo depois João Pedro se redimiou do erro e empatou o jogo para os donos da casa.

A partida era disputada em alta velocidade, os atletas reclamavam de alguns lances da arbitragem e Valter pedia mais atenção, principalmente para Arthur.

Dudu era constantemente substituído pelo treinador, que conversava com ele e logo o recolocava no jogo. Mateus seguia no

banco de reservas, parecia ansioso para que o treinador o colocasse na partida.

O jogo estava equilibrado, com poucas chances de gol para os dois lados e pouco antes dos 10 minutos Valter colocou Mateus no jogo, era o fim de seu castigo. Mas Mateus e a equipe não conseguiram mudar o panorama da partida e o primeiro tempo terminou empatado em 1x1.

No intervalo Valter pedia para os atletas se “movimentarem mais” e “acertarem os passes”. O treinador estava mais agitado do que nos outros jogos e os atletas aparentavam certo desgaste físico. Afinal, esse era o terceiro jogo que a equipe disputava em menos de 24 horas. A sequência de jogos realizados em alta intensidade, aliado ao pouco tempo disponível para recuperação entre as partidas, proporcionava um desgaste físico visivelmente estampado na postura e fisionomia dos atletas de ambas às equipes.

O segundo tempo iniciou com Jackson, Arthur, Dudu, João Pedro e Mateus, considerados titulares pelo treinador.

Os torcedores incentivavam suas equipes e reclamavam das marcações da arbitragem. Os atletas respondiam em quadra com algumas disputas de bola mais fortes.

Dudu buscava assumir o controle das ações do jogo, e num lance rápido em que recebeu passe de Mateus, aplicou um *chapéu*<sup>130</sup> no adversário e quando se posicionou para fazer o gol o adversário que foi driblado fez uma falta por trás, sendo expulso por um dos árbitros da partida.<sup>131</sup>

A equipe adversária estava com um jogador a menos em quadra e Dudu marcou o gol da virada: 2x1 para a equipe da casa. Valter pedia para os atletas acalmarem o jogo, pois agora eles estavam na frente do placar.

Dudu quis mesmo resolver a partida, e ao receber um passe de João Pedro marcou *de letra*<sup>132</sup> o terceiro gol de sua equipe. Na comemoração do gol, Dudu encenou que batia fotos do placar eletrônico que mostrava: “Local 3 x 1 Visitante”. E este foi o resultado final da

<sup>130</sup> Também conhecido como *lençol*. É quando o jogador joga a bola por cima da cabeça do marcador adversário e corre pelo lado em busca da bola.

<sup>131</sup> A punição com cartão vermelho (expulsão) no futsal exclui definitivamente o atleta da partida e sua equipe permanece em inferioridade numérica no decurso dos dois minutos após a expulsão ou até que a equipe sofra a marcação de um gol, podendo repor um jogador imediatamente.

<sup>132</sup> O gol de *letra* é um gol com os pés "trocados" o pé direito no lugar do pé esquerdo e vice-versa. Aonde se movimenta o pé trocado em direção à bola.

contenda. Valter comemorou a vitória e a recuperação do atleta: “valeu a pena o esforço, né Dudu?”, o atleta sorriu e abraçou o treinador. A equipe havia conseguido alcançar seu objetivo.

A rivalidade entre clubes, torcedores e atletas ficou de lado após o árbitro encerrar a partida, todos se cumprimentaram cordialmente.

Enquanto os atletas se encaminhavam ao vestiário, o treinador Dinho chamou Valter para conversar. Ele parabenizou Valter pela vitória e também mostrou ao treinador como seria sua organização de treinos da semana seguinte, pois precisava treinar em separado do grupo da categoria sub 17 somente os atletas que disputariam as Olimpíadas Estudantis de Santa Catarina (OLESC), competição até 16 anos de idade.<sup>133</sup> Dinho falou que levaria somente três atletas da categoria sub 15: Arthur, Dudu e João Pedro. Valter não opinou sobre a escolha do treinador, agradeceu suas palavras e seguiu para o vestiário. Mateus não foi selecionado para integrar a equipe do município nesta competição. Seu relacionamento com o treinador Valter nem sempre foi amistoso, e em entrevista, realizada dias mais tarde, o jovem comentou sobre esse episódio:

no começo do ano eu não me dava bem com ele [Valter], tive um desentendimento num jogo [Mateus falava do lance que acompanhamos, relatado acima, em jogo válido pelo campeonato estadual]. Eu achei que estava certo, mas ele é o treinador e acha que tá sempre certo. Daí deu esse rolo, acho que não fui pra OLESC por causa disso. Mas agora a gente já se acertou. (ENTREVISTA MATEUS, 04/12/2013).

Valter revelou em conversa após o último jogo da etapa do estadual (DIÁRIO DE CAMPO, 14/07/2013) que Mateus havia ficado de fora dessa lista por motivos de indisciplina.

Para Paoli (2007), o atleta não é avaliado apenas por seu potencial individual, mas também pelo que pode oferecer coletivamente. Uns podem ter mais força, outros mais velocidade ou habilidade técnica, mas o foco da atenção das categorias superiores, como no caso da composição da equipe que representaria o município na OLESC, passa pelos olhos do treinador, que busca preencher os espaços na montagem de seu novo grupo de trabalho.

---

<sup>133</sup> Relatamos este caso também no Capítulo 1.

Por fim, classificaram-se para a fase seguinte as equipes “B”, “A” e a equipe observada, as três com 12 pontos conquistados (4 vitórias e 2 derrotas). Mas no critério de desempate a equipe “B” ficou em primeiro lugar na chave e a equipe observada em segundo lugar. Para Valter, foi importante “espantar o fantasma” ao vencer o grande rival do clube, e também classificar-se entre os dois primeiros para poder trazer jogos para casa na próxima rodada (DIÁRIO DE CAMPO, 14/07/2013).

Nesse capítulo buscamos, além de registrar o cotidiano de treinamento de jovens atletas inscritos em uma das principais equipes de futsal do Estado de Santa Catarina, compreender as dinâmicas de funcionamento desta rotina de formação profissional. Vimos no capítulo 1 (tabelas 4, 5 e 6) que, à medida que o jovem avança entre as categorias de base, o tempo de dedicação ao esporte aumenta. Sendo assim, o projeto de profissionalização esportiva tende a ser prioridade para este jovem. Fazer parte de uma equipe de competição pode ser visto como um importante passo para que este projeto dê certo. Para os jovens do clube que acompanhamos, as horas de dedicação ao esporte eram prioridade na organização de suas rotinas. Outros projetos, entre eles o de escolarização, eram deixados em segundo plano.

O tempo de preparação para a profissão no futsal (treinamentos, amistosos e jogos oficiais), característica comum para os atletas envolvidos neste processo de formação, é um ambiente que exige uma carga gradativa de especialização técnica, tática e física para essa atividade profissional. Ao jovem atleta que almeja se consolidar na carreira esportiva é importante que se tenha disciplina perante as normas do clube, que resista às cobranças sobre seu desempenho em treinamentos e competições, entre outros aspectos. Dois exemplos relatados no contexto desta pesquisa podem ilustrar um pouco sobre esse tema: aos olhos do clube, naquele momento, Dudu atendia aos pré-requisitos necessários para obter sucesso na carreira, enquanto isso o jovem Mateus, recorrente de uma série de atitudes de indisciplina, tinha seu futuro incerto no clube. Ambos apresentavam desempenho de destaque esportivo: Dudu era o capitão da equipe e Mateus o artilheiro (atleta com maior número de gols marcados) da equipe no campeonato estadual. Ao que tudo indica, para suportar os anos de dedicação ao esporte e alcançar o sucesso profissional, o jovem precisa ter, além de seu talento esportivo reconhecido, uma predisposição ao trabalho especializado de formação para essa atividade. Os jovens que investem desde cedo no projeto de profissionalização esportiva se submetem, além da rotina progressiva de especialização presente nos treinamentos e

competições, a um processo de seleção e avaliação constantes por parte dos funcionários dos clubes. Podemos interpretar que o projeto de carreira do jovem atleta fica à mercê de critérios pedagógicos e avaliativos – por vezes arbitrários – adotados pelo clube, neste caso, principalmente pela figura do treinador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futsal se constituiu enquanto modalidade esportiva em meados do século passado e transformou-se rapidamente em importante prática corporal e social para os brasileiros, sobretudo por sua presença no ambiente escolar e em escolinhas e clubes especializados, e pela possibilidade de consolidação de carreira profissional. A modalidade é reconhecida no cenário internacional, tendo sua gerência e suporte de formação profissional atrelados ao sistema FIFA. Aos atletas profissionais essa prática esportiva pode proporcionar ganhos materiais e simbólicos expressivos.

Ainda que a possibilidade de obter renda seja uma das possíveis explicações para que jovens atletas invistam tempo, recursos e esforços para profissionalizar-se no futsal, esta profissão possui valores que representam a ideologia do sucesso, da superação, da rejeição dos limites, do progresso corporificado e individualizado nas imagens de atletas e suas performances (BASSANI; TORRI; VAZ, 2003), algo muito mais do que a remuneração. Neste cenário há uma rede de relações entre atletas e seus familiares que impulsiona à realização deste projeto de carreira.

Em Santa Catarina, os dados referentes ao mercado profissional para o futsal merecem destaque uma vez mais. Entre as 72 equipes registradas no ano de 2013 na Federação Catarinense de Futebol de Salão, 9 participaram da *Divisão Especial* na categoria adulta, sendo que 4 delas também participaram, simultaneamente, da *Liga Nacional de Futsal*. Santa Catarina figurava como o terceiro Estado com maior número de equipes participantes da *Liga Nacional de Futsal* em 2013, quando os dados foram coletados. Na atual edição da *Liga Nacional de Futsal* (2014) Santa Catarina passou a ser o Estado com maior número de equipes participantes empatado com o Estado de São Paulo, pois além das quatro equipes participantes no ano anterior, este ano soma-se a equipe A.D Hering da cidade de Blumenau. Além disso, equipes catarinenses são expoentes há pelo menos três décadas em competições nacionais e internacionais, tendo formado e revelado inúmeros e importantes jogadores, alguns com êxito e fama internacionais. Se levarmos em conta que cada clube possui em média 15 atletas em seu elenco profissional, temos cerca de 135 postos privilegiados de trabalho para atletas de futsal entre as 9 principais equipes do Estado de Santa Catarina. Trata-se de um número relativamente baixo de oportunidades de consolidação profissional para aqueles que almejam a carreira no futsal neste Estado. Além desses 9 clubes (dos quais 8 foram

investigados nesta pesquisa), temos ainda outras 12 equipes que participaram da *Primeira Divisão Estadual* em 2013, totalizando cerca de outros 180 postos de trabalho na modalidade, em um mercado considerado de segunda linha para atletas profissionais.

Os clubes profissionais catarinenses aqui investigados, que possuem instituídos processos de formação, detecção e seleção de talentos para o futsal profissional, possuíam diferentes formas de organização em termos de estrutura de participação das equipes de formação no campeonato estadual de base no ano de 2013: a equipe A.D Hering, de Blumenau, participou do campeonato estadual nas categorias sub 11, sub 13 e sub 15; a equipe A.D Universitária, de Tubarão, participou nas categorias sub 11, sub 13, sub 15 e sub 17; a equipe Chapecoense Futsal, de Chapecó, participou somente na categoria sub 20; o Clube Caça e Tiro, de Lages, participou somente na categoria sub 15; a equipe CSM/Pré-fabricar, de Jaraguá do Sul, participou nas categorias sub 11, sub 13, sub 15, sub 17 e sub 20; a F.M.D de Rio do Sul participou nas categorias sub 13 e sub 17; a Krona/Futsal, de Joinville, participou nas categorias sub 13, sub 15, sub 17 e sub 20; por fim, a equipe Passarela/Águia Seguros, de Concórdia, participou nas categorias sub 9, sub 13, sub 15 e sub 20.<sup>134</sup> Destacamos que, diferentemente do que ocorre em outras modalidades esportivas, a Federação Catarinense de Futebol de Salão não obriga que seus clubes profissionais filiados mantenham suas categorias de base em atividade, como um dos requisitos para participarem de competições oficiais da entidade, fator que pode causar afastamento das agremiações das competições de base, sobretudo pelos expressivos gastos para manutenção das equipes e pelo fato do processo de formação de atletas ser de longo prazo. O clube que acompanhamos por meio de observações sistemáticas não oferecia condições consideradas ideais para o trabalho de formação de atletas, e por ser considerada uma das principais equipes do cenário nacional, acreditamos que esta seja uma realidade comum aos clubes de formação de base no futsal. Entretanto, para podermos confirmar essa assertiva se fazem necessárias outras investigações sobre o tema em específico.

Ao selecionarmos para este estudo jovens atletas entre 14 e 20 anos de idade de categorias base das principais equipes profissionais de

---

<sup>134</sup> O Floripa Futsal, da cidade de Florianópolis, que foi excluído da pesquisa por não possuir processos de formação em pelo menos uma das categorias de base da idade-alvo da investigação, participou do campeonato catarinense de categorias de base somente no sub 11 e sub 13.

futsal que participaram das mais importantes competições no naipe masculino adulto em Santa Catarina no ano de 2013, optamos por traçar o perfil de um grupo restrito de sujeitos, ou seja, daqueles que se aproximam da oportunidade de profissionalização neste mercado restrito e competitivo. Essa faixa etária corresponde ao período de decisões entre priorizar os estudos ou a profissionalização esportiva, e conseqüentemente, construir estratégias para atingir tais objetivos, como nossos dados revelaram.

Utilizamos, como fonte de análise, dados quantitativos, entrevistas semiestruturadas e relatórios de observação sobre a rotina de treinamento de uma das oito equipes participantes da pesquisa, com foco no cotidiano esportivo e escolar de quatro jovens integrantes do clube na categoria sub 15. Esses atletas foram indicados pelo treinador da equipe como principais *apostas* do clube – e de seu treinador, evidentemente – na categoria. Três deles moravam no alojamento oferecido pela agremiação, fato que reforça a expectativa de profissionalização e tenciona ainda mais a concorrência entre distintos e conflitantes projetos de formação. Como vimos, o ambiente proporcionado pelo alojamento tende a ser fundamental para o processo de incorporação de dispositivos formativos, tanto para o clube quanto aos atletas.

A construção do *habitus* do esportista, como procuramos mostrar, é marcada pelo momento de ruptura entre o brincar de bola nas escolinhas de iniciação esportiva e os treinamentos em clubes especializados, requisito fundamental para a aprendizagem de elementos específicos do jogo, como os fundamentos técnicos, físicos e táticos. Identificamos que a trajetória esportiva do jovem atleta de futsal inserido em categorias de base em Santa Catarina inicia-se cedo, antes dos 9 anos de idade, quando passam a participar de escolinhas de iniciação esportiva fora do horário escolar. Os primeiros contatos com o futsal, salvo raras exceções, acontecem por incentivo da família. Por volta dos 11 ou 12 anos de idade, os jovens podem ter seu talento reconhecido por clubes, período que marca, em geral, para os sujeitos investigados, o início das participações em competições oficiais da Federação e de um longo processo de formação profissional. Essa é uma peculiaridade presente no cenário do mercado esportivo: aqueles que almejam alcançar a profissionalização precisam se inserir desde a infância em um processo especializado de formação para esta atividade.

O ingresso oficial nas categorias de base dos clubes esportivos acontece por meio de diferentes vias, notadamente, no caso dos atletas que acompanhamos de perto, pelas tradicionais peneiras e por indicações de profissionais do campo. Os dados mostram que, para

atletas de futsal de Santa Catarina, a saída de casa, quando necessária, acontece a partir dos 15 anos de idade e uma das principais dificuldades para esses jovens, que se afastam de seu convívio familiar desde cedo para viver nos alojamentos oferecidos pelos clubes esportivos, é a saudade de casa. Conseguir autorização para morar no alojamento dos clubes pode ser considerado uma vitória para o iniciante, um sinal de que o projeto de carreira está bem encaminhado. Talvez por isso os três atletas alojados, e que tivemos oportunidade de acompanhar em suas rotinas de treinamento e escolarização, tenham enfatizado a difícil, mas fundamental decisão de se transferirem de cidade e morar longe de familiares e amigos.

No caso dos clubes de futsal catarinenses, o aumento do número de atletas vivendo em concentrações na medida em que se avança nas categorias de formação investigadas (sub 15, sub 17 e sub 20) sugere que há, por parte dos clubes, além de maior investimento nas categorias superiores, um processo maior de selecionamento sobre os atletas que integram seus quadros de futuros profissionais.

Os dados também mostraram que, à medida que os jovens avançam entre as categorias de base e se aproximam da profissionalização, as exigências aumentam, sobretudo em relação ao tempo de dedicação aos treinamentos, jogos e viagens, exigindo quase que exclusividade para este projeto. A escola tende a ficar em segundo plano, sendo encarada como uma etapa da vida que precisa ser cumprida. Os atletas tendem também a adequar a formação escolar ao projeto de profissionalização esportiva, sobretudo por saberem que a escola não tão é rígida e rigorosa com relação às tarefas e avaliações escolares. Como pudemos ver especialmente dos quatro jovens atletas que acompanhamos de perto, a relação com o ambiente escolar ocorre quase que somente durante o tempo das aulas dos componentes curriculares obrigatórios – quando muito das tarefas a eles associados –, reforçando a ideia de que o sentido da escolarização é o da obrigatoriedade.

Mesmo assim, os índices de aproveitamento escolar para o grupo de atletas investigados se mostrou maior do que os índices nacionais e estaduais para a faixa etária correspondente. A expectativa de formação escolar, que, em tese, pode ser considerada como facilitadora no processo de recolocação profissional, mostrou que a maior parcela dos atletas está preocupada em relação ao possível insucesso na carreira esportiva. Os atletas colocam a escola em segundo plano, mesmo reconhecendo sua importância diante do futuro incerto na carreira esportiva.

O fato dos familiares dos atletas pesquisados, em geral, possuírem acesso à educação institucionalizada e uma condição socioeconômica no mínimo razoável, gera uma tendência de que haja preocupações não somente com o desempenho esportivo dos jovens, mas também sobre o desempenho escolar. Os atletas do clube que acompanhamos disseram-se preocupados com a escolarização, assim como revelaram cobranças por melhores resultados por parte de seus familiares e do próprio clube, principalmente na figura do treinador, que exercia uma espécie de monitoramento sobre as tarefas escolares. Entretanto, era clara a preferência deles pelas atividades esportivas em detrimento às tarefas escolares, revelando que talvez a preocupação e os cuidados com a escolarização eram proporcionais ao esforço necessário para que alcançassem o mínimo para serem aprovados na escola, uma vez que se tratava de algo valorizado – pelos familiares e, sobretudo pelo clube –, como um requisito para a carreira esportiva.

De certa forma, a rotina esportiva dos jovens atletas inseridos em categorias de base dos principais clubes profissionais de Santa Catarina, cuja duração semanal em horas (tabela 4 – capítulo 1) gira em torno de 13h00min. para a categoria sub 15; 16h20min. para o sub 17; e 19h50min. na categoria sub 20, não impede a permanência deles nos bancos escolares, mas tende a ter características mais sedutoras do que a escola. Além disso, a intensa rotina física e emocional dos atletas nos treinamentos, como tivemos oportunidade de descrever no terceiro capítulo, coloca-os em uma posição de negociação frequente entre as tarefas no esporte e as obrigações escolares. O tempo e a dedicação aos treinamentos aparecem como elementos fundamentais para a aprendizagem de valores, técnicas corporais, entre outros aspectos necessários para a formação do jovem para a profissão.

Para os jovens atletas que almejam o sucesso na carreira de futsal no cenário catarinense, a rotina de treinamentos e as competições oficiais de base atuam como uma espécie de *laboratório* de preparação para a profissão. Existe um discurso de que as equipes de base devem se preocupar primeiramente com a formação de seus atletas e menos com os resultados das competições – algo que não se confirma plenamente no cotidiano dos clubes, especialmente naquele que observamos sistematicamente. Para superar o processo de seleção, parece ser fulcral a especialização precoce das funções técnicas, físicas e táticas dos atletas em busca do resultado competitivo desde as categorias de base. O jovem atleta de sucesso, aquele que, por ser vencedor, possui presumidamente os pré-requisitos necessários para preencher uma vaga no mercado profissional, se insere em rotinas de treinamento de equipes

competitivas, e precisa ainda se destacar dos demais “competidores” – adversários e colegas de clube – nesse meio. Atribui-se o discurso de formação ao fato de que os jovens devem se preparar (serem formados) para o mercado esportivo de alto rendimento, que acontece por meio de representações próximas daquilo que se encontra no esporte profissional desde as categorias de base. Exemplo disso é que, como vimos, os campeonatos oficiais de futsal (assim como de outras modalidades esportivas) seguem uma estrutura semelhante tanto para adultos quanto para crianças e adolescentes das categorias de base – as regras oficiais são universais, exceto pelo tempo de jogo, que na categoria sub 15 é de 30 minutos cronometrados, mas nas competições a partir de 17 anos o tempo de jogo é igual para jovens e adultos, ou seja, 40 minutos cronometrados. O treinamento das categorias base, como descrito no terceiro capítulo e nos dados quantitativos por nós produzidos, estrutura-se como cópia do modelo esportivo de alto rendimento: a duração das sessões é, em média, de 2 horas e aumenta a frequência (quantidade de dias e períodos da semana) à medida que o jovem se aproxima da categoria profissional. Conforme nossos dados (tabela 4 – capítulo 1), a categoria sub 15 realiza, em média, 4 sessões de treino por semana, o sub 17 realiza, em média, 5 sessões e o sub 20, em média, 7 sessões de treinamento por semana, em geral as sessões de treinamentos para as categorias sub 15 e sub 17 acontecem no período da tarde ou noite estendendo-se, por vezes, aos sábados pela manhã, enquanto isso o sub 20 tende a realizar suas atividades em período integral (manhã e tarde) estendendo-se, por vezes, aos finais de semana. O que diferencia o processo de formação da atuação profissional, entre outros aspectos, são as condições de trabalho oferecidas pelo clube aos atletas (moradia, alimentação, suporte técnico pedagógico, remuneração, entre outros). Por isso, o esporte de base, pode ser considerado uma “cópia” do alto rendimento.

A dedicação quase que exclusiva ao aperfeiçoamento dos *capitais esportivo-futebolísticos* por parte dos atletas, em um período da vida no qual jovem se encontra voltado para experiências, ensaios e erros, deveria, sob nosso ponto de vista, ser mais bem compreendida pela equipe pedagógica dos clubes formadores. No caso que acompanhamos, as decisões sobre o futuro dos jovens estavam nas mãos do treinador da categoria (Valter), do supervisor (Rodrigo Xavier) e do treinador (Dinho) das categorias superiores (sub 17 e sub 20), que com exceção de Valter, não acompanhavam a rotina de treinamentos, e tiravam suas conclusões sobre os atletas a partir do desempenho apresentado em jogos oficiais – fato que justifica a importância e

centralidade dada por atletas e treinador aos treinamentos voltados à atividade competitiva. Aos jovens atletas, atender às cobranças por parte dos formadores/avaliadores em treinos e jogos é uma estratégia necessária para sobreviver e se destacar no processo de formação.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Paulo Henrique Guilhermino. **Flexibilização escolar dos atletas em formação alojados em centros de treinamento no futebol**: Um Estudo na Toca da Raposa e na Cidade do Galo. 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

BARTHOLO, Tiago Lisboa et al. Formando jogadores de futebol: o impacto do tempo de treinamento na formação escolar de jovens espanhóis e brasileiros. In: XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17. e 4., 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: CBCE, 2011. p. 1-14. Disponível em: 13 <[www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/XVII\\_CONBRACE/2011/index](http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011/index)>. Acesso em: 20 jan. 2012.

BASSANI, Jaison José; TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p.89-112, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-154.

CAVICHIOILLI, Fernando Renato et al. O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 4, p.631-647, out. 2011.

CORREIA, Carlus Augustus Jourand. A Bola entre as Canetas: trajetória e projeto em relatos orais de jovens atletas do Rio de Janeiro. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 8, p.1-25, mar. 2013.

COSTA, F. R. da. **A escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens atletas mulheres no futsal de Santa Catarina.** 2012. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

ClAVATTA, Maria. A cultura do trabalho e a educação plena negada. **Labor**, Fortaleza, v. 1, n. 5, p.164-183, 2011.

CRUZ NETO, Otávio; MOREIRA, Marcelo Rasga. Trabalho infanto-juvenil: motivações, aspectos legais e repercussão social. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n.2, p.437-441, 1998.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França.** 2005. 435 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DAMO, A. **Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França.** São Paulo: Aderaldo e Rothchild, Anpocs, 2007.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo:** cotidiano de uma adolescência bem comportada. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GONÇALVES, Michelle Carreirão; TURELLI, Fabiana Cristina; VAZ, Alexandre Fernandez. Corpos, dores, subjetivações: notas de pesquisa no esporte, na luta, no balé. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p.141-158, jul. 2012.

GROPPO, Luís Antonio. O funcionalismo e a tese da moratória social na análise das rebeldias juvenis. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 14, n. 26, p.37-50, 2009.

JANEIRO, Conselho Regional de Psicologia do Rio de. O esporte “salva”? **Onde Mora O Perigo? Reflexões Sobre A Psicologia e A Cultura do Medo**, Rio de Janeiro, p. 7-9. out. 2010. Disponível em: <<http://www.crprj.org.br/>>. Acesso em: 28 out. 2013.

JUVENTUDE, Centro de Estudos e Memória da. O esporte não é em si conservador nem progressista, e tampouco é neutro. **Juventude.br**, São Paulo, n.1 , p.2-3, dez. 2009.

KUNZ, Elenor. **O esporte enquanto fator determinante na educação física. contexto & educação**, v. 15, n. JUL/SET, p. 63-73, 1989.

KUNZ, Elenor. **Educação física: ensino&mudanças**. Ijuí: Unijui, 2001.

MARQUES, Maurício Pimenta; SAMULSKI, Dietmar Martins. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 2, p.103-19, 2009.

MELLO, André Da Silva; FERREIRA NETO, Amarílio; VOTRE, Sebastião Josué. Intervenção da educação física em projetos sociais: uma experiência de cidadania e esporte em vila velha (ES). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 1, p.75-91, 2009.

MORAES, Luiz Carlos; RABELO, André Scotti; SALMELA, John Henry. Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 17, n. 2, p. 211-222, 2004.

NERI, M. **Tempo de permanência na escola**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, 2009.

OLIVEIRA, Denize Cristina de et al. Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes. **Estudos de Psicologia**, Natal, n.2, p.245-258, 2001.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Esporte e política na ditadura militar brasileira: a criação de um pertencimento nacional esportivo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p.155-174, out. 2012.

PAOLI, Próspero Brum. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. 2007. 187 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

PAOLI, Próspero Brum et al. Representações identitárias no processo de seleção de talentos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 16, p.135-150, dez. 2010.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p.21-65, 2008.

ROCHA, H. P. A da. **A Escola dos Jóqueis: a escolha da carreira do aluno atleta**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ROCHA, Hugo Paula Almeida da et al. Jovens Esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 2, p.252-263, 2011.

ROMÃO, M. G; COSTA, Felipe Rodrigues da; SOARES, A. J. G. **Escolarização de equipes do voleibol no Rio de Janeiro.** In: XI Congresso Espírito-Santense de Educação Física, 2011, Vitória. XI Congresso Espírito-Santense de Educação Física - Educação Física nas políticas públicas: trabalho e gestão integrada, 2011.

SANTANA, W. C. de; REIS, H. H. B.; RIBEIRO, D. A. A iniciação de jogadores de futsal com participação na seleção brasileira. *Revista Digital*, Buenos Aires, v. 11, n. 96, maio 2006. Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/efd96/futsal.htm>>. Acesso em: 18 jun

SANTANA, Wilton Carlos; RIBEIRO, Danilo Augusto. Idades de início de atletas de futsal de alto rendimento na prática sistemática e em competições federadas da modalidade. **Pensar A Prática**, Goiânia, v. 2, n. 13, p.1-17, ago. 2010.

SANTANA, Wilton Carlos de; FRANÇA, Vinicius Dos Santos; REIS, Heloisa Helena Baldy Dos. Perfil do processo de iniciação ao futsal de jogadores juvenis Paranaenses. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 3, p.181-187, 2007.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves et al. Mercado do futebol, juventude e escola. **Juventude.br**, São Paulo, n.1 , p.36-39, 2009.

SOUSA, Olívia Maria Costa Grangeiro de; ALBERTO, Maria de Fátima Pereira. Trabalho precoce e processo de escolarização de crianças e adolescentes. **Psicologia em Estudo**, Maringá, n.4, p.713-722, 2008.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de et al. Difícil reconversão: Futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, p.85-111, 2008. 14

TEIXEIRA, Dourivaldo. O desporto escolar no ensino fundamental: uma abordagem fenomenológico-hermenêutica de treinos e de jogos de futsal. **Revista da Educação Física**: UEM, Maringá, v. 4, n. 2, p.73-84, 2003.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2002.

TORRI, Danielle; ALBINO, Beatriz Staimbach; VAZ, Alexandre Fernandez. Sacrifícios, sonhos, indústria cultural: retratos da educação do corpo no esporte escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 3, p.499-512, 2007.

VAZ, Alexandre Fernandez. Doping, esporte, performance: notas sobre os “limites” do corpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p.23-36, 2005.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VELOSO, F. 15 anos na Educação no Brasil: Onde Estamos? In: **Educação básica no Brasil: construindo o país do futuro**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009. 15 anos na Educação no Brasil: Onde Estamos?

VIANNA, José Antonio; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 2, p.285-296, 2011.

ZALUAR, Alba. **Cidadãos não vão ao paraíso**: juventude e política social. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1994.

ZALUAR, Alba. O esporte na educação e na política pública. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 1, p.19-44, abr. 1991.

## ANEXO I

### Questionário

Idade: \_\_\_\_\_ Clube: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Categoria: \_\_\_\_\_ Modalidade: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Bairro onde mora: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

1 – Você mora:

- 1 ( ) Na casa de seus pais ou parentes
- 2 ( ) Em quarto alugado, pensão ou hotel
- 3 ( ) No alojamento do clube
- 4 ( ) Outro: \_\_\_\_\_

2 – Com que idade você começou a treinar em um clube vinculado a federação? (federado)

\_\_\_\_\_

3 – Onde você nasceu?

Estado: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_

4 – Em relação à cor de sua pele (IBGE), como você se CONSIDERA?

- 1 ( ) Branco                      2 ( ) Negro                      3 ( ) Mulato/Pardo
- 4 ( ) Amarela                  5 ( ) Indígena                  6 ( ) Não desejo declarar
- 7 ( ) Outro \_\_\_\_\_

5 – Você estuda atualmente?

- 1 ( ) Sim    2 ( ) Não

6 – Em que série você está ou parou?

Primário (1ª à 5ª ano)	1 ( ) 1º série/2º ano 2 ( ) 2º série/3º ano 3 ( ) 3º série/4º ano 4 ( ) 4º série/5º ano
Ginásio (6ª à 9ª ano)	5 ( ) 5º série/6º ano 6 ( ) 6º série/7º ano 7 ( ) 7º série/8º ano 8 ( ) 8º série/9º ano
2º Grau (1ª à 3ª ano do ensino médio)	9 ( ) 1º ano 10 ( ) 2º ano 11 ( ) 3º ano
Faculdade (Superior)	12 ( ) 1º ano 13 ( ) 2º ano 14 ( ) 3º ano 15 ( ) 4º ano 16 ( ) 5º ano

7 – Em que turno você estuda?

Manhã	Tarde	Noite	Manhã e Tarde
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )

8 – Em qual modalidade estuda?

( ) Regular ( ) Supletivo/EJA/PEJA ( ) Outros

9 – Sua escola passa dever de casa?

( ) Sim ( ) Não

10 – Você faz o dever de casa?

( ) Com frequência ( ) Às vezes ( ) Nunca ou quase nunca

11 – Você viaja para competir?

( ) Sim ( ) Não

12 – Quantas vezes você viaja para competir por ano?

\_\_\_\_\_

13 – Quando você falta aula para treinar, competir, ou qualquer outra atividade vinculada ao esporte, à escola ou os professores:

- Abonam faltas: ( ) Sim ( ) Não

- Remarcam provas: ( ) Sim ( ) Não

- Dão aulas extras: ( ) Sim ( ) Não

14 – Em relação à organização da escola em que você estuda, dê uma nota de zero a dez:

--

15 – Como você avalia o ensino da sua escola?

( ) Forte ( ) Nem forte nem fraco ( ) Fraco

16 – Você deseja estudar até que nível de ensino?

Até 9 <sup>a</sup> ano do Ensino Fundamental	( )
Até o Ensino Médio	( )
Até a Faculdade (Superior)	( )
Até a Pós-graduação	( )

17 – Você acha que vai conseguir estudar até que nível de ensino?

Até 9 <sup>a</sup> ano do Ensino Fundamental	( )
Até o Ensino Médio	( )
Até a Faculdade (Superior)	( )
Até a Pós-graduação	( )

18 – Me diga qual é seu horário de entrada e de saída da escola e dos treinos:

Horário	2 <sup>a</sup> feira	3 <sup>a</sup> feira	4 <sup>a</sup> feira	5 <sup>a</sup> feira	6 <sup>a</sup> feira	Sábado	Domingo
Escola							
Treinamento							

19 – Você chega atrasado ou sai antes do término das aulas por causa dos treinamentos?

Sim  Não

20 – Em que TIPO de escola estuda?

1  Federal 2  Estadual  Municipal  Particular  Outros

21 – Seu clube oferece escola?

Sim  Não

22 – Em caso de positivo na questão anterior, você estuda na escola oferecida pelo clube?

Sim  Não

23 – Nome da escola e bairro?

Escola \_\_\_\_\_

Bairro \_\_\_\_\_

Cidade \_\_\_\_\_

24 – Você já repetiu algum ano na escola?

0  Nunca 1  1 vez 2  2 vezes 3  3 vezes 4  4 vezes

\_\_\_\_ vezes

25 – Já interrompeu os estudos alguma vez?

Sim  Não

26 – Caso positivo, em função de que?

Trabalho  Esporte  Outros: \_\_\_\_\_

27 – Como você vai para a escola?

1  Ônibus 2  Trem 3  a pé 4  De bicicleta 5  Carro 6

Moto

7  Barca 8  Metrô 9  outro \_\_\_\_\_

28 – Como você vai para o treino?

1  Ônibus 2  Trem 3  a pé 4  De bicicleta 5  Carro 6

Moto

7  Barca 8  Metrô 9  outro \_\_\_\_\_

29 – Você faz algum curso fora da escola?

1 ( ) Curso de idiomas    2 ( ) Teatro/ cinema    3 ( ) Curso de informática

4 ( ) Curso de música    5 ( ) Não faço nenhum curso

6 ( ) Outro Qual? \_\_\_\_\_

30 – Se você faz outro curso, qual a duração e a frequência?

\_\_\_\_\_

31 - Quanto tempo você gasta nos deslocamentos em dias de treinamento?

Local de origem	Local de destino	Tempo gasto
Casa		

32 – Até que série sua mãe estudou?

1ª à 4ª série	1 ( ) 1º série    2 ( ) 2º série    3 ( ) 3º série    4 ( ) 4º série
5ª à 8ª série	5 ( ) 5º série    6 ( ) 6º série    7 ( ) 7º série    8 ( ) 8º série
Ensino médio	9 ( ) 1º ano    10 ( ) 2º ano    11 ( ) 3º ano
Faculdade	12 ( ) Incompleto    13 ( ) Completo
14 ( ) Não frequentou a escola    15 ( ) Não tenho pai ou responsável 16 ( ) Não sei	

33 – Até que série seu pai estudou?

1ª à 4ª série	1 ( ) 1º série    2 ( ) 2º série    3 ( ) 3º série    4 ( ) 4º série
5ª à 8ª série	5 ( ) 5º série    6 ( ) 6º série    7 ( ) 7º série    8 ( ) 8º série
Ensino médio	9 ( ) 1º ano    10 ( ) 2º ano    11 ( ) 3º ano
Faculdade	12 ( ) Incompleto    13 ( ) Completo
14 ( ) Não frequentou a escola    15 ( ) Não tenho pai ou responsável 16 ( ) Não sei	

34 – Assinale a frequência em que você realiza as seguintes atividades em seu tempo livre?

1 = Com frequência, 2 = Às vezes, 3 = Nunca ou quase nunca

Usa o computador (MSN, Orkut, e-mail etc.)	
Vai ao cinema	
Assiste na TV	
Pratica esporte fora do clube	
Vai à boate, discoteca, funk, samba.	
Lê jornais e revistas	
Lê livros para a escola	
Lê livros por lazer	
Lê livros religiosos	
Vai à igreja ou alguma reunião religiosa	

35 – Qual sua religião ou culto?

\_\_\_\_\_

36 - O que significa ou vem a sua cabeça quando pensa nas palavras:

Treinar:

---

Estudar:

---

Ir à Escola:

---

Competir:

---

Outras questões:

1) Quantas faltas você teve na escola nos últimos dois meses?

---

2) Como estão as suas notas neste momento do ano letivo?

---

3) Você se considera:

( ) Um aluno com ótimo desempenho?

( ) Um aluno com bom desempenho?

( ) Um aluno com desempenho regular?

( ) Um com desempenho insatisfatório?

Dados socioeconômicos:

1) Quantas pessoas moram em sua casa?

---

2) Quantos cômodos tem sua casa (exceto banheiro)?

---

3) Quantos quartos (dormitórios) tem em sua casa?

---

4) Na sua casa tem Tv de Lcd/Plasma/LED/3d?

( ) Sim ( ) Não

5) Na sua casa tem microondas?

( ) Sim ( ) Não

6) Na sua casa tem Tv por assinatura?

( ) Sim ( ) Não

- 7) Ela é de qual empresa?  
 Sky  Net  Oi Tv  Via  Gatonet
- 8) Você tem acesso a Internet de sua casa?  
 Banda Larga  Discada  Não tenho
- 9) Tem automóvel em sua casa?  
 Sim  Não
- 10) Na sua casa tem máquina de lavar?  
 Sim  Não
- 11) Tem empregados mensalistas em sua casa?  
 Sim  Não
- 12) Tem computador?  
 Sim  Não
- 13) Tem impressora na sua casa?  
 Sim  Não
- 14) Tem geladeira em sua casa?  
 Sim  Não

## ANEXO II

### **Roteiro de observações**

#### PARTE I – SOBRE A ROTINA DE TREINAMENTO

Impressões iniciais e características gerais

Local e Data:

Profissionais envolvidos:

Horário de início e término da sessão de treinamento:

Estrutura física do espaço de treino:

Condições ambientais:

Frequência de atletas:

Idade cronológica:

Material e roupas pessoais dos alunos/atletas e comissão técnica:

Outras observações:

Sobre o início

Chegada dos atletas e conversas entre eles:

Chegada do treinador e comissão técnica e conversas entre eles:

Conversas entre atletas e comissão técnica antes do treino:

Outras observações:

Como o treinador encaminha as atividades no tempo e no espaço?

Estrutura da sessão (aquecimento, parte principal, volta à calma, etc.):

Objetivo da sessão de treino (físico, tático, técnico, etc.);

Tempo e objetivo destinado para cada atividade:

Quais os critérios utilizados pelo treinador para organizar as equipes nas atividades?

Qual é o grau de participação dos atletas na condução do treino e nos processos decisórios:

Diferentes desempenhos apresentados (“titulares” e “reservas”):

Dificuldades encontradas:

Outras observações:

Material utilizado:

Sobre o término do treino

Conversas entre atletas:

Conversas entre atletas e comissão técnica:

Conversas entre atletas e pais:

Conversas entre pais e comissão técnica:

Higienização (tomar banho, trocar de roupas, etc.):

Como e com quem os atletas retornam para suas atividades (casas/alojamento)?

Outras observações:

Sobre os relacionamentos

Mediações entre

Técnico – Equipe:

Técnico – Comissão técnica:

Atletas – Atletas:

Capitão da equipe – Técnico:

Capitão da equipe – Comissão técnica:

Capitão da equipe – Atletas:

Principais jogadores – Técnico:

Principais jogadores – Comissão técnica:

Principais jogadores – Equipe:

Momentos significativos

Falas mais significativas (atentar para falas dos atletas: reclamações de dores, preferência por determinadas atividades, etc.):

Há formação de grupos não mediados pelo técnico?

Quais são as hierarquias (mais habilidosos, mais fortes, mais rápidos, mais violentos, mais bonitos, etc.)?

Relação entre rendimento esportivo e desempenho escolar:

Presença de pais durante as sessões de treinamento:

Outras observações:

## PARTE II – ROTINA DE JOGOS E COMPETIÇÕES

Impressões iniciais e características gerais

Local e Data:

Competição/Equipe:

Resultado:

Profissionais envolvidos:

Horário de início e término da partida:

Estrutura física do espaço de jogo:

Condições ambientais:

Frequência de alunos/atletas:

Idade cronológica:

Material e roupas pessoais dos alunos/atletas e comissão técnica:

Outras observações:

Chegada dos atletas ao ginásio da partida

Eles chegam juntos ou separados?

Qual o meio de locomoção?

O treinador/comissão técnica os acompanha?

Conversa/relacionamento entre pais e comissão técnica:

Outras observações:

Vestiário

Como é a preleção?

Conversa entre atletas:

Presença de rituais:

Outras observações:

Durante a Partida

Conversas entre atletas e adversários:

Orientações e reclamações entre comissão técnica e Equipe:

Relacionamento e conversa do capitão da equipe com a comissão técnica:

Relacionamento e conversa do capitão da equipe com os atletas:

Relacionamento e conversa dos principais jogadores com a comissão técnica:

Relacionamento e conversa dos principais jogadores com a equipe:

Relacionamento e conversas entre atletas e árbitros:

Relação entre torcida e atletas (especial atenção para os pais):

Relação entre resultado/placar do jogo e comportamento dos atletas (mais ou menos excitados, mais ou menos violentos, etc.):

Relação entre desempenho e comportamento *versus* punição:

Critérios para escalação e substituições:

Relação entre treinamento e jogo (exemplo: jogas ensaiadas, etc.):

Outras observações:

Após a Partida

Conversa entre atletas:

Conversa entre atletas, comissão técnica e dirigente:

Conversa entre atletas e pais:

Conversa entre comissão técnica e pais:

Organização do retorno para casa/alojamento:

Outras observações:

### PARTE III – ROTINA ESCOLAR

Impressões iniciais e características gerais

Local e Data:

Escola:

Horário de início e término das aulas:

Tipo de escola:

Estrutura física da escola:

Condições ambientais:

Número de atletas da equipe estuda nesta escola:

Idade cronológica - Série/Ano:

Material e roupas pessoais dos alunos (uniforme etc.):

Outras observações:

Sobre a rotina escolar

Chegada dos atletas na escola (horário, meio de locomoção, tempo de deslocamento etc.):

Frequência dos alunos/atletas:

Relacionamento entre alunos/atletas e professores:

Relacionamento entre alunos/atletas e profissionais da escola:

Relacionamento entre alunos/atletas e demais alunos (meninos x meninas):

Como os alunos/atletas são vistos pelos outros?

Quais as relações entre o clube e a escola?

Outras observações:

Observações após o término da aula

Os Alunos/atletas saem mais cedo ou chegam atrasado às aulas?

Os Alunos/atletas se ausentam de alguma atividade escolar por causa dos treinamentos? (atividades extracurriculares, aulas de Educação Física etc.).

Qual é a rotina normal dos Alunos/atletas em dia de escola e treino? (alimentação, deslocamento, estudos, atividades extras, descanso, etc.).

Qual é a rotina normal dos Alunos/atletas em dia de escola e jogo/competição? (alimentação, deslocamento, estudos, atividades extras, descanso, etc.).

Outras observações:

## ANEXO III

### Roteiro de Entrevistas

Neste roteiro utilizamos eixos temáticos que orientaram o entrevistador na execução da tarefa. A ordem dos eixos temáticos é apenas ilustrativa, pois cada entrevista foi conduzida dependendo das respostas dos atletas.

\*\*\*

Ao entrevistado: Essa entrevista se trata de uma pesquisa realizada na Universidade Federal de Santa Catarina. O objetivo é entender como jovens atletas de futsal organizam sua rotina diária entre o treinamento, as competições e a escola. Nenhum nome será citado no texto original da pesquisa. Substituiremos os nomes dos atletas por codinomes, garantindo, assim, o anonimato. Desta forma, você pode ficar a vontade para dizer o que quiser. Além disso, a sua participação é voluntária. A qualquer momento da entrevista você poderá solicitar a interrupção da mesma, caso você se sinta incomodado ou constrangido com as questões ou não deseje continuar contribuindo com a pesquisa.

#### Eixos temáticos

##### \*História individual

- Idade
- Onde nasceu
- Aonde mora e com quem
- Experiência com o futsal (idade de início, motivos que levaram a praticar, como chegou ao clube, equipes, conquistas, etc.)
- Experiência com outros esportes (futebol, etc.)
- Organização da rotina diária (escola, estudo, deslocamentos, treinamento, descanso, alimentação, lazer e outras atividades)

##### \*Futsal

- Como você se vê enquanto atleta (posição características) e como os outros o veem
- Estrutura do clube (suporte financeiro, material e outros)
- Rotina de treinamento
- Rotina de jogos/competições
- Cuidados com o corpo (estética, lesões, saúde, etc.)
- Relacionamento com treinador e colegas
- Expectativas – progressão na carreira

- Episódios marcantes

\*Escola

- Escolarização (nível, repetência, tipo de escola, etc.)

- Rotina de estudos

- Relacionamento com professores, funcionários e colegas

- Você na visão dos professores e demais colegas

- Desempenho escolar, disciplinas preferidas e visão sobre a Educação Física

- Experiências vividas e representadas na escola (atividades extracurriculares)

- Expectativas

- Episódios marcantes

\*Família

- Apoio e/ou resistência familiar para o projeto de carreira (suporte financeiro, acompanhamento em treinamentos/jogos, etc.)

- Relação da família com o clube

- Morar sozinho e longe dos pais

## ANEXO IV

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Técnicos e dirigentes**

- Os pesquisadores responsáveis: **Dr. Jaison José Bassani, Lucas Barreto Klein** e sua equipe estão desenvolvendo a pesquisa “Profissionalização e escolarização de jovens atletas de Futsal”, com o objetivo de **analisar como se dá o processo de formação e de escolarização de jovens que investem na carreira de futsal. Pretendemos com o estudo fornecer uma base de dados para análises sobre a rotina em que os jovens atletas de futsal, inseridos em categorias de base de clubes de Santa Catarina, estão submetidos.**

- Esse instrumento será aplicado por um(a) pesquisador(a), membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea – Universidade Federal de Santa Catarina, sob supervisão direta dos pesquisadores responsáveis, Dr. Jaison José Bassani e Lucas Barreto Klein.

- Na coleta dos dados serão utilizados os seguintes procedimentos: observações participantes, entrevistas e questionários autoadministrados.

- Não haverá desconforto para os voluntários na medida em que os instrumentos apenas levantam informações **sem identificação** e os procedimentos de inquirição não colocam em risco a integridade da sua saúde física e psicológica. Os procedimentos de investigação não causam qualquer malefício ou constrangimento.

- Os voluntários poderão solicitar informações sobre os resultados da pesquisa e poderão desistir mesmo durante as observações, entrevistas ou da aplicação de questionários.

- Os instrumentos não conterão a identificação dos voluntários, mantendo sua privacidade.

- A participação será gratuita e voluntária, isto é, os voluntários não receberão dinheiro ou indenização para participar da pesquisa.

- O voluntário poderá se retirar a qualquer momento da pesquisa, sem nenhum prejuízo ou dano.

- As análises serão realizadas na Universidade Federal de Santa Catarina, MEN/CED/UFSC (sala 7) - Campus Universitário – Trindade, no Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea, onde os autores estarão disponíveis para posteriores dúvidas e esclarecimentos, inclusive no email: lucasbklein@gmail.com.

Eu, \_\_\_\_\_, enquanto \_\_\_\_\_ (cargo na instituição) da Equipe \_\_\_\_\_ de Futsal, declaro que fui esclarecido sobre a pesquisa “Profissionalização e escolarização de jovens atletas de Futsal” e concordo com a minha participação na presente pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Técnico/dirigente do clube

\_\_\_\_\_  
Pesquisador Responsável: Dr. Jaison José Bassani

\_\_\_\_\_  
Pesquisador Principal: Lucas Barreto Klein

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

## ANEXO V

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais e/ou Responsáveis**

- Os pesquisadores responsáveis: **Dr. Jaison José Bassani, Lucas Barreto Klein** e sua equipe estão desenvolvendo a pesquisa “Profissionalização e escolarização de jovens atletas de Futsal”, com o objetivo de **analisar como se dá o processo de formação e de escolarização de jovens que investem na carreira de futsal. Pretendemos com o estudo fornecer uma base de dados para análises sobre a rotina em que os jovens atletas de futsal, inseridos em categorias de base de clubes de Santa Catarina, estão submetidos.**

- Esse instrumento será aplicado por um(a) pesquisador(a), membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea – Universidade Federal de Santa Catarina, sob supervisão direta dos pesquisadores responsáveis, Dr. Jaison José Bassani e Lucas Barreto Klein.

- Na coleta dos dados serão utilizados os seguintes procedimentos: observações participantes, entrevistas e questionários autoadministrados.

- Não haverá desconforto para os voluntários na medida em que os instrumentos apenas levantam informações **sem identificação** e os procedimentos de inquirição não colocam em risco a integridade da sua saúde física e psicológica. Os procedimentos de investigação não causam qualquer malefício ou constrangimento.

- Os voluntários poderão solicitar informações sobre os resultados da pesquisa e poderão desistir mesmo durante as observações, entrevistas ou da aplicação de questionários.

- Os instrumentos não conterão a identificação dos voluntários, mantendo sua privacidade.

- A participação será gratuita e voluntária, isto é, os voluntários não receberão dinheiro ou indenização para participar da pesquisa.

- As análises serão realizadas na Universidade Federal de Santa Catarina, MEN/CED/UFSC (sala 7) - Campus Universitário – Trindade, no Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea, onde os autores estarão disponíveis para posteriores dúvidas e esclarecimentos, inclusive no email: lucasbklein@gmail.com.

Eu, \_\_\_\_\_,  
declaro que fui esclarecido sobre a pesquisa “Profissionalização e escolarização de jovens atletas de Futsal” e concordo que os atletas da equipe \_\_\_\_\_ participem dela.

Assinatura do(a) responsável: \_\_\_\_\_  
RG: \_\_\_\_\_.

Pesquisador Responsável: \_\_\_\_\_  
RG: \_\_\_\_\_

Pesquisador: \_\_\_\_\_  
RG: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

## ANEXO VI

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Atletas maiores de 18 anos de idade.**

- Os pesquisadores responsáveis: **Dr. Jaison José Bassani, Lucas Barreto Klein** e sua equipe estão desenvolvendo a pesquisa “Profissionalização e escolarização de jovens atletas de Futsal”, com o objetivo de **analisar como se dá o processo de formação e de escolarização de jovens que investem na carreira de futsal. Pretendemos com o estudo fornecer uma base de dados para análises sobre a rotina em que os jovens atletas de futsal, inseridos em categorias de base de clubes de Santa Catarina, estão submetidos.**
- Esse instrumento será aplicado por um(a) pesquisador(a), membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea – Universidade Federal de Santa Catarina, sob supervisão direta dos pesquisadores responsáveis, Dr. Jaison José Bassani e Lucas Barreto Klein.
- Na coleta dos dados serão utilizados os seguintes procedimentos: observações participantes, entrevistas e questionários autoadministrados. Não haverá desconforto para os voluntários na medida em que os instrumentos apenas levantam informações **sem identificação** e os procedimentos de inquirição não colocam em risco a integridade da sua saúde física e psicológica. Os procedimentos de investigação não causam qualquer malefício ou constrangimento.
- Os voluntários poderão solicitar informações sobre os resultados da pesquisa e poderão desistir mesmo durante as observações, entrevistas ou da aplicação de questionários.
- Os instrumentos não conterão a identificação dos voluntários, mantendo sua privacidade.
- A participação será gratuita e voluntária, isto é, os voluntários não receberão dinheiro ou indenização para participar da pesquisa.
- As análises serão realizadas na Universidade Federal de Santa Catarina, MEN/CED/UFSC (sala 7) - Campus Universitário – Trindade,

no Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea, onde os autores estarão disponíveis para posteriores dúvidas e esclarecimentos, inclusive no email: lucasbklein@gmail.com.

Eu, \_\_\_\_\_, atleta da Equipe \_\_\_\_\_ de Futsal, declaro que fui esclarecido sobre a pesquisa “Profissionalização e escolarização de jovens atletas de Futsal” e concordo com a minha participação na presente pesquisa.

Assinatura do atleta: \_\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_.

Pesquisador Responsável: \_\_\_\_\_  
RG: \_\_\_\_\_

Pesquisador: \_\_\_\_\_  
RG: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.